

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

ANA JULIA GUILHERME

**IMIGRANTES HAITIANOS E SENEGALESES NO BRASIL: TRAJETÓRIAS E
ESTRATÉGIAS DE TRABALHO NA CIDADE DE PORTO ALEGRE – RS**

Porto Alegre, agosto de 2017.

ANA JULIA GUILHERME

**IMIGRANTES HAITIANOS E SENEGALESES NO BRASIL: TRAJETÓRIAS E
ESTRATÉGIAS DE TRABALHO NA CIDADE DE PORTO ALEGRE – RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cinara Lerrer
Rosenfield

Porto Alegre, agosto de 2017.

ANA JULIA GUILHERME

CIP - Catalogação na Publicação

Guilherme, Ana Julia

Imigrantes haitianos e senegaleses no Brasil:
trajetórias e estratégias de trabalho na cidade de
Porto Alegre - RS / Ana Julia Guilherme. -- 2017.
110 f.

Orientador: Cinara Lerrer Rosenfield.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Imigração. 2. Haitianos. 3. Senegaleses. 4.
Inserção pelo trabalho . I. Rosenfield, Cinara
Lerrer, orient. II. Título.

IMIGRANTES HAITIANOS E SENEGALESES NO BRASIL: TRAJETÓRIAS E ESTRATÉGIAS DE TRABALHO NA CIDADE DE PORTO ALEGRE – RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Cinara Lerrer Rosenfield (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Maria Clara Mocellin
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Prof^a. Dr^a. Luciana Garcia de Mello
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Marilis Lemos de Almeida
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às pessoas e às instituições que contribuíram para a realização desta dissertação:

Primeiramente, a minha família pelo apoio incondicional na minha vida, principalmente pelo empurrão para a seleção de Mestrado.

À CAPES, pela concessão da bolsa durante o curso e, assim, pela oportunidade de dedicação exclusiva ao Mestrado.

À professora Cinara, pela orientação dedicada, agradeço a generosidade, paciência e todo o apoio durante essa jornada. Também, a todos os integrantes de seu grupo de pesquisa em Trabalho e Justiça social (JusT), pelos excelentes conhecimentos compartilhados durante as reuniões. Especial ao Thales, pela disponibilidade e atenção no auxílio a esta pesquisa.

Às professoras Luciana Mello e Maria Clara Mocellin, pelas contribuições e sugestões durante a banca de qualificação e por aceitarem mais uma vez o convite para a avaliação deste trabalho. À professora Marilis Almeida, pelas aulas desde a graduação, pela oportunidade do estágio docente em sua disciplina e também por aceitar a integrar a banca de defesa.

À UFRGS e ao PPGS pela excelente estrutura e formação. À Regiane, por todo o seu trabalho e empenho por solucionar os problemas cotidianos.

A todos os professores com quem tive aula no Mestrado, principalmente ao professor Fernando Cotanda, orientador do meu TCC e quem me apoiou para a seleção do Mestrado. Ainda, a todos os professores que fizeram parte da minha graduação, em especial à Naira Lapis, minha primeira professora de Sociologia, por quem tenho muita admiração.

À turma de 2015 do Mestrado, principalmente, aos grandes amigos que fiz durante o curso: Cláucia, Cristiane, Fernando, Guillermo, José Eduardo, Liciane, Maria Gabriela, Roney e Maíra. Sem dúvidas, vocês fizeram o meu Mestrado mais leve!

Ao GAIRE, grupo que me acolhe desde 2013, que me incentivou a continuar estudando e trabalhando na temática migratória, obrigada pelo afeto e pelo sonho compartilhado de fazer diferença com a extensão universitária.

À Bianca, ao Daniel, à Mariana e à Monique pela amizade de sempre e que, apesar da distância, sempre me enviam boas energias.

Agradeço à PROPG/UFRGS pelo programa de intercâmbio CEAL – Santander, com o convênio da Universidad Autónoma de Madrid. Foi um semestre muito enriquecedor para o Mestrado e para a minha vida. A todos os professores e colegas que tive na UAM, pela acolhida, pelos ensinamentos e pela pluralidade de olhares com os quais aprendi bastante. Gracias especiais às professoras Ana Planet, Liliana Suárez-Navaz e Mercedes Jabardo pelos bons debates durante as aulas e pelas conversas extraclasse.

A minha família de Madrid – *aos pisos de Nacho* – muito obrigada por tudo, especialmente pelo suporte emocional nos últimos dias na Espanha.

A todos os amigos que acompanham a minha trajetória, gratidão pelo companheirismo e pelas grandes aventuras vivenciadas, vocês deixam a minha vida muito mais feliz!

Por fim, agradecimentos especiais a todos os haitianos, senegaleses e à Maria do Carmo, que me concederam entrevista e se dispuseram a falar sobre a sua vida e seu trabalho para a realização desta pesquisa!

RESUMO

Esta dissertação versa sobre as estratégias e trajetórias de trabalho apresentadas por imigrantes senegaleses e haitianos na cidade de Porto Alegre – Rio Grande do Sul, entre os anos de 2010 e 2016. Os fluxos haitiano e senegalês estão inseridos na nova onda migratória para o Brasil, que ingressou no país a partir de 2010 e teve o seu *boom* nos anos de 2013 e 2014. A partir de 24 entrevistas semiestruturadas – 11 com haitianos, 12 com senegaleses e uma com uma profissional de um dos principais centros de atendimento à população migrante do estado – foi constatado que ambas as nacionalidades apresentaram similitudes nas trajetórias de trabalho, como as atividades desempenhadas no trabalho formal; as más condições de trabalho e o preconceito existente na sociedade local. Ademais, o contexto de crise econômica no período da pesquisa empírica e as suas consequências no trabalho dos imigrantes, bem como os vínculos com o país de origem, também foram influentes nas trajetórias de ambos os imigrantes. No entanto, observamos dois aspectos que se destacaram entre os haitianos e senegaleses em Porto Alegre que estão envolvidos em suas distintas estratégias de trabalho: a rede de contatos dos senegaleses e a importância da legalidade para os haitianos.

Palavras-chave: Imigração; Haitianos; Senegaleses; Inserção pelo Trabalho.

ABSTRACT

This thesis discusses the labour trajectories and strategies presented by Senegalese and Haitian immigrants in the city of Porto Alegre - Rio Grande do Sul, between 2010 and 2016. The Haitian and Senegalese flows are inserted in the new migratory wave to Brazil, which started in 2010 and had its boom between 2013 and 2014. From 24 semi-structured interviews - 11 with Haitians, 12 with Senegalese and one with a professional from one of the main centers of assistance to the migrant population in the State of Rio Grande do Sul - it was found that both nationalities showed similarities in the labour trajectories, such as the activities performed in the context of formal labour market; the poor working conditions and the prejudice that exists in the local society. In addition, the context of economic crisis in the period of the empirical research and its consequences on the work of immigrants, as well as the ties with the country of origin, were also influential in the trajectories of both immigrant groups. However, we note two aspects that stood out among the Haitians and Senegalese in Porto Alegre which relate to their distinct labour strategies: the network of contacts of the Senegalese and the importance of legality for the Haitians.

Keywords: Immigration; Haitians; Senegalese; Insertion through labour.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

AIHB – Associação dos Imigrantes Haitianos no Brasil

CAM – Centro de Atendimento ao Migrante

CNIg – Conselho Nacional de Imigração

CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados

CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social

DESA - Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas

EUA – Estados Unidos da América

FGTS – Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

GAIRE – Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

MINUSTAH – Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti

OBMigra – Observatório das Migrações Internacionais

OIM – Organização Internacional das Migrações

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

RS – Rio Grande do Sul

SINE – Sistema Nacional de Empregos

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 O <i>boom</i> imigratório no Brasil e suas características	11
1.2 Problematização.....	14
1.3 Objetivos	17
1.3.1 Objetivo geral	17
1.3.2 Objetivos específicos.....	18
1.4 Hipótese:	18
1.5 Procedimentos metodológicos	18
1.5.1 Perfil dos entrevistados.....	21
2. MIGRANTES ECONÔMICOS: OS CASOS HAITIANO E SENEGALÊS NO BRASIL.....	26
2.1 A mobilidade internacional e o enfoque econômico	26
2.2 Os imigrantes, o mercado de trabalho e o contexto brasileiro	31
2.3 O Haiti e a emigração para o Brasil	39
2.4 O Senegal e a emigração para o Brasil	44
3. TRAJETÓRIAS DE TRABALHO DE HAITIANOS E SENEGALESES NO RIO GRANDE DO SUL E BRASIL.....	51
3.1 O Brasil e o Rio Grande do Sul como local de destino	51
3.2 A inserção pelo trabalho	55
3.2.1 Trabalho formal versus trabalho informal	59
3.2.2 As condições de trabalho	62
3.2.3 O preconceito	65
3.3 O mercado de trabalho brasileiro e as relações com o país de origem	68
3.4 O momento atual	72
4. ASPECTOS DIFERENCIAIS NAS ESTRATÉGIAS DE TRABALHO DE HAITIANOS E SENEGALESES EM PORTO ALEGRE – RS.....	78
4.1 A rede de contatos dos senegaleses	78
4.2 A legalidade dos haitianos.....	87
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
7. APÊNDICE	108
7.1 Roteiro de entrevista com imigrantes haitianos e senegaleses.....	108
7.2 Roteiro de entrevista com a coordenadora do Centro de Atendimento ao Migrante ...	109

1. INTRODUÇÃO

O enfoque desta dissertação de Mestrado está nos imigrantes¹ haitianos e senegaleses que estão no Brasil e as suas estratégias de trabalho apresentadas em suas trajetórias nos últimos anos. É importante salientar que aqui utilizaremos o termo trabalho para referirmos à fonte de renda, ao emprego (quando há uma relação com carteira de trabalho, em um cargo ocupado pelo indivíduo em uma empresa ou órgão público), e ao trabalho de forma geral, em que constitui a função de criar bens materiais ou simbólicos (ANTUNES, 2011), incluindo o trabalho informal².

A partir disso, o contexto desta pesquisa é a nova onda migratória que ingressou no país, principalmente, entre os anos de 2010 a 2014 e está inserida nos fluxos internacionais atuais conhecidos como Sul-Sul, em que os países que ilustram esta nova dinâmica são os que estão em fase de desenvolvimento. A organização da dissertação inclui os aspectos envolvidos no objeto desta pesquisa – expostos no segundo capítulo – que são as características econômicas destes deslocamentos; a situação do mercado de trabalho para os sujeitos em estudo: imigrantes, negros e oriundos de países não desenvolvidos; e os contextos de emigração da população haitiana e senegalesa. Os capítulos três e quatro têm ênfase na parte empírica e analítica da investigação, em que descrevem as trajetórias de trabalho que os imigrantes tiveram nas cidades que residiram no Brasil e os principais aspectos diferenciais que os haitianos e senegaleses apresentaram para as estratégias de trabalho em Porto Alegre - RS. Antes de escrevermos sobre os principais objetivos desta investigação, iremos retomar brevemente sobre o contexto dos processos migratórios para o Brasil.

1.1 O *boom* imigratório no Brasil e suas características

¹ Utilizaremos o termo imigrante/imigração para referirmos à situação em que o sujeito entra em um país estrangeiro, que imigra; migrante/migração para o movimento de entrada ou saída do indivíduo; emigrante/emigração quando a pessoa sai de seu país de origem.

² Nesta dissertação, utilizaremos o termo informal em seu sentido tradicional, que se refere à ausência de relação de emprego e carteira de trabalho.

O fenômeno das migrações sempre esteve presente na história do Brasil, embora suas dinâmicas tenham sido distintas conforme os ciclos. Na época do Império, os colonizadores portugueses ingressaram no país, trazendo também escravos africanos para trabalharem em suas terras, que alguns autores consideram como migração forçada, mas tal afirmação demanda ainda muita reflexão, visto que um tráfico de pessoas foi o que realmente aconteceu.

Depois disso, até final da década de 1950, em que o Brasil buscava mão de obra devido à abolição da escravidão, a migração predominante no país foi europeia, principalmente de alemães, italianos e portugueses e, em menor número, de asiáticos, como japoneses, turcos e libaneses. Ademais da mão de obra, podemos dizer que este tipo de migração foi uma política estatal para clarear a população, foi um projeto de branqueamento que defendia uma “higienização moral e cultural da sociedade brasileira” (PATEAN, 2013).

Após 1950 e até o final da década de 1990, o processo migratório no Brasil foi marcado pela entrada de latino-americanos e africanos, em um contexto de ditaduras no continente e de independência de algumas colônias na África (ZAMBERLAM et al, 2014). As migrações para o Brasil até a década de 80 e 90 foram influenciadas pelo contexto internacional da globalização, em que a vinda das diversas nacionalidades foi incentivada pela transformação da economia e com a oferta de vagas de trabalho, no país, principalmente em indústrias automobilísticas, químicas, siderúrgicas e de transporte. Ainda, neste período, especialmente na segunda metade do século XX, o Brasil apresentou uma emigração, em que os brasileiros deixavam o país em busca de melhores oportunidades de vida. Os principais destinos desta emigração brasileira foram os Estados Unidos e os países do continente europeu.

No início do século XXI, os imigrantes no Brasil ainda são, em sua maioria, latino-americanos e, agora, com um grande contingente de colombianos e mexicanos (ZAMBERLAM et al, 2014). Porém, um novo coletivo migratório começa a aparecer expressivamente, composto por, majoritariamente, caribenhos, africanos e sul-asiáticos. Uebel (2015) chama a atenção de como a década de 2000 acarretou transformações políticas, econômicas, sociais e culturais no cenário internacional. Exemplos dessas mudanças foram os chamados atentados terroristas, as diferentes guerras e conflitos ao redor do mundo, a crise econômica que afetou muitos países nos

anos de 2008 a 2010. Estes fatores influenciaram na dinâmica migratória para o Brasil, que registrou números expressivos comparativamente a anos anteriores (UEBEL, 2015).

O *boom* imigratório para o Brasil se destaca ainda mais, segundo Uebel (2015), se compararmos com estatísticas de outros países, como os Estados Unidos, país que frequentemente recebe alto índice de estrangeiros. Os Estados Unidos apresentaram um crescimento de aproximadamente 23% relativo ao número de imigrantes, enquanto o Brasil teve cerca de 450%. O pesquisador coloca que “mudanças na macroestrutura conjuntural do país nas áreas de infraestrutura, construção, tecnologia, inovação e serviços é que tornaram atrativa a vinda de imigrantes estrangeiros”, o que explica o crescimento expressivo do número de imigrantes no Brasil (UEBEL, 2015, p. 74).

Além disso, Zamberlam et al (2014) explicam que, mesmo que o Estatuto do Estrangeiro vigente na época do *boom* seja o de 1980 e atrasado em muitos aspectos no que se refere à acolhida aos imigrantes, o país apresenta um papel de destaque internacional nesta temática. Em 1994, o Brasil assina a Declaração de Cartagena, em que se compromete, principalmente, na garantia de direitos dos refugiados; este comprometimento se revela na lei 9.474³ de 1997, em que garante que os solicitantes de refúgio possuem os mesmos direitos que os refugiados já reconhecidos, podendo se inserir no mercado de trabalho formal; o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) avalia mais solicitações de refúgio e evita a situação irregular de muitos estrangeiros e, para isso, “o caminho seguido foi da concessão do Visto Provisório, com possibilidade de transformá-lo em Permanente” (ZAMBERLAM et al, 2014, p. 14). Ademais, os pesquisadores também elencam uma série de acordos internacionais, como o de Cooperação com o Haiti e os diversos acordos de residência com os nacionais do MERCOSUL, que dão uma maior visibilidade ao país no âmbito migratório.

Podemos analisar o chamado *boom* imigratório no Brasil também a partir de dados no mercado de trabalho. Como mostram Cavalcanti, Oliveira e Araújo (2016), no Relatório anual de 2016 do Observatório das Migrações (OBMigra)

³ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm (acessado em julho de 2017)

sobre a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro⁴, o número de trabalhadores imigrantes no mercado formal cresceu exponencialmente nos últimos anos. O relatório apresenta os dados do Conselho Nacional da Imigração (CNIg), vinculado ao Ministério do Trabalho, em que mostram as autorizações de trabalho concedidas para os imigrantes. Conforme o relatório, os haitianos lideram a lista: em 2011, foram 708 autorizações para os haitianos, e em 2015 passou a 41.632, em um total de 51.124 nestes quatro anos. Em segundo lugar estão os oriundos de Bangladesh, com um total de 1.941 autorizações de 2011 a 2015 e, em terceiro, os senegaleses, com 754 autorizações no mesmo período. De acordo com a pesquisa, estas três nacionalidades representam 93% das autorizações concedidas de 2011 a 2015 (CAVALCANTI, OLIVEIRA e ARAÚJO, 2016, p. 61).

Sobre o perfil dos imigrantes de 2011 a 2015, segundo dados do OBMigra de 2016 com relação ao mercado de trabalho formal, foram concedidas majoritariamente autorizações a homens, oriundos do Haiti, Bangladesh e Senegal, com idade entre 20 e 34 anos, seguindo de homens de 35 a 49 anos. Neste relatório, com relação à escolaridade, 85% das autorizações constam como nível educacional não informado. Dos que apresentam esta informação (cerca de 9.000 imigrantes), 2.566 imigrantes possuem Ensino Fundamental incompleto, seguindo de Ensino Médio incompleto, com 2.342 imigrantes (CAVALCANTI, OLIVEIRA e ARAÚJO, 2016).

1.2 Problematização

Assim como o Brasil, o Sul do país também passou a ser destino destes novos fluxos migratórios nos últimos anos. Nesta região, as duas nacionalidades estrangeiras que mais se destacam – em números e perante a população – são a haitiana e a senegalesa. Se analisarmos dados como IDH e PIB do Rio Grande do Sul, podemos pensar que há uma “atração tanto

⁴ Disponível em <http://obmigra.mte.gov.br/index.php/relatorio-anual> (acessado em julho de 2017)

econômica quanto social superior ao Haiti e Senegal”, o que pode explicar a continuidade destes fluxos nos últimos anos (UEBEL, 2015, p. 140).

Como acontece em outros países, no Brasil, ser migrante e negro, e também pobre, pode representar desvantagens com relação à posição no mercado de trabalho, devido ao preconceito existente. Analisando o trabalho dos imigrantes no país, Vilela, Collares e Noronha (2015), expõem suas análises a partir de dados do Censo de 2010, e concluem que os latinos e nativos negros estão em desvantagem no mercado de trabalho brasileiro com relação aos nativos brancos. Entretanto, as autoras aqui encontram diferenças com relação a outros países, como

Ao contrário do que ocorre em outras sociedades como os Estados Unidos [...], os nativos migrantes negros apresentam menor desvantagem no mercado de trabalho do que migrantes latinos (bolivianos, paraguaios, peruanos e uruguaios no caso) ante o grupo majoritário de nativos migrantes brancos. (VILELA, COLLARES, NORONHA, 2015, p. 33)

Isso acontece, segundo as autoras, porque a variável origem/cor/raça causa efeito negativo nos rendimentos do mercado de trabalho, porém em menor grau para os brasileiros negros. Ou seja, conforme o estudo, as pessoas negras apresentam uma melhor situação do que os imigrantes internacionais no mercado de trabalho do país. Dessa forma, é necessário destacar que o mercado de trabalho brasileiro é um espaço que gera desigualdades e “que os grupos são discriminados por suas origens nacionais e/ou cor/raça” (VILELA, COLLARES, NORONHA, 2015, p. 34).

Partindo desses pressupostos, os haitianos e senegaleses, que são, sobretudo, imigrantes negros e pobres, podem apresentar, por um lado, uma tendência a similaridades na inserção no mercado de trabalho brasileiro. No Rio Grande do Sul, aspectos comuns destas duas nacionalidades no mercado de trabalho formal é que tendem a se inserir em indústrias de móveis e metalúrgicas, na construção civil, na indústria de alimentos, no setor de serviços, etc (ZAMBERLAM ET AL, 2014; UEBEL, 2015).

Por outro lado, podemos encontrar algumas particularidades conforme a origem do trabalhador imigrante. Uma característica dos senegaleses no mercado de trabalho é que estes se inserem também em indústrias de abate de aves, e uma das justificativas é a sua religião muçulmana, a qual é

procurada pelo corte específico chamado Halal⁵. Dessa forma, o Rio Grande do Sul atraiu os senegaleses por seus frigoríficos, uma vez que o Brasil é um país exportador de carne de frango para os países árabes e, assim, é necessária a certificação específica da cultura islâmica (HERÉDIA e TEDESCO, 2015; UEBEL, 2015).

Como afirma Gonçalves (2015), os senegaleses são majoritariamente de tradição muçulmana, diferentemente dos haitianos que são, em sua maioria, de religiões pentecostais, neopentecostais ou também praticantes do *vodu*. A partir da religião, também podemos analisar a integração destes migrantes na sociedade local: enquanto que a dos haitianos acontece principalmente através de igrejas pentecostais (GONÇALVES, 2015); a dos africanos se dá pelas Associações dos Senegaleses criadas nas cidades que mais concentram estes migrantes, porém organizações religiosas como Daira⁶ são bastante influentes no processo de inserção social (MOCELLIN, 2015).

Outra diferença é que os senegaleses são vistos em trabalhos informais, especialmente no comércio ambulante de eletrônicos, roupas e acessórios em diversas cidades brasileiras (UEBEL, 2015; MOCELLIN, 2015). Por exemplo, em Porto Alegre, os senegaleses que trabalham como vendedores ambulantes podem ser vistos em diferentes locais como na Avenida Assis Brasil, em ruas do Bairro Bom Fim como a Avenida Osvaldo Aranha, e em diversas do Centro da cidade. E, até o momento, não se tem pesquisas e estudos que demonstrem que há uma parte expressiva de imigrantes haitianos no mercado informal no Brasil.

O comércio ambulante dos senegaleses também já foi percebido em outros países, como argumenta Riccio (1998), no caso dos migrantes senegaleses na Itália. Ainda, temos observações dessa característica nos países da África, que dividem fronteiras com o Senegal (UEBEL, 2015), além da Argentina (KLEIDERMACHER, 2013). Outra diferença entre haitianos e senegaleses que Uebel (2015) coloca é que os primeiros, principalmente na chamada segunda geração haitiana, costumam migrar acompanhados de sua família; e os senegaleses possuem a tendência de migrarem sozinhos.

⁵ Halal, no islão, significa permitido, autorizado. Halal pode se referir aos alimentos que são permitidos pelo Islamismo, aos comportamentos em geral.

⁶ A expressão Daira (Dahira) significa reunião semanal, em que os membros se reúnem semanalmente em irmandades religiosas, tradição dos senegaleses muçulmanos.

Em síntese, podemos observar que os haitianos e senegaleses são dois coletivos de trabalhadores imigrantes que são relevantes deste novo momento para os fluxos no Brasil. Consideramos que tanto os haitianos como os senegaleses são oriundos de migrações essencialmente econômicas no Brasil (ZAMBERLAM ET AL, 2014; UEBEL, 2015), e também são, em sua maioria, trabalhadores homens, negros e pobres (VILELA, COLLARES, NORONHA, 2015). De acordo com os aspectos anteriormente citados, podemos nos questionar como esses sujeitos – ao chegarem e se estabelecerem no Brasil – podem desenvolver estratégias e trajetórias distintas com relação ao trabalho e quais os fatores envolvidos nessas diferenças?

Neste sentido, operacionalmente, por trajetórias de trabalho dos imigrantes nos referimos ao dinamismo “da movimentação dos trabalhadores no mercado de trabalho, podendo apresentar características diversas, em função das formas diferenciadas que a gestão da força de trabalho assume nas organizações” (COGO, 2011, p. 465). E as trajetórias de trabalho dos entrevistados podem estar envolvidas com as suas estratégias de trabalho. Para as estratégias de trabalho, pensamos nas características que os trabalhadores possuem, tais como

[...] tipo de atividade laboral desejada; investimento em qualificação profissional e em escolaridade; competência; rede de contatos profissionais; papel de provedor de família, sexo e idade. (COGO, 2011, p. 466)

Ou seja, a partir dessas características, nos referimos a estratégias de trabalho dos haitianos e senegaleses a “estratégias de obtenção de postos de trabalho” que eles apresentam em seu perfil (COGO, 2011, p. 466). E como ressalta o autor, devemos lembrar que as estratégias de trabalho também estão relacionadas com as condições oferecidas pelo empregador e pela oportunidade de postos de trabalho, isto é, as oportunidades laborais que os imigrantes encontram quando chegam no Brasil.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Compreender quais os fatores que influenciam nas diferenciações das estratégias e trajetórias de trabalho para os haitianos e senegaleses, apesar do perfil ser praticamente o mesmo destas duas nacionalidades: homens, trabalhadores, pobres e negros.

1.3.2 Objetivos específicos

- Identificar as diferentes culturas e trajetórias de trabalho e mobilidade que haitianos e senegaleses apresentam em Porto Alegre – RS;
- Analisar como as dinâmicas familiares e religiosas desses grupos imigrantes influenciam no desenvolvimento de estratégias e trajetórias de trabalho no Brasil;

1.4 Hipótese:

Os imigrantes que estão no país desenvolvem estratégias e trajetórias em relação ao trabalho que são caracterizadas pela sua pluralidade. Ser imigrante no Brasil não impõe uma trajetória e estratégia específica em relação ao trabalho. Os imigrantes não são commodities que respondem às variações de demanda de mão de obra não especializada de forma mecânica. Diferentemente disso, eles desenvolvem as suas próprias estratégias vinculadas as suas particularidades, como: culturas e trajetórias de trabalho e mobilidade; e dinâmicas familiares e valores religiosos. Deste modo, a suposição socialmente aceita de que o imigrante pobre e negro aceita “qualquer trabalho” não é verdadeira. Os imigrantes buscam o “trabalho possível” dentro de suas concepções morais e culturais vinculadas ao trabalho e ao bem-estar familiar.

1.5 Procedimentos metodológicos

Esta dissertação de Mestrado foi desenvolvida a partir de técnicas qualitativas de coleta e análise de dados. Partindo dos pressupostos de Bachelard, em que a realidade é construída e o conhecimento é a resposta a uma pergunta, criamos uma problemática, pois como afirma o autor

Em primeiro lugar, é preciso formular problemas. E, digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse sentido do problema que caracteriza o verdadeiro espírito científico. [...] Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído. (BACHELARD, 1996, p. 18).

A partir disso, o autor defende que o empirismo é o ponto de partida entre o sujeito e o objeto de pesquisa, decidimos pelas entrevistas semiestruturadas. Nestas entrevistas, um dos propósitos é não ter um modelo fechado de roteiro, mas possuir um guia como base para melhor aproveitarmos as falas dos entrevistados. De acordo com Flick (2013), com este tipo de entrevista, obtemos um diálogo com o entrevistado a partir de nossas questões iniciais e, assim, constatamos a percepção de cada um sobre a temática da pesquisa.

A parte empírica desta pesquisa é constituída por 24 entrevistas semiestruturadas. Dos 24 entrevistados, 11 são imigrantes haitianos, 12 senegaleses e uma coordenadora de um dos principais centros de atendimento ao migrante do Rio Grande do Sul – o CAM⁷ de Caxias do Sul. O contato com os primeiros entrevistados deu-se pela participação da pesquisadora em um projeto⁸ de integração com imigrantes na Zona Norte da cidade e a técnica para chegar aos entrevistados seguintes foi o da bola de neve, embora muitas vezes os contatos indicados não foram entrevistados devido a barreiras linguísticas.

Além da questão do idioma, é importante salientar que as entrevistas com os imigrantes possuíram outras dificuldades. O principal obstáculo foi a questão cultural, em que os entrevistados não se sentiam confortáveis sem

⁷ O CAM existe há mais de 30 anos, mantido pela Igreja Católica, seu principal objetivo é facilitar a integração de imigrantes na cidade de Caxias do Sul e região.

⁸ O projeto foi desenvolvido pelo GAIRE e por outros profissionais e estudantes voluntários que perceberam uma dificuldade na comunicação entre os imigrantes e os servidores de um Posto de Saúde no Bairro Sarandi. A partir de então, foi pensado em um acompanhamento em outras demandas da população imigrante, com a realização de oficinas quinzenais na Zona Norte de Porto Alegre, trabalhando com temas sobre o acesso à educação, ao trabalho, à saúde e a outras políticas públicas.

relações de confiança para contarem sobre a sua vida, e a indicação de outros imigrantes foi fundamental no processo. Um dos elementos que contribuiu foi a indicação de imigrantes com bastante referência entre eles, por exemplo, o presidente da Associação de Senegaleses da cidade. Outro fator favorável para que os imigrantes aceitassem responder as perguntas foi o trabalho da pesquisadora no GAIRE, na medida em que alguns haitianos e senegaleses disseram que só concederiam entrevista devido à contribuição do GAIRE com os imigrantes.

No caso das entrevistas com os vendedores ambulantes, em sua maioria, foi iniciado o contato no local de trabalho mesmo, isto é, na rua. Alguns senegaleses foram muito receptivos e gostaram de responder as perguntas, dizendo que “era bom conversar com alguém, pois se sentiam sozinhos”. Outros já desconfiavam bastante das entrevistas, não permitindo o uso do gravador e questionavam o porquê da realização da pesquisa. Os que aceitaram ouvir a explicação com mais calma, foram entrevistados, mas outros recusaram prontamente.

Todos os entrevistados residem em Porto Alegre – RS, com exceção da profissional do Centro de Atendimento e de um imigrante que moram em Caxias do Sul – RS. Estes entrevistados foram escolhidos devido a sua experiência e conhecimento da temática e devido a sua aparição na mídia e nas redes sociais, respectivamente. Os imigrantes, majoritariamente, trabalham na cidade de Porto Alegre, embora dois tenham emprego na região metropolitana, como Viamão e Guaíba. Foram escolhidos os imigrantes que chegaram entre os anos de 2010 e 2015, período que compreendeu o chamado *boom* migratório, com exceção do entrevistado 18⁹. Devido aos indicadores das pesquisas realizadas (OBMigra, 2016), o recorte da pesquisa constituiu de apenas entrevistados homens, os principais sujeitos destes novos fluxos migratórios.

Foram selecionados imigrantes senegaleses e haitianos por representarem as duas principais nacionalidades estrangeiras no Rio Grande do Sul da nova onda migratória. Também, outro aspecto que motivou para a

⁹ Como será mostrado na tabela, o entrevistado 18 chegou ao Brasil em 2008 e, assim, não se encaixava nos perfis que buscávamos para esta investigação. Porém, o seu cargo de Presidente da Associação dos Senegaleses em Porto Alegre e seu conhecimento sobre a temática mostrou-se relevante para a pesquisa.

delimitação do objeto, foi a minha experiência de trabalho no atendimento aos imigrantes e de já observar certas diferenças na inserção pelo trabalho entre haitianos e senegaleses.

A escolha do local das entrevistas foi de acordo com a proximidade do local de trabalho ou de moradia do entrevistado, na maioria das vezes deu-se após a jornada de trabalho em alguma cafeteria da cidade. Muitas das entrevistas também aconteceram no Centro Vida¹⁰ da Zona Norte – um centro provisório de recebimento de migrantes organizado pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul – que se tornou um local de lazer para haitianos e senegaleses. O tempo de cada entrevista foi diversificado, tendo entrevistas de quase duas horas e outras de 30 minutos, porém a duração média foi de aproximadamente 40 minutos.

Para a análise dos dados coletados, transcrevemos todas as entrevistas, com exceção da 13, 14 e 15, em que os imigrantes não permitiram o uso do gravador durante a entrevista e, assim, foi apenas utilizado um bloco de notas no momento da coleta dos dados. O nome dos entrevistados e seus locais de trabalho foram preservados a pedido dos imigrantes.

Devido a algumas dificuldades nas entrevistadas mostradas anteriormente, como a não fluência em língua portuguesa e barreiras culturais, as entrevistas não foram aprofundadas. Também, por este fator, o roteiro¹¹ foi se transformando ao longo da realização das entrevistas, para que fossem de acordo com as situações vivenciadas. Dessa forma, para a análise desta dissertação, foi construído um mosaico de todos os dados encontrados e, assim, o destaque desta pesquisa é a sua parte empírica, que mesmo com as dificuldades relatadas, foi constituída por 23 falas de imigrantes haitianos e senegaleses. No entanto, como conclusão desta investigação, lançamos hipóteses explicativas que necessitam de novos estudos para serem aprofundadas.

1.5.1 Perfil dos entrevistados

¹⁰ O Centro Vida é um centro de lazer, cidadania, educação e cultura desenvolvido pelo governo do Rio Grande do Sul - Fonte: <http://www.fgtas.rs.gov.br/vida-centro-humanistico> (acessado em julho de 2017).

¹¹ Ver apêndice

Abaixo, apresentamos o perfil dos 24 entrevistados durante a pesquisa:

Tabela 1: Perfil dos entrevistados haitianos

Entrevistado	País de origem	Idade	Chegada ao Brasil	Escolaridade	Ocupação país de origem	Ocupação atual
E1	Haiti	35	2014	Ensino Superior incompleto	Estudante	Auxiliar de Almoarifado
E3	Haiti	31	2014	Ensino Médio incompleto	Trabalho na construção civil	Desempregado
E4	Haiti	36	2014	Ensino Médio incompleto	Trabalho na construção civil e comerciante	Desempregado
E5	Haiti	27	2015	Ensino Médio completo	Trabalho na agricultura e professor do ensino básico	Desempregado
E8	Haiti	37	2014	Ensino Superior incompleto	Mestre de obra e professor do ensino básico	Porteiro em dois lugares distintos
E16	Haiti	35	2013	Ensino Superior completo	Jornalista e professor de francês e inglês	Desempregado
E17	Haiti	26	2015	Ensino Médio incompleto	Trabalho na agricultura	Auxiliar de estoque em loja
E19	Haiti	38	2013	Ensino Superior completo	Agrônomo	Auxiliar de limpeza em escola
E21	Haiti	33	2014	Ensino Médio incompleto	Vendedor autônomo	Frentista
E22	Haiti	26	2013	Ensino Médio completo	Técnico em farmácia	Desempregado
E23	Haiti	24	2015	Ensino Médio completo	Técnico em construção civil	Auxiliar de limpeza

Tabela 2: Perfil dos senegaleses entrevistados:

Entrevistado	País de origem	Idade	Chegada ao Brasil	Escolaridade	Ocupação país de origem	Ocupação atual
E2	Senegal	30	2013	Superior completo	Trabalho na área administrativa	Professor particular de francês
E6	Senegal	30	2013	Ensino Médio incompleto	Dono de oficina	Auxiliar de Manutenções em Parque Aquático
E7	Senegal	26	2014	Ensino Médio completo	Professor de árabe	Padeiro e copeiro em churrascaria
E9	Senegal	24	2014	Ensino Médio incompleto	Concursado na polícia e vendedor	Frentista
E10	Senegal	27	2010	Ensino Médio completo	Trabalho na gráfica de seu pai	Dono de uma gráfica
E11	Senegal	28	2015	Ensino Médio incompleto	Comerciante	Vendedor ambulante
E12	Senegal	28	2015	Ensino Fundamental incompleto	Costureiro	Vendedor ambulante
E13	Senegal	27	2014	Ensino Fundamental incompleto	Comerciante	Vendedor ambulante
E14	Senegal	37	2014	Ensino Médio incompleto	Mecânico e taxista	Vendedor ambulante
E15	Senegal	20	2014	Ensino Fundamental incompleto	Trabalho na agricultura	Cozinheiro em restaurante
E18	Senegal	30	2008	Ensino Superior incompleto	Vendedor em supermercado da família	Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura; Professor particular de francês; Presidente da Associação dos Senegaleses em POA

E20	Senegal	25	2013	Ensino Fundamental incompleto	Vendedor em loja	Vendedor ambulante
-----	---------	----	------	-------------------------------	------------------	--------------------

Tabela 3: Perfil da profissional entrevistada:

Entrevistada	Ocupação	Instituição	Cidade
E24	Coordenadora do CAM; Irmã Scalabriana; Doutoranda em Ciências Sociais	Centro de Atendimento ao Migrante (CAM)	Caxias do Sul – RS

A partir das características expostas dos entrevistados, não há distinções evidentes no perfil destas duas nacionalidades. Tanto os haitianos quanto os senegaleses apresentaram uma escolaridade diversa, desde o ensino fundamental incompleto até o ensino superior completo. Com relação ao local de origem, também há similaridades, em que a maioria dos haitianos é da capital Porto Príncipe ou de Cabo Haitiano e alguns de cidades menores e mais rurais, como Les Cayes e Lascahobas. No caso dos senegaleses, a maioria dos entrevistados tem origem de Dakar (capital) e de Touba, e os outros são de cidades menos urbanizadas, como Kaolack e Diourbel.

Sobre as atividades econômicas no país de origem, destacam o comércio – no caso dos senegaleses – a agricultura e a construção civil – no caso dos haitianos, embora ambas as nacionalidades apresentaram estas ocupações em suas trajetórias no país de origem. Quanto à faixa etária, também há similitudes, uma vez que os haitianos e senegaleses estão na chamada idade ativa.

A única característica que se destaca de diferença no perfil das duas nacionalidades é o histórico de mobilidade anterior. Os haitianos entrevistados 1, 3, 4 5 e 19 já haviam migrado para a República Dominicana, antes de vir ao Brasil, para fins de trabalho ou estudo. De acordo com os entrevistados, a mobilidade haitiana para o outro país caribenho é bastante comum há anos, e aumentou depois do terremoto de 2010, com a destruição de escolas,

universidades e menor oferta de trabalhos. Essa experiência anterior com migrações internacionais não foi encontrada nos entrevistados senegaleses.

Partindo desta apresentação, seguiremos com a contextualização destes fluxos migratórios e os principais aspectos que estão envolvidos nesses fenômenos. Sobre as ocupações atuais no Brasil, descreveremos no terceiro capítulo desta dissertação, no qual o destaque está na parte empírica da pesquisa.

2. MIGRANTES ECONÔMICOS: OS CASOS HAITIANO E SENEGALÊS NO BRASIL

Neste capítulo serão abordados os temas da migração internacional e suas características econômicas, a fim de melhor compreendermos os fluxos senegalês e haitiano. Também revisaremos o contexto do Haiti e do Senegal e quais os fatores que contribuem para uma emigração de sua população e, dessa forma, para os processos migratórios para o Brasil. Ainda, exploraremos referenciais teóricos desta pesquisa sobre haitianos e senegaleses, a saber, a situação desses sujeitos no mercado de trabalho brasileiro.

2.1 A mobilidade internacional e o enfoque econômico

Nos últimos anos, percebe-se um aumento significativo dos fluxos migratórios internacionais, de acordo com Relatório¹² realizado pela Organização das Nações Unidas para Migração Internacional e Desenvolvimento. Conforme os dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (DESA)¹³, em 2015, o número de migrantes internacionais no mundo é de 244 milhões (destes 20 milhões são considerados refugiados¹⁴), o que representa um aumento de 41% se compararmos com os números do ano de 2000. Ademais, o número de migrantes internacionais de 2015 corresponde a 3,3% da população mundial, segundo a ONU.

Sabe-se que a mobilidade ou o ato de migrar existe desde os princípios da história da humanidade, e geralmente é definido como o deslocamento espacial de um indivíduo ou de um grupo de pessoas por determinadas motivações, como econômicas, políticas, ambientais, religiosas, de guerras, etc. Também, as migrações podem ser locais, regionais ou internacionais,

¹² Disponível em: http://www.un.org/esa/population/migration/ga/SG_Report_A_68_190.pdf (acessado em julho de 2017)

¹³ Fonte: <https://ajonu.org/2012/10/17/departamento-das-nacoes-unidas-para-assuntos-economicos-e-sociais-desa/> (acessado em julho de 2017)

¹⁴ De acordo com o ACNUR, refugiada é aquela pessoa que “temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país” (Fonte: <http://www.acnur.org> – acessado em julho de 2017).

conforme a sua abrangência. Segundo a definição da Organização Internacional para as Migrações (OIM), um migrante é

[...] cualquier persona que se desplaza o se ha desplazado a través de una frontera internacional o dentro de un país, fuera de su lugar habitual de residencia independientemente de: 1) su situación jurídica; 2) el carácter voluntario o involuntario del desplazamiento; 3) las causas del desplazamiento; o 4) la duración de su estancia¹⁵.

Assim, como mostra Ribas (2004), existem diversas teorias explicativas que representam as muitas perspectivas de abrangência micro e macro, ou seja, não há um único modelo interpretativo acerca dos processos migratórios, mostrando o quão complexo é o seu estudo e sua compreensão. A migração, ao longo dos anos, foi estudada e explicada por diversas áreas de conhecimento e pode ser compreendida a partir de um viés individual, coletivo ou estrutural como mostram os estudos de Massey et al (1993), que elaboraram uma compilação das teorias existentes acerca destes fenômenos, como veremos a seguir.

Uma das teorias mais antigas e conhecidas sobre os fenômenos migratórios é a chamada Teoria Econômica Neoclássica, segundo a qual explica o fluxo laboral, de maneira que a migração é consequência das diferenças salariais entre os países, ou seja, em sua abrangência macroeconômica. Já no modelo microeconômico deste quadro teórico, os indivíduos migram segundo intenções racionais, em que calculam os custos e benefícios que terão no país de destino (MASSEY et al, 1993). A partir desta teoria Neoclássica, Massey et al (1993) elencam outras que vão ao encontro a sua interpretação, como a Nova Teoria Econômica, que enfatiza a família como motivadora da migração; a Teoria do Mercado Dual, que sustenta uma demanda de trabalhadores nos países de destino e estes são 'buscados' pelos empresários; e a Teoria dos Sistemas Mundiais que evidencia a migração como causa do modelo de desenvolvimento capitalista atual, tendo assim, uma perspectiva mais estrutural sobre estes processos.

Já nos aspectos da perpetuação dos fluxos internacionais, os autores expõem outras teorias: a Teoria das Redes, em que as migrações aumentam e se institucionalizam quando se formam e elaboram redes de contatos no país

¹⁵ Fonte: <https://www.iom.int> (acessado em julho de 2017)

de atração; a e Teoria Institucional, que destaca as instituições particulares e voluntárias que trabalham com demandas dos migrantes. Além dessas, há a Teoria da Acumulação Causal, que explica que as transformações nos âmbitos socioculturais e econômicos facilitam a regulação do movimento populacional e a Teoria dos Sistemas de Migração, a qual explora a relação econômica e a distância geográfica entre os países. Em síntese, o que os autores mostram com essas teorias acima descritas é que elas não são de fato contraditórias, visto que elas explicam diferentes mecanismos causais com olhares diversos sobre os processos migratórios.

Atualmente, existem muitas críticas ao modelo neoclássico para explicar as migrações, porém ainda o trabalho representa um papel de destaque quando analisamos os fluxos e suas circunstâncias. Segundo Sayad (1998), cuja obra é bastante conhecida e referenciada cientificamente nesta temática, enfatiza o trabalho como categoria importante para a mobilidade humana, visto que

[...] Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração) como imigrante, continua sendo tratado como um trabalhador definido e provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. (Sayad, 1998, p. 54)

Dessa forma, o que o autor defende é que a razão do migrante estar em algum lugar é basicamente o trabalho, ou seja, tanto o processo de migrar quanto o de se estabelecer acontece por motivações laborais. Sayad também aponta que podemos compreender os fluxos migratórios, partindo primeiramente, da condição do imigrante, uma vez que ela não é sempre a mesma, isto é, um imigrante pode ser de forma provisória ou duradoura. Embora o trabalho seja a principal motivação dos deslocamentos para Sayad (1998), não podemos reduzir os deslocamentos a migrações econômicas. O próprio pesquisador ressalta que os sujeitos em mobilidade são heterogêneos e, assim, possuem características múltiplas e por isso devem ser estudados a partir de diversas perspectivas.

Sobre migrações e a relação com a economia, Cotinguiba (2014) chama a atenção de como os fluxos migratórios estiveram presentes para a formação

das cidades ao longo da história e, dessa forma, para o desenvolvimento do capitalismo no mundo. Exemplos destes fatos podem ser observados desde as análises de Karl Marx (1998) que destacava a acumulação do capital durante a Revolução Industrial, em que muitas pessoas foram obrigadas a abandonar as zonas rurais para viverem nas mais urbanizadas, “enquanto mercadoria aos capitalistas, possuidores dos meios de produção” (COTINGUIBA, 2014, p. 38). O autor também destaca a época de expansão dos Impérios e de como grandes fluxos migratórios forçados da África foram de escravos enviados para o continente americano, que necessitava de mão de obra naquele momento. Dessa forma, a mobilidade da população que tem o trabalho como principal motivação é fruto do desequilíbrio social existente.

A partir de 1900, há um crescimento populacional bastante expressivo, principalmente nos Estados Unidos, devido ao aumento dos fluxos para esse país e a migração, então, passa a ser vista como um problema (SASAKI e ASSIS, 2000). As autoras exploram as teorias que surgiram nesta época, como a de Thomas e Znaniecki (1918) que influenciaram a Escola de Chicago, que desenvolveu o conceito de “melting pot”, que representando a assimilação cultural e estrutural (americanização) que os migrantes passavam nos EUA. No entanto, esta teoria foi criticada devido à formação de grupos étnicos dos imigrantes (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 4).

Diferentemente da Escola de Chicago, as teorias marxistas que explicavam as dinâmicas migratórias estavam mais centradas na “reserva de trabalhadores” que o capitalismo desenvolve com as suas características econômicas, principalmente como aconteceu nos países da Europa. Por exemplo, estes países incentivavam trabalhadores de países não desenvolvidos a migrarem para seus territórios, onde ofereciam postos de trabalho subalternos e com baixos salários, que seriam provisórios e, dessa forma, estes migrantes não tinham os mesmos direitos dos residentes permanentes (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 5).

Com a transfiguração dos modelos de produção econômica, com o avanço do capitalismo e com a revolução dos meios de comunicação e transporte, os processos migratórios sofreram mudanças mais visíveis, que também são influenciados pelas relações sociais e culturais no mundo agora globalizado. Assim, na sociedade atual ou na sociedade em rede – como

chama Castells (1999) – o ponto central das transformações está na revolução tecnológica, especialmente no que se refere à tecnologia da informação e de comunicações. Para o autor, as redes

[...] constituem a nova morfologia de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. (CASTELLS, 1999, p. 497)

É assim que é caracterizada essa nova ordem econômica e social para o autor, que também ressalta que nessa sociedade de redes, os sujeitos é que decidem se conectar ou desconectar nestes fluxos, e estes fluxos são “globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social” (Castells, 1999, p. 23). O autor afirma que na sociedade há uma tendência de união dos indivíduos conforme a sua identidade, que pode ser na esfera religiosa, territorial, étnica, entre outras, e essa tendência de união é impulsionada, principalmente, pelas transformações sociais que vêm ocorrendo e que também influenciam nos processos migratórios.

Neste sistema capitalista de diversos fluxos, sabemos que a livre circulação do capital entre os países é bastante impulsionada pela ordem econômica, no entanto, também sustenta a construção de barreiras físicas e políticas para impedir a circulação de pessoas, e estes aspectos produzem sujeitos em diferentes condições, como pessoas indocumentadas, refugiados e asilados¹⁶. Com isso, percebemos como a cidadania dos imigrantes é limitada na prática e faz-se necessário um trabalho realizado por organizações locais e internacionais, que atuam na defesa dos direitos dos migrantes (SUÁREZ - NAVAZ, 2006).

Atualmente, os fenômenos migratórios estão inseridos, principalmente, em um contexto de desigualdades, pobreza, guerras, entre outros, que formam a conjuntura do sistema socioeconômico atual. A partir disso, temas como direitos humanos, racismo, xenofobia também permeiam essa “explosão” de

¹⁶ Os asilados geralmente sofrem perseguição política individualizada e sua proteção pode ser de forma territorial ou diplomática (Fonte: <http://www.justica.gov.br> – acessado em julho de 2017)

migrantes globais, os quais “constituem a contrapartida da reestruturação territorial planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômico-produtiva em escala global” e atuam também como forma de movimentos sociais que desafiam os governantes (PATARRA, 2006, p. 8).

Entre os governos neoliberais, há um discurso de exclusão contra a imigração, que é fundamentado pelo caráter econômico e isto acaba refletindo no mercado de trabalho e em seus projetos e políticas (DOMENECH, 2006). Os estados passam a fechar as suas fronteiras, utilizando justificativas como a segurança contra os atentados terroristas e com a ameaça à democracia liberal com a integração de imigrantes (principalmente muçulmanos), como mostra Barbero (2011). Outra justificativa que as autoridades usam para que as pessoas sejam contra o ingresso de imigrantes é com respeito à redução dos postos de trabalho, com a chamada “invasão” de estrangeiros. Porém, de acordo com pesquisas de Domenach e Picouet (1994), os imigrantes e refugiados não competem com os nativos no mercado de trabalho no país de destino, uma vez que a sua inserção geralmente é marginal ou complementar, como veremos a seguir.

2.2 Os imigrantes, o mercado de trabalho e o contexto brasileiro

Na parte inicial deste capítulo, ressaltamos como o trabalho desempenha um papel central nos fluxos migratórios dos haitianos e senegaleses. Dessa forma, a posição que estes sujeitos possuem no mercado de trabalho no país de destino, principalmente no que se refere à situação deles como imigrantes, negros e socialmente construídos como pobres na nova sociedade, também merece relevância para a compreensão desta pesquisa, que abordaremos, então, neste subcapítulo.

Para melhor analisarmos a situação de imigrantes no mercado de trabalho no país acolhedor, podemos retomar, por um lado, os estudos de Tienda e Lii (1987) e as de Roth (2012), que tratam especificamente de casos nos Estados Unidos. O que estes autores argumentam é que latino-americanos, sobretudo, latinos negros, têm menos vantagens – comparando

com nativos brancos – quando concorrem às vagas no mercado e acabam ganhando os salários mais baixos e ocupando as vagas menos qualificadas. Para Vilela, Collares e Noronha (2015), a justificativa usual deste fato é que este grupo provavelmente sofre preconceito. Por outro lado, também podemos pensar a partir da teoria de Borjas (2006), que destaca que a condição de um trabalhador imigrante pode ser de certa forma vantajosa, na medida em que sua nacionalidade distinta pode ser positiva para concorrer a uma vaga de trabalho. No entanto, esta teoria não parece ser aplicada a latino-americanos nos Estados Unidos, onde este grupo de imigrantes, principalmente de mexicanos, apresenta uma dupla desvantagem – com relação aos brancos e aos negros nativos (VILELA, COLLARES e NORONHA, 2015).

Observamos que não há uma homogeneização na inserção de imigrantes no mercado de trabalho nos países de destino, uma vez que há muitos fatores influenciáveis, tanto individuais como estruturais e, portanto, Vilela, Collares e Noronha (2015) elencam diferentes teorias explicativas sobre imigrantes no mercado de trabalho. Inicialmente, tópicos relacionados à teoria do capital humano, como o nível educacional, a experiência profissional, o investimento em saúde e a fluência do idioma do país acolhedor podem ser determinantes quando o imigrante vai se candidatar a uma vaga de trabalho. Antes disso, as autoras lembram que o gênero é um dos primeiros aspectos que diferenciam os imigrantes, uma vez que há evidências que as mulheres ocupam posições inferiores que as dos homens, como mostra Borjas (1994).

Já os fatores referentes à teoria da assimilação que interferem no mercado laboral são a faixa etária durante o processo migratório e o tempo de residência que o sujeito possui no país de destino, visto que isso contribui para a sua integração na nova sociedade. Vilela, Collares e Noronha (2015) acrescentam que o ganho da nova cidadania pode ser uma vantagem para o imigrante na hora da contratação.

Outra abordagem que as autoras expõem é a do enclave étnico, que destaca o papel fundamental que as redes sociais possuem no mercado de trabalho. Nesta visão, as redes sociais influenciariam os imigrantes a buscarem e a garantirem seus empregos, especialmente os com menor tempo no novo país. Assim, o enclave étnico também facilitaria um tipo de trabalho autônomo (não ocupado pelos nativos) por parte desses grupos específicos (PORTES e

BACH, 1985). No entanto, as redes sociais também podem influenciar a inserção pelo trabalho de forma negativa, por exemplo, quando há redes muito homogêneas, os imigrantes tendem a permanecerem mais fechados em seus grupos e, dessa forma, perderiam informações e oportunidades fora destes enclaves (VILELA; COLLARES, NORONHA, 2015; PORTES, 2000).

Outra explicação existente sobre imigração, trabalho e preconceito tem ênfase no número de imigrantes no país de destino. Neste enfoque, de acordo com Tienda e Lii (1987), o preconceito contra imigrantes no mercado de trabalho aumenta conforme o número de imigrantes no país de destino, isto é, quanto maior o grupo da nacionalidade estrangeira, maior a visibilidade existente e, assim, a sociedade local interpreta como uma ameaça, a qual se transforma em discriminação. Porém, há uma visão distinta sobre um grupo grande de imigrantes da mesma nacionalidade no país, em que pode ser benéfico na medida em que a integração social e profissional no país acolhedor é melhor quando acontece em grupos (PORTES e BACH, 1985).

Outro ponto de interferência na contratação de imigrantes no mercado é o que Vilela, Collares e Noronha (2015) colocam como distância social dos sujeitos. Nesta abordagem, quanto maior a diferença cultural que os imigrantes apresentam com relação aos nativos de maneira geral, maior a discriminação no trabalho. Um exemplo que as autoras mostram é o caso de negros nos Estados Unidos, os quais têm mais desvantagens por apresentarem maior diferença socioeconômica e salarial que os hispânicos e os asiáticos. Ainda, neste sentido, as pesquisadoras lembram os estudos de Van Tuberger, Mass e Flap (2004), que explicam que os imigrantes com origem em lugares mais desenvolvidos têm mais vantagens ao serem contratados, uma vez que apresentariam um capital humano superior aos outros. Além disso, poderiam existir mais dificuldades para os demais imigrantes, visto que a equivalência de diplomas e de certificados exige uma maior burocracia para os estrangeiros com origem de países economicamente inferiores que o país de destino e, dessa forma, as qualificações destes últimos não seriam transferidas.

Vilela, Collares e Noronha (2015) acrescentam a situação do local de destino como fator importante para a inserção dos imigrantes no trabalho, proposta por Reyneri e Fulli (2009). Segundo os últimos pesquisadores, as taxas de desemprego e o tipo de demanda das vagas também podem

determinar quais as vagas que os imigrantes vão ocupar. Esta abordagem pode ser exemplificada da seguinte forma: se em um país há mais vagas desqualificadas disponíveis, os imigrantes aceitariam estas ocupações por falta de outras oportunidades.

O que estas abordagens e os aspectos citados acima explicam é que não podemos nos basear em apenas um único fator determinante para a inserção pelo trabalho do imigrante no país acolhedor. Entretanto, devemos levar em conta a maior vulnerabilidade que os imigrantes negros e pobres apresentam na nova sociedade. Um aspecto bastante fundamental é a discriminação institucional existente que Sasaki e Assis (2000) ressaltam em seus estudos. As autoras afirmam que

Imigrantes, assim como as minorias étnicas e as mulheres, tenderiam a permanecer em indústrias marginais e mercado secundário de trabalho, sem qualificação para conseguir remuneração melhor do que os trabalhadores nativos. (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 5)

Portanto, a discriminação institucional existente exclui o imigrante e o coloca em vagas de trabalho temporárias e também em empregos com baixa remuneração, e os imigrantes indocumentados ainda podem ser mais vulneráveis. Sasaki e Assis (2000) indicam que este argumento já é demonstrado há muitos anos em pesquisas de sociologia e economia nos Estados Unidos, especialmente sobre o mercado de trabalho atual nas sociedades industriais.

Vilela, Collares e Noronha (2015) ao estudarem especificamente o mercado de trabalho no Brasil com relação aos imigrantes com a variável “origem/cor/raça”, encontraram como percentuais negativos para o ingresso no mercado de trabalho os seguintes números: “13,4% para os brasileiros negros, 16% para os paraguaios, 21,1% para os uruguaios, 23,3% para os bolivianos e 28,9% para os peruanos” (p. 30). Nesta lógica, os imigrantes destas nacionalidades recebem um salário menor que os brasileiros brancos. Ainda, a situação do brasileiro negro é melhor que a do trabalhador de origem latina. Os autores expõem da seguinte maneira:

em São Paulo, o efeito da origem peruana reduz em média o salário do trabalhador peruano em 34,3%, e o do negro brasileiro migrante interestadual em 18,2%, enquanto os bolivianos, paraguaios e uruguaios não têm estimador significativo. Dessa mesma forma, no Paraná e no Rio Grande do Sul, verificamos um efeito negativo de 8%

e 15,2% nos salários dos negros migrantes nativos e de 15,6% para os paraguaios e 17,7% para uruguaios. (VILELA, COLLARES e NORONHA, 2015, p. 31)

Apesar dos dados acima mostrarem a situação dos imigrantes no mercado brasileiro, o que as pesquisadoras explicam é que nem todos os imigrantes são explorados e possuem um trabalho inferior. Porém, os estrangeiros latinos e os negros com origem em outro estado brasileiro, ao ingressarem no mercado laboral brasileiro, já apresentam desvantagens comparado ao indivíduo local branco. Também, a inserção no trabalho no Brasil pode variar conforme a região, por exemplo, em São Paulo os bolivianos são os trabalhadores que mais sofrem preconceito e no Sul do país, a paraguaia é a nacionalidade que mais apresenta desvantagem no mercado de trabalho, como se viu nos estudos de Vilela, Collares e Noronha (2015).

Sabemos que o racismo nem sempre se manifesta da mesma forma, mas o que Mello (2010) evidencia é que a raça sempre vai servir como uma forma de classificação, ou seja, ela é sempre visível e reconhecida na sociedade. Também, devemos lembrar que o racismo se desenvolveu e é reproduzido desde que o grupo negro “foi colocado no mais baixo nível da escala social devido à escravidão e ao processo de colonização” (MELLO, 2010, p. 373). E, assim, podemos analisar como o fenômeno da racialização é mantido, o que – de acordo com a autora – tem o propósito de manter essa ordem já estabelecida, em que a população negra sempre vai pertencer às posições sociais subordinadas, e a sua integração e assimilação na sociedade ainda estão em processo de disputa até hoje.

O enfoque da pesquisa de Mello (2010) está na racialização no mercado de trabalho brasileiro e francês e, em conclusão, ela salienta que o racismo é evidente em qualquer ambiente de trabalho e é consequência da competição que há entre os trabalhadores nesse meio. A tese da autora é que a raça representa um “capital simbólico que atua de modo objetivo na estruturação da ordem social” (MELLO, 2010, p. 328) e que juntamente com a etnicidade desenvolvem uma mão de obra barata e formam a conhecida reserva para o mercado laboral.

Além dos aspectos raciais, a autora também analisa o trabalhador enquanto imigrante e, a partir das contribuições de Delgado (2003), mostra que

o imigrante – na sociedade de destino – é geralmente visto como um invasor e também como uma ameaça. Ademais, no mercado de trabalho, podemos observar como a população local enxerga esta pessoa de fora, a partir do significado que o próprio termo imigrante condiciona, isto é,

[...] um pobre, visto que esse termo nunca se aplica a empregados qualificados procedentes de países ricos, inclusive os de fora da União Europeia, tais como aqueles oriundos dos Estados Unidos ou do Japão. Além de ser inferior pelo lugar que ocupa no sistema de estratificação social, o imigrante é também inferior no plano cultural, pois procede de uma sociedade menos modernizada (geralmente, Terceiro Mundo). O imigrante representa também um excesso, já que é percebido como alguém que está “sobrando”, um excedente que é preciso se livrar. (MELLO, 2010, p. 351)

Dessa forma, a pesquisadora chama a atenção que desde o processo de entrada, o imigrante é visto como algo negativo pela população do país acolhedor, alguém que é estranho à sociedade já habituada e, assim, a questão da nacionalidade torna-se elemento diferenciador no mercado. Então, o trabalhador imigrante já ingressa com essa desvantagem no mercado, até mesmo se compararmos com as minorias locais, como mulheres, jovens e negros, por exemplo, que geralmente ocupam as vagas menos qualificadas. Em sua pesquisa, Mello (2010) concluiu que – embora a raça seja o fator principal de diferenciação social – a situação de trabalhadores negros no Brasil é ainda um pouco melhor que a de magrebinos e africanos (imigrantes negros) na França.

Sobre os direitos dos trabalhadores imigrantes no Brasil, eles são garantidos pelo Ministério do Trabalho, a partir de acordos e políticas do Conselho Nacional da Imigração (CNIg) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Diante de um aumento expressivo no número de imigrantes nos últimos anos, especialmente de haitianos, o governo teve que criar medidas emergenciais a fim de garantir o acesso às políticas públicas e os direitos dos imigrantes. Assim, baseado na Convenção de 97¹⁷ da OIT,

[...] foi firmado um Acordo Judicial, em fevereiro de 2016, entre o Ministério Público do Trabalho e a União, em que o Governo Federal se compromete a “garantir direito à assistência social para migrantes e refugiados, com o acolhimento para adultos e suas famílias, por meio de convênios com estados e municípios; inclusão nos serviços do

¹⁷ Disponível em <http://www2.camara.leg.br> (acessada em julho de 2017).

Sistema Único de Saúde (SUS); transporte interestadual a partir do Estado de ingresso até outras regiões; facilitação da intermediação da mão de obra por meio do Sistema Nacional de Empregos (SINE) e encaminhamento aos postos de trabalho nos estados de destino; facilitação da emissão da Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) eletrônica nos locais de ingresso (OIT, 2017)¹⁸.

Conforme este documento da OIT, no âmbito do trabalho, o que este Acordo Judicial tinha como propósito era intermediar um contato permanente da União entre os estados e municípios para acompanhar a busca de empregos das pessoas em mobilidade; facilitar a emissão de CTPS para os imigrantes e refugiados, sendo financiada pela União; melhorar a comunicação no SINE para melhor empregar a população imigrante, principalmente na questão dos idiomas.

No entanto, mesmo com as iniciativas do governo e de instituições para que os imigrantes tenham seus direitos básicos, a questão do imigrante no mercado de trabalho no Brasil ainda não é satisfatória. O presidente do CNlg, sobre as políticas públicas relacionadas ao mercado de trabalho no Brasil, afirma que

Se avançou muito pouco; eu entendo que esses serviços públicos dizem respeito a locais que sejam referência para os migrantes para que eles possam acessar principalmente informações sobre os mais variados temas para conseguirem solucionar os problemas da sua integração, sua vida prática no país. E sob esse aspecto acho que muito pouco se avançou. Do ponto de vista do Ministério do Trabalho, o que nós temos hoje como único programa nessa linha é a Casa do Migrante de Foz do Iguaçu¹⁹ (OIT, 2017).

Como também analisa o presidente do CNlg, na realidade, os imigrantes necessitam de políticas públicas específicas em diversos âmbitos, como assistência social, serviços de saúde, serviços educacionais e profissionalizantes, etc. E, como a própria OIT reconhece, são necessárias qualificação e formação também para os servidores e gestores públicos, a fim de um melhor atendimento à população em mobilidade.

Sobre a situação do imigrante no mercado de trabalho no Brasil, Costa e Vargas (2016) explicam que a primeira dificuldade da população migrante é a questão linguística. Outra barreira que o imigrante encontra é a burocracia na

¹⁸ Serviços de atendimento ao trabalhador e trabalhadora migrante: reflexões sobre experiências brasileiras / Organização Internacional do Trabalho, Escritório da OIT no Brasil. - Brasília: OIT, 2017. Disponível em <http://www.ilo.org> (acessado em julho de 2017)

¹⁹ Casa de assistência ao trabalhador brasileiro que vive no exterior e ao trabalhador imigrante no Brasil. Para mais informações, <http://www.ilo.org> (acessado em julho de 2017).

revalidação de diplomas e certificados, que ainda está em processo de regulamentação pelo Conselho Nacional da Educação. Com estas dificuldades, já há uma tendência de ocupação das vagas menos qualificadas pelos imigrantes, além da xenofobia existente. A partir disso, observamos que os empregos oferecidos e que estão disponíveis para as pessoas em mobilidade são majoritariamente os que os nacionais não têm interesse, as vagas remanescentes, isto é, os serviços que quase não exigem qualificação e em áreas que mais oferecem riscos de acidente ao trabalhador (COSTA e VARGAS, 2016).

Outro aspecto encontrado no mercado de trabalho brasileiro é o tráfico de pessoas, processo que pode ser considerado – segundo Costa e Vargas (2016, p.110) – como uma “escravização moderna”. Os autores explicam que o tráfico pode acontecer de diversas formas, por exemplo, como um tipo de ameaça, com serviços forçados, com tipos de abusos, condições vulneráveis, entre outros. Os pesquisadores ainda lembram que o tráfico de pessoas não é um fenômeno enfrentado apenas por estrangeiros, mas também por trabalhadores nacionais, como noticiado²⁰ em 2016, mais de vinte nordestinos foram encontrados em condição de escravidão no Rio Grande do Sul.

Acerca de denúncias de trabalhos análogos à escravidão desempenhados por imigrantes, no Brasil já foram indicados há alguns anos e são, principalmente, de latino-americanos trabalhando no setor de confecções. Estes imigrantes, muitas vezes, trabalham de maneira escondida, com condições de trabalho, local, higiene e segurança bastante precárias e não possuem, portanto, os seus direitos trabalhistas garantidos (OLIVEIRA, LINS, COLLARES, 2016). Recentemente, as denúncias mais divulgadas pelos meios de comunicação são as de bolivianos em indústrias de artigos têxteis na capital de São Paulo, em que os imigrantes trabalham em más condições com baixos salários e, ainda, em condições de exploração e humilhação (COSTA E VARGAS, 2016). Ademais das condições precárias no mercado de trabalho brasileiro, os bolivianos podem sofrer uma série de estigmas pela população

²⁰ Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/policia/noticia/2016/08/nordestinos-eram-mantidos-em-regime-de-escravidao-no-estado-7331156.html#showNoticia=XF42S3d6U1UxNTA2NDU1MDg3MzU3MTAwMDMyNVNBNjQ2NDIxMjY5OTkwNDk3MDcxMGxbTTM4MDM4MTQ4NDg5NjY0MjY2MjRNTmTVpGaSZ6TtSSkNHekl=> (acessado em julho de 2017)

local, que associa os bolivianos a trabalhadores escravos a partir de discursos midiáticos e as suas representações (PUCCI, 2013).

O que também podemos constatar é que os imigrantes, cientes de seus direitos e das condições irregulares em que estão trabalhando, nem sempre conseguem reclamar por vias judiciais. Costa e Vargas (2016) argumentam que isso acontece por medo do empregador ou por outros motivos, até por receio de sofrer uma deportação. Além disso, os autores ressaltam que a Justiça do Trabalho exige testemunhas, o que também acaba sendo outra dificuldade para que o imigrante recorra à justiça, uma vez que geralmente só tem contato com outros estrangeiros e a Justiça faz uma série de exigências para se tornarem testemunhas.

Diante da situação do mercado de trabalho no Brasil, observamos que a população imigrante pode enfrentar condições de vulnerabilidade, precarização, exploração, discriminação (que pode ser devido à raça, à nacionalidade, à etnia, ao gênero). Estas más condições de trabalho, que também são encontradas pelos brasileiros, acabam sendo mais complexas para as pessoas estrangeiras, devido aos fatores mencionados acima. E esta situação não é, evidentemente, esperada pelos imigrantes, que muitas vezes saem de seu país devido à crise econômica, desemprego, falta de oportunidades, falta de políticas públicas, desastres naturais, entre outros motivos, como veremos os casos do Haiti e Senegal em seguida.

2.30 Haiti e a emigração para o Brasil

A República do Haiti está localizada no Caribe, em uma ilha compartilhada com a República Dominicana, a qual está no lado oriental da ilha caribenha. A capital do Haiti é Porto Príncipe, e as outras cidades mais populosas são Cabo Haitiano, Gonaïves, Saint Marc, Les Cayes e Jacmel. Os idiomas oficiais do país são o francês e o crioulo (kreyol), sendo este falado por toda a população e língua francesa é somente para quem acessa ao sistema

educacional. Embora a moeda oficial seja a Gourde, a economia haitiana está dolarizada²¹.

Em 2016, a população estimada do país era de 12 milhões de habitantes (Oficina de Información Diplomática, 2017). A Constituição vigente é a de 1987 e o sistema político é caracterizado pelo semi-presidencialismo, em que o presidente é eleito a cada cinco anos por sufrágio universal. O atual presidente é Jovenel Moise, que iniciou o mandato depois de um período de grande instabilidade política, entre os anos de 2014 e 2016.

De acordo com a mesma ficha citada acima, a principal religião do país é a Católica. Porém, a maioria é praticante do Vodou (Vaudu) e não o afirma publicamente por uma forte estigmatização existente (GUILHERME; PAULA, 2016). O Vodou haitiano tem base no culto aos loas/voduns, que tem origem na África ocidental.

Sobre a situação econômica do Haiti, a população enfrenta muitas dificuldades: 70% de taxa de desemprego; o país ocupa a posição 168 de 187 países no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)²²; 74,8% de sua população vive abaixo do nível da pobreza; a expectativa de vida é de 63 anos, entre outros (Ficha de Informação Diplomática, 2017).

Para compreendermos os processos migratórios dos haitianos, podemos ressaltar alguns pontos de sua história que se tornam relevantes para esta abordagem. Como já mencionado em outro artigo (GUILHERME; PAULA, 2016), o Haiti passou pela colonização espanhola em 1492, que teve a população nativa dizimada e passou a receber escravos africanos. Em 1804, o país se tornou independente a partir da vitória dos haitianos sobre os franceses, que estavam no território desde o ano 1697. A independência haitiana ganhou bastante destaque, uma vez que foi a “única revolução vitoriosa de uma sociedade escravizada” (SEGUY, 2014, p. 51). E esta característica singular de independência e a libertação dos escravos “teria constituído uma nova cultura de marronnage²³, de mobilidade e de migração”

²¹ Fonte: *Oficina de Información Diplomática del Ministerio de Asuntos Exteriores y de Cooperación* http://www.exteriores.gob.es/Documents/FichasPais/HAITI_FICHA%20PAIS.pdf (acessado em julho de 2017)

²² Disponível em <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html> (acessado em julho de 2017)

²³ Handerson (2015) define marronnage ao “fenômeno iniciado no regime colonial quando os africanos e descendentes [...] fugiam de seus trabalhos forçados e das condições dramáticas

(HANDERSON, 2015, p. 67). A partir disso, podemos destacar o nacionalismo haitiano com o enaltecimento de sua história revolucionária, que desencadeou um forte sentimento em relação ao país e aos seus símbolos, como o 18 de maio que é o dia da bandeira e o 1º de janeiro, que é o dia da independência (GUILHERME; PAULA, 2016).

Ademais, outros aspectos da história haitiana que podemos salientar é a invasão e a exploração pelos Estados Unidos da América entre os anos de 1915 e 1934. Depois disso, o Haiti passou por um período de ditadura do então presidente François Duvalier entre os anos de 1957 e 1971. A ditadura de Duvalier, que tinha um regime de forte repressão militar, também influenciou no acirramento das desigualdades sociais no país, que perduram até os dias atuais (GUILHERME; PAULA, 2016).

Mais recentemente, temos o episódio do terremoto catastrófico no Haiti como marco importante também para a emigração da população. O terremoto aconteceu em janeiro de 2010, tendo magnitude 7 e mais de trinta réplicas, sendo Porto Príncipe a cidade mais afetada. De acordo com estimativas do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, três milhões de pessoas foram afetadas e de 100 a 200 mil habitantes teriam morrido. Além disso, o terremoto destruiu universidades, escolas, instituições e milhares de casas. Com a catástrofe, o Haiti recebeu ajudas humanitárias de diferentes países, como nas expedições de resgate, com fundos, com equipes médicas, engenheiros, entre outros profissionais.

No entanto, devemos destacar que o terremoto teve grandes consequências não só por sua densidade, mas também pelas condições de desigualdade social e a falta de estruturas básicas. Assim, devemos pensar além do evento como catástrofe, como relata um grupo de pesquisadores da Unicamp no Haiti sobre o terremoto: “O que presenciamos ontem no Haiti foi muito mais do que um forte terremoto. Foi a destruição do centro de um país sempre renegado pelo mundo. Foi o resultado de intervenções, massacres e ocupações que sempre tentaram calar a primeira república negra do mundo”²⁴.

do sistema colonial”. O termo marronn é utilizado até hoje para se referir aos haitianos que estão fugindo local ou internacionalmente por questões políticas, religiosas, familiares, entre outras (HANDERSON, 2015, p. 67).

²⁴ Trecho extraído da página “Pesquisadores da Unicamp no Haiti: Grupo de pesquisadores da Unicamp, sobre o tema Haiti no Haiti” elaborado pelos pesquisadores Daniel Felipe Quaresma

Ou seja, o contexto socioeconômico do Haiti foi fundamental para as consequências do terremoto (GUILHERME; PAULA, 2016).

Além disso, Fernandes e Castro (2014) atentam para o surto de cólera que afetou o Haiti também em 2010, em que mais de 8.000 pessoas morreram. Os autores ainda destacam os furacões *Isaac* e *Sandy* que ocorreram no país no ano de 2012, prejudicando, assim, a produção agrícola. E pelo fato da agricultura ser essencialmente importante para a economia haitiana, esta foi diretamente afetada pelos desastres naturais.

Podemos observar que os pontos elencados acima influenciam a emigração da população haitiana. Segundo Handerson (2015), há uma estimativa que mais de cinco milhões de haitianos vivem fora do país, o que representa quase a metade da população nacional, podendo ser chamada de uma diáspora, como destaca o pesquisador. Os principais destinos dos haitianos são: Estados Unidos, país que recebe maior número de migrantes haitianos e em seguida, a República Dominicana, Canadá, Cuba e Venezuela (FERNANDES; CASTRO, 2014). Estes autores ainda destacam que na Europa, o principal país que recebe haitianos é a França.

Assim, a emigração do Haiti já se apresenta como prática corriqueira, porém os laços com o país são mantidos. O imigrante haitiano sai de seu país sem a sua família, mas esta participa da mobilidade com o apoio, muitas vezes, financeiro. E quando o migrante está no país de destino, cumpre com o envio de remessas para os familiares que permaneceram no Haiti. Dessa forma, como explica Thomaz (2012), observamos como a diáspora haitiana atua como forma de ajuda à população haitiana, principalmente depois do terremoto (GUILHERME; PAULA, 2016).

Além destes aspectos históricos, o Haiti apresenta relações com o Brasil, as quais podem justificar este país como destino dos processos migratórios dos haitianos. Por exemplo, desde 2004 se tem a presença de tropas brasileiras no Haiti com a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), dessa forma, os haitianos tinham contato

dos Santos, Diego Napolon Bertazzoli, Joanna Lopes da Hora, Marcos Pedro Magalhães Rosa, Omar Ribeiro Thomaz, Otávio Calegari Jorge, Rodrigo C. Bulamah, Werner Garbers e Cris Bierrenbach. Disponível no link <https://lacidelle.wordpress.com/> e acessada em julho de 2017.

direto com os brasileiros. Conforme a política externa²⁵ do Itamaraty, nesta Missão, o Brasil contribui com tropas de mais de 1.400 militares no território para fins de estabilidade, segurança e desenvolvimento no país caribenho, embora recentemente as tropas estejam sendo reduzidas por ordem da Organização das Nações Unidas.

Conforme relatório²⁶ da Organização Internacional para as Migrações (OIM), o Brasil também representa uma passagem para a Guiana Francesa ou uma possibilidade de obtenção de visto para os Estados Unidos, Canadá e França. O mesmo relatório também ressalta o papel do Brasil nos grandes eventos, como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, tendo, assim, maior visibilidade nas relações internacionais. Ainda, a OIM lembra a política de abertura do Estado para os haitianos, bem como o contexto econômico favorável, com a valorização do real com relação à moeda norte-americana no início desta década.

De acordo com dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)²⁷, mais de 39.000 haitianos ingressaram no Brasil entre 2010 e setembro de 2014. Quando entram no Brasil, os haitianos têm direito ao Visto Humanitário, que também pode ser concedido na embaixada do Brasil em Porto Príncipe (Haiti) ou em Quito (Equador). O Visto Humanitário foi criado pelo Conselho Nacional da Imigração (CNIg)²⁸ pelo fato de que os haitianos não se enquadravam nas solicitações regulares de refúgio. O principal objetivo do Visto Humanitário é regularizar de forma legal a entrada e permanência dos migrantes haitianos, que deixaram o país de origem por razões humanitárias “resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010” (Conselho Nacional de Imigração, 2012). Com esta regulação de entrada dos haitianos, o ingresso pelas fronteiras terrestres diminuiu, embora ainda

²⁵ Disponível em <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/142-minustah> (acessado em julho de 2017)

²⁶ Disponível em https://www.iom.int/sites/default/files/press_release/file/Insertion-of-Haitian-migrants-in-the-Brazilian-labor-market_%20IOM-Study.pdf (acessado em julho de 2017)

²⁷ Disponível em <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/> (acessado em julho de 2017)

²⁸ O CNIg é composto por diversos membros do Colegiado e tem como objetivo formular a política e coordenar as atividades da imigração. Para maiores informações: <http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=1&menu=699&refr=459> (acessado em julho de 2017)

aconteça devido ao número limitado de vistos da Embaixada. Para a obtenção do Visto, Thomaz (2013) explica as etapas, em que

“o nacional haitiano deve pagar a taxa de US\$ 200,00 e entregar três documentos: um passaporte atualizado, comprovante de residência e comprovante de que não tem antecedentes criminais. Os vistos são válidos por cinco anos, após os quais o haitiano deve comprovar situação laboral para obter a permissão para permanecer no país por mais tempo. Além dessas medidas, o governo brasileiro reforçou o patrulhamento nas fronteiras setentrionais, cooperando com países vizinhos para tanto”. (THOMAZ, 2013, p. 140)

O processo migratório haitiano no Brasil pode ser dividido em duas gerações. De acordo com Uebel (2015), na chamada primeira geração – que se deu logo após o terremoto de 2010 – o fluxo foi constituído majoritariamente por homens, solteiros e pais de família. Já a segunda geração – ocorrida após 2010 e 2011, realizada através da rede de contatos entre os imigrantes – possui características distintas, em que se inserem mulheres, famílias com crianças, sujeitos mais velhos e com grau de instrução bastante diversificado (UEBEL, 2015, p. 159). Para este autor, o que essas duas gerações têm em comum, seguindo também as ideias de Piore (1979), é a busca por melhores condições laborais e salariais e, ainda, constituir uma família no Brasil, devido às remotas chances de crescimento econômico do Haiti. Além disso, o autor afirma que a concentração de haitianos no Rio Grande do Sul se deu pelas vagas de emprego que não mais eram desejadas pelos gaúchos.

2.40 Senegal e a emigração para o Brasil

A República do Senegal é um país localizado no oeste da África e atualmente conta com uma população estimada em 15 milhões de habitantes. É importante destacar as suas fronteiras, uma vez que possui muitas relações com Mauritânia, Guiné, Guiné-Bissau, Mali e Gâmbia. De acordo com a ficha da *Oficina de Información Diplomática del Ministerio de Asuntos Exteriores y de*

*Cooperación de 2017*²⁹, o Senegal é um país laico, conforme a sua Constituição, porém 84% da sua população é muçulmana.

Dessa forma, os hábitos e as tradições do país são bastante influenciados pelo islamismo, em que predominam três Confrarias: Qadiriyya, Tidjania e Mouridi. Além disso, a presença do Islã no Senegal tem referência desde o século XI, quando esta religião chega ao vale do rio Senegal. A principal religião minoritária é o Cristianismo, que está mais presente no sul do país (Ficha de Informação Diplomática, 2017 – anteriormente citada).

A capital do Estado é Dakar e as outras cidades mais populosas são Thiès, Mbour, Kaolack e Saint Louis, e o território é dividido em 14 regiões. O idioma oficial é o francês e as línguas nacionais são o Wolof, Serer, Peul, Mandinga Soninké e Diola. Segundo a Ficha Diplomática referenciada no parágrafo anterior, se estima que 42% da população senegalesa vivem em zonas rurais. A economia do Senegal é caracterizada pelo processamento de alimentos, de minérios, pelas indústrias químicas, por produtos petrolíferos, entre outros. Em nível internacional, Senegal faz parte da União Econômica e Monetária da África Ocidental (UEMOA) e da Organização para a Harmonização em África dos Direitos dos Negócios.

Conforme as informações diplomáticas anteriores, sobre a política atual do Senegal, a República é presidencialista e conta com uma Assembleia Nacional, em que seus deputados são eleitos de cinco em cinco anos, através do sufrágio universal. O presidente atual do Estado é Macky Sall, que é o quarto presidente do Senegal e é membro do Partido Aliança pela República. A sua presidência representa uma diversidade no poder do país, uma vez que este foi governado durante anos pelo Partido Democrático Senegalês (PDS).

O estudo das migrações internas e externas do Senegal teve por muito tempo um enfoque sobre as zonas rurais do Vale do Rio Senegal, como mostram Sakho et al (2015). De acordo com os autores, nas investigações sobre a emigração senegalesa, podemos observar o deslocamento das pessoas do Vale do Rio Senegal para as cidades mais centrais e também para as costeiras. E esta mobilidade tinha motivações culturais e econômicas, uma

²⁹ Disponível em http://www.exteriores.gob.es/Documents/FichasPais/SENEGAL_FICHA%20PAIS.pdf (acessado em julho de 2017)

vez que buscavam um melhor acesso aos recursos. Dessa forma, a migração laboral senegalesa já estava presente nos anos 1900 e, segundo os autores, este deslocamento para fins de trabalho foi impulsionado pela colonização e pela organização do Estado.

Os primeiros emigrantes internacionais do Senegal são usualmente analisados como os sujeitos que saíram do país depois da Segunda Guerra Mundial e tinham como destino a Europa. Nessa época, os países europeus apresentavam mão de obra escassa, o que atraía trabalhadores de outros lugares, como os senegaleses. Nos anos 1970, com políticas de ajuste do governo senegalês, as estruturas agrícolas sofreram mudanças drásticas e um êxodo rural passa a existir, mudando, dessa forma, as relações de trabalho. Assim, a emigração senegalesa passa a ter o perfil de homem jovem, o qual migra por estratégias familiares em busca de melhores recursos face à crise econômica (SUÁREZ - NAVAZ, 1996).

Na década de 1980, surge outra onda da emigração senegalesa, principalmente com origem de Dakar e da zona de Calcahuete, em que a maioria destes senegaleses era membros da Confraria Mouride, e buscavam destinos como Espanha, Itália e Estados Unidos (JABARDO, 2011). Conforme a autora, neste contexto, a Confraria Mouride se transforma em referência e em modelo econômico do país. Bava (2003) mostra que como os integrantes mourides buscavam a cidade santa e se deslocavam, juntamente com a crise econômica dos anos 1970, e seu trabalho também passa a mudar e transforma a comunidade de Calcahuete “em um espírito de empresa” (JABARDO, 2011, p. 92).

Para um melhor entendimento, chamamos a atenção de que o Mouridismo é um conjunto de crenças e práticas – culturais, religiosas, morais – segundo a ordem islâmica sufi (como também são as outras Confrarias), que está, majoritariamente, no Senegal e na Gâmbia. O Mouridismo foi fundado, em 1883, no Senegal por Cheick Ahmadou Bamba, que continua o guia até hoje e seu centro religioso está na cidade de Touba, centro-oeste do país. Assim, tem-se a sacralização de Touba, que é considerada um espaço de prosperidade e de retorno, ou seja, Touba é a Meca dos muçulmanos e Bamba representa o Maomé (MAESTRO, 2006).

Já os estudos sobre as migrações senegalesas nos anos 1990 e 2000 mostram que estas estão motivadas principalmente pelo progresso econômico e pela ascensão social dos sujeitos migrantes e têm como destino principal o continente europeu (KLEIDERMACHER, 2013). Dessa forma, podemos caracterizar as migrações senegalesas como essencialmente econômicas, com finalidades laborais.

Kleidermacher (2013) ainda expõe os argumentos de Kaplan (2003), que as migrações senegalesas mais recentes (principalmente da região senegambiana) são frutos de estratégias familiares, em que a família investe muitos recursos econômicos para o migrante que tem o perfil masculino e jovem e a mobilidade é transcontinental. E esta migração é uma forma de promoção do status socioeconômico de toda a unidade familiar e como mostra a pesquisa de Kleidermacher (2013), as remessas que os jovens migrantes enviam possuem grande importância e caráter obrigatório nas famílias senegalesas. Ou seja, primeiramente a família investe na mobilidade do jovem migrante com custos de passagens, documentos e, posteriormente, as remessas são enviadas como uma obrigação moral e real pelos sujeitos migrantes (KLEIDERMACHER, 2013).

Nos anos posteriores a 2000, os destinos da migração senegalesa começam a mudar. Como a União Europeia adota políticas mais fechadas para os fluxos migratórios, os senegaleses passam a escolher a América do Sul como destino, e países como Argentina e, mais recentemente, o Brasil são os principais polos de atração para os africanos (Kleidermacher, 2013; Uebel, 2015). E sobre os senegaleses que estão fora do país,

según la comisión Migración y Derechos Humanos del Parlamento senegalés, en 1999 vivían fuera del país unos 400.000 senegaleses de un total de nueve millones de habitantes. La expansión ha continuado y en el 2004 se calcula que entre 800.000 y dos millones de senegaleses han emigrado fuera del país, sobre un total de más de 10 millones de habitantes. Teniendo en cuenta que son cifras oficiales, se supone que el número real de emigrantes es superior, porque un porcentaje de ellos no utiliza los canales regulares para emigrar (Fall, 2003). (KLEIDERMACHER, 2013, p. 113)

Como a autora acima ressalta, é importante lembrarmos que as estatísticas dos imigrantes senegaleses em diversos países dificilmente representam fielmente a realidade, uma vez que os fluxos migratórios

senegaleses, muitas vezes, acontecem em situações irregulares no âmbito migratório, por exemplo, como acontece na Argentina:

[...] de acuerdo con la información proporcionada por ARSA, el 99% de los senegaleses que llegan al país lo hacen de manera clandestina. No concurren directamente a la Dirección Nacional de Migraciones para resolver su estatus migratorio, pero si optan por comenzar la tramitación para solicitar el estatus de refugiado. Muchos senegaleses se encuentran con el obstáculo de querer regularizar su estatus migratorio en Argentina pero no pueden hacerlo porque su pasaporte caduco. Para renovarlo, debido a la inexistencia de representación consular en Buenos Aires, deberían viajar a Brasil, lo cual supone un costo altísimo. (GOLBERG e SOW, 2017, p. 123)

Assim, devido a diversos fatores como expostos na citação acima, os senegaleses possuem dificuldades de se regularizarem e os registros oficiais que temos apenas representam uma parte da realidade. Com este contexto exposto, podemos observar que há certa emigração do Senegal, e o Brasil também passa a ser destino deste processo nos últimos anos. Além das condições – principalmente econômicas – favoráveis do Brasil como destino atrativo à emigração senegalesa, como mostrado na introdução desta dissertação, Zamberlam et al (2014) destacam as relações de comércio do nosso país com os países islâmicos. Estas relações comerciais começou com a exportação de carnes para a região do Oriente Médio já na década de 1970 e depois disso,

O incremento maior aconteceu a partir de 2003 e hoje os principais mercados , nesse segmento, são Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito, Líbia, Líbano e Irã, e, em menor escala, outras três dezenas de países desse universo (ABIEC, 2013), gerando necessidade de trazer trabalhadores imigrantes para o abate Halal. (Zamberlam et al, 2014, p. 17)

Neste contexto, o que os pesquisadores desejam salientar é que estas relações de comércio foram influentes para imigrantes muçulmanos trabalharem no Brasil, uma vez que o abate Halal necessário demanda as normas islâmicas para a sua certificação. Esta perspectiva também é afirmada pelo Ministério da Justiça, conforme estudos do IMDH³⁰ (2014), em que expõe que a vinda de imigrantes senegaleses, bengaleses, paquistaneses e demais de maioria muçulmana está vinculada ao trabalho no corte Halal e para a certificação dos alimentos desta tradição (ZAMBERLAM et al, 2014).

³⁰ Instituto Migrações e Direitos Humanos. Fonte: <http://www.migrante.org.br/> (acessado em julho de 2017).

A migração senegalesa para o Brasil apresentou um crescimento expressivo de 2012 até 2014, quando o ACNUR³¹ registrou 1.687 solicitações de refúgio desta nacionalidade. Em síntese, esta mobilidade para o Brasil é essencialmente econômica, sendo motivada pela situação de vulnerabilidade econômica no país africano (ZAMBERLAM, 2014; UEBEL, 2015). Devido à dificuldade de obtenção de documentos, os senegaleses costumam realizar o trajeto de Dakar, com conexão em Madri, para assim chegar ao Equador, onde não precisam de visto. Depois disso, passam pelo Peru e ingressam no Brasil pelas fronteiras terrestres no norte do país, em que muitas vezes ficam provisoriamente nos albergues do Acre, juntamente com outros migrantes, principalmente, haitianos (MOCELLIN, 2015; REDIN, MINCHOLA, 2015; UEBEL, 2015).

Então, ao entrarem no Brasil, os oriundos do Senegal solicitam, em sua maioria, refúgio (como também acontece na Argentina e mencionado anteriormente) a fim de se regularizarem e obterem documentos como CPF e Carteira de Trabalho. Ao solicitarem refúgio, segundo Uebel (2015), os senegaleses alegam temor de guerra em seu país de origem, porém isto não se confirma na realidade, uma vez que o Senegal é um dos países mais estáveis da África, sem guerras civis ou conflitos internos. Assim, não se enquadram como refugiados e, muitas vezes, solicitam a autorização de permanência e de trabalho através do Ministério do Trabalho e Emprego (UEBEL, 2015).

Sobre a situação legal, Redin e Minchola (2015) explicam que quando o maior número de senegaleses estava chegando ao país, o Estatuto do Estrangeiro³² que estava vigente era o de 1980, que é oriundo da ditadura militar, cujo objetivo é relacionado com a segurança nacional e com a soberania, tendo caráter seletivo, não levando em consideração os direitos de mobilidade. Assim, os autores explicam que como o Estatuto de 1980 não dava conta da regularização dos senegaleses no país, foi necessária uma medida alternativa para isto: os senegaleses começaram a solicitar refúgio para entrar

³¹ Disponível em <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/> (acessado em julho de 2014).

³² Em 2017, o Senado aprovou o novo Projeto de Lei de Migração, um projeto incentivado pela sociedade civil como tentativa de incluir os direitos e a proteção dos imigrantes em um novo Estatuto. Disponível em <http://www12.senado.leg.br> (acessado em julho de 2017).

e permanecer no Brasil. É importante destacar que alguns senegaleses entram no país através de vistos das embaixadas, porém é uma parte minoritária deste grupo, e mais utilizada em casos de reunião familiar, quando alguém já possui o visto permanente (REDIN; MINCHOLA, 2015).

Neste capítulo foi feita uma breve contextualização dos processos que influenciam as vivências dos haitianos e senegaleses no Brasil, isto é, o tipo de fluxo migratório que eles apresentam, o papel fundamental do trabalho para estes deslocamentos, o contexto em seu país de origem e o mercado laboral que eles encontram no país de destino. Com isto, a nossa ideia é uma melhor compreensão para analisarmos as trajetórias de trabalho que estes sujeitos vão realizar aqui, como descreveremos nos próximos capítulos.

3. TRAJETÓRIAS DE TRABALHO DE HAITIANOS E SENEGALESES NO RIO GRANDE DO SUL E BRASIL

O capítulo 3 é destinado às trajetórias de trabalho que os imigrantes haitianos e senegaleses apresentaram no Brasil – especialmente na cidade de Porto Alegre – no período entre os anos de 2010 e 2016. As categorias de análise identificadas abaixo foram escolhidas de maneira indutiva e, assim, organizamos os temas nos subcapítulos a seguir. O propósito deste capítulo é relatar as vivências que os haitianos e senegaleses apresentaram no mercado de trabalho brasileiro, de acordo com as 24 entrevistas semiestruturadas apresentadas na introdução desta dissertação.

3.1 O Brasil e o Rio Grande do Sul como local de destino

Como dito anteriormente, são diversas as razões que levam os haitianos e senegaleses ao migrarem para o Brasil, desde a sua visibilidade internacional, seu crescimento econômico, as relações com os países de origem, as políticas migratórias em outros países, o fato de o país ser sede dos grandes eventos esportivos, entre outros. O que percebemos é que estes fatores giram em torno de mais oportunidades laborais, que acabam se destacando como motivadoras destes novos fluxos migratórios, o que também pode ser demonstrado a partir dos trechos das entrevistas abaixo:

Eu tava falando com meu amigo e ele disse: tem muito emprego no Brasil, e aqui o documento é mais fácil que Europa. Quando eu chego no Brasil tem todo meu documento pronto. E Brasil tem salário melhor, mais oportunidade que Senegal. Daí eu vim pra cá. [...] porque Brasil tem bastante emprego, porque o salário seria 4 mil, 5mil, daí todos os senegaleses vieram pra cá. (E7, senegalês)

Depois de 2010, começou a faltar emprego. O terremoto destruiu tudo, casas, escolas. Depois de 2010, não consegui trabalhar bem, não conseguia receber bem. Por isso decidi vir aqui, pra trabalhar melhor. Por exemplo, quando eu entendi que teria a possibilidade de ter visto pro Brasil, quando Dilma falou para o presidente do Haiti, ela disse que queria abrir as possibilidades para os haitianos aqui, pra trabalhar, pra estudar, entendeu? [...] E porque o Brasil é o país do futebol e a gente gosta muito. Então, a Dilma deu a possibilidade pra conseguir mais fácil o visto pro Brasil. (E8, haitiano)

Eu entrei aqui porque meu irmão tava aqui desde 2011. Ele disse que tinha muita oportunidade no Brasil, muito serviço. Ele disse que podia ganhar 2 mil reais aqui. Ele trabalhava como auxiliar de produção e

gostava bastante. Daí quando eu tava no Equador, resolvi vir aqui. (E19, haitiano)

Bom, eu tava lá, e tinha conhecidos aqui, Eu tinha um primo, e conhecidos. Eles me disseram que aqui tava bom, que tinham trabalho, que eu poderia trabalhar aqui. (E21, haitiano)

Nesta nova onda migratória para o país, observamos como o Sul do país se mostrou um polo de atração aos novos migrantes, principalmente por suas ofertas de trabalho. Assim como o Brasil, o Rio Grande do Sul apresentou um crescimento expressivo de imigrantes em 2010 com 34,9 mil, o que representa quase o dobro se comparamos com o ano de 2000, que tinham 17,5 mil imigrantes (UEBEL, 2015, p. 114).

Nos anos de 2011, 2012 e 2013, de acordo com Uebel (2015), as regiões Sul e Sudeste do Brasil foram as que apresentaram um maior crescimento de imigrantes, através de dados de imigrantes empregados. São Paulo foi o estado que mais recebeu estrangeiros, seguindo de Santa Catarina e Rio Grande do Sul: “53,6% de 2011 a 2012 e 42% de 2012 a 2013”, seguindo os mesmos percentuais encontrados no Brasil de forma geral (UEBEL, 2015, p. 120).

A partir de 2010, as principais novas nacionalidades (antes o estado contava com portugueses, uruguaios, argentinos em sua maioria) encontradas no Rio Grande do Sul foram a haitiana, a senegalesa, a cubana e a jordaniana. O que se observa, também, é uma diversidade nos coletivos dos migrantes, por exemplo, em 2000, eram 72 nacionalidades, que cresceu para 82 em 2010, e em 2014, são contabilizados migrantes de 134 nacionalidades distintas no estado gaúcho (UEBEL, 2015, p. 123).

Podemos observar que os haitianos e senegaleses buscaram o Rio Grande do Sul pelo fato do estado apresentar diversos postos de trabalho entre os anos de 2010 e 2014, devido a um crescimento econômico, com mais ofertas nas indústrias e no comércio (UEBEL, 2015). Muitos frigoríficos no norte do Estado atraíam os senegaleses, pela necessidade da certificação Halal (como mencionamos no capítulo anterior), e empresas de construção civil e de asfalto, indústrias metalmeccânicas, restaurantes, entre outros (TEDESCO e GRZYBOVSKI, 2013).

A partir de informações coletadas na RAIS³³, no ano de 2015, São Paulo deixou de atrair a mão de obra imigrante para estados como Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o qual recebeu 10% dos imigrantes (OLIVEIRA, 2016, p. 63). Como nos estudos demonstrados acima, também constatamos na nossa pesquisa empírica que alguns imigrantes foram informados que o Sul do Brasil teria mais oportunidades que outras regiões do país, como podemos ver em algumas das falas de haitianos e senegaleses:

Eu comecei a perguntar onde tinha mais emprego, daí me falaram no Sul, em Porto Alegre ou Santa Catarina. Daí eu vim pra cá; Esse cara do Senegal que eu conversei já tava aqui, daí ele me ajudou. Ele me ajudou com a carteira de trabalho, porque eu não gosto de trabalho sem carteira, sabe. Antes de vir pro Sul, um senegalês tinha falado que eu ia ganhar 3 mil por mês aqui, daí achei bom, pensei, vou lá mesmo. (E9, senegalês).

Não conhecia ninguém aqui. Quando eu consegui o visto, eu busquei sobre cada cidade do Brasil, daí eu achei Porto Alegre. Vi que era uma cidade mais tranquila, que tem movimento e tem mais emprego, por isso cheguei aqui em Porto Alegre. (E8, haitiano)

Eu resolvi vir para o Brasil e pro Sul porque eu tinha um amigo aqui em Caxias e ele sempre me dizia que aqui era bom, que tinha serviço. Daí me preparei uns quatro ou cinco meses pra vir pra cá. Não foi difícil juntar o dinheiro, porque eu vendi a minha oficina que eu tinha. (E6, senegalês)

Eu fiquei na internet procurando a parte do Brasil que tinha mais emprego, sabe? Eu tava olhando os PIBs de cada cidade também. Acho que a do Rio Grande do Sul era o terceiro lugar né.. E eu não gostei muito de São Paulo, porque já fiquei sabendo que SP e Rio de Janeiro eram cidades perigosas, daí eu vim pra cá. Quem eu conhecia era um amigo meu, né, mas ele mora no Rio de Janeiro. Daí, quando eu entrei no Brasil, eu entrei em contato com ele e falei “eu não vou para o Rio, não gosto do Rio”.. Eu queria ir para o Rio Grande do Sul, e ele me falou: “vai para Passo Fundo, porque lá tem um monte de Senegaleses, já tem uma comunidade aí, tu não vai te perder..” Daí fui direto para Passo Fundo, fiquei dois dias em um hotel e fiquei procurando trabalho. (E2, senegalês)

No entanto, estas escolhas pelo Brasil e pelo Sul do país como nova morada nem sempre são bem conhecidas pelos haitianos e senegaleses. Um dos aspectos curiosos que surgiu nas entrevistas com os migrantes é que, algumas vezes, eles não tinham sequer conhecimento sobre o país e a cidade de destino para o qual estavam migrando. O que podemos perceber é que o ato de migrar pode não ser uma opção previamente calculada pelos haitianos e

³³ Relação Anual de Informações Sociais, disponível em <http://www.rais.gov.br/sitio/index.jsf> (acessado em julho de 2017).

senegaleses, e também pode ser algo mais circunstancial e impulsionado pelas redes sociais que estes indivíduos possuem, como amigos e familiares. Além disso, não só a migração é motivada pelas redes sociais, mas também a permanência no país de destino, observada nos relatos:

Eu escolhi o Brasil pela copa do mundo. Queria vir pro Brasil mais pela copa do Mundo, Rio de Janeiro, Copacabana, isso eu sabia. Meu pai me perguntou: você quer ir pra Itália ou pro Brasil? Eu disse que preferia o Brasil, pai, eu vou para o Brasil. Mas eu nem sabia que aqui não pagava em dólar. Daí, eu cheguei aqui, e no ônibus já vi que não era dólar, descobri que era reais. Eu não sabia direito. (E9, senegalês)

Eu tava num momento que tava trabalhando e ganhando um dinheiro, e não tinha com que gastar. Daí, saía com meus amigos de festa e meu pai não gostava, dizia que não era bom pra mim. Daí ele queria que eu viesse pra cá. Eu nem pensei muito, se eu queria ficar muito tempo aqui ou não. Meu pai que disse pra vir pro brasil. (E17, haitiano)

Não foi minha decisão vir pro Brasil, foi minha esposa. Eu nunca pensei em vir pra cá. Tava tudo arrumado pra eu ir pro Canadá, já tinha passaporte, tudo. Daí minha esposa já tinha as coisas pra vir pro Brasil, daí a gente casou e ela engravidou. Daí, vimos que seria difícil ela vir pra cá grávida, ela não ia conseguir trabalho. Daí, eu pensei, não tem como ela vir sozinha pro Brasil, então era melhor eu vir junto pro brasil. [...] é caro, o tio da minha esposa nos ajudou a pagar. (E16, haitiano)

Na verdade, na minha mente, eu nunca tive vontade de vir, de morar em um país diferente. Diante das situações reais, eu tenho meu tio, que me disse pra sair fora, pra aproveitar e fazer outras coisas, aproveitar a vida. Eu não tive a ideia, foi meu tio. [...] meu pai apoiou, disse pra eu ir. Eu nem pensei muito, foi tudo ideia do meu tio. (E23, haitiano)

Um fato que também mostra que o Sul do Brasil, mais especificamente Porto Alegre, foi algo situacional para os imigrantes, pode ser demonstrado pela política de envio de ônibus realizada pelo governo do Acre para o Sul do Brasil, no ano de 2015. Os entrevistados abaixo, afirmaram que chegaram à capital gaúcha através destes ônibus, como podemos ler nos trechos seguintes:

Porque nós não sabíamos onde tinha serviço aqui no Brasil, porque nós apenas chegamos, entendeu? Apenas chegamos. Tinha um ônibus (no Acre) que ia levar a gente que queria chegar aqui em Porto Alegre, Santa Catarina, São Paulo. Então, nós ficamos aqui em Porto Alegre. [...] A gente não sabia como ia ser, não conhecia nada, só chegamos com o ônibus. (E3, haitiano, contando que ele e E4 vieram no ônibus enviado pelo governo do Acre)

Sim, eu vim no ônibus do Acre. Eu vim misturado com senegaleses e haitianos. Na nossa viagem tinham 50 e poucos. E quando chegamos,

ficamos tudo no Centro Vida, fiquei lá um mês mais ou menos (E5, haitiano).

Quando eu pedi protocolo no Acre, me enviaram para o albergue. Lá no albergue, começaram a sair uns ônibus pro Sul e eu fui junto (E17, haitiano).

Em maio do mesmo ano, a notícia³⁴ que o governo do Acre enviaria oito ônibus, para Porto Alegre foi amplamente divulgada pelos meios de comunicação. Ademais, também se mostrou uma surpresa, uma vez que a prefeitura de Porto Alegre alegou não ter sido informada por parte do governo do Acre e sim por terceiros. Dessa forma, a política de envio de ônibus com imigrantes também acarretou diversas discussões³⁵ entre os gestores públicos e a sociedade civil, uma vez que as autoridades locais deveriam se responsabilizar pelo recebimento, com um local de abrigo provisório para os quase 400 imigrantes caribenhos e africanos, o que posteriormente se tornou o Centro Vida.

3.2A inserção pelo trabalho

Haitianos e senegaleses ingressam ao Brasil e se regularizam por diferentes formas, como explicado no início desta dissertação. No entanto, quando se estabelecem no país, apresentam condições similares para a inserção pelo trabalho, uma vez que são migrantes, em sua maioria, homens, negros, pobres e de países não desenvolvidos. A forma de inserção pelo trabalho destes imigrantes pode ser resumida pela seguinte fala:

Sim, eles ocupam as mesmas áreas de trabalho, sim. O haitiano tem o mesmo tipo de inserção que o senegalês. Com exceção do trabalho informal, são praticamente as mesmas ocupações. Porque embora eles digam, tem o abate Halal, né, mas não são todos que trabalham. (E24, coordenadora CAM)

³⁴ Fonte da notícia: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/05/governo-do-acre-deve-enviar-oito-onibus-com-refugiados-haitianos-e-senegaleses-para-porto-alegre-4764024.html> (acessada em julho de 2017)

³⁵ Devido ao meu trabalho no Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados (GAIRE/SAJU - UFRGS), participei de reuniões com outras organizações da sociedade civil e com servidores públicos em que o envio dos ônibus com imigrantes do Acre acarretou um trabalho articulado, para fins de organização e acolhimento dos haitianos e senegaleses, inclusive na recepção na estação rodoviária de Porto Alegre até o Centro Vida.

Como já ressaltado anteriormente, o mercado laboral brasileiro, especialmente do Sul do país, foi bastante atrativo para esta nova onda migratória. Podemos ver que nos anos de 2010 e 2011, representantes de empresas do estado partiam para o Acre, onde estava a grande concentração de imigrantes recém-chegados a fim de oferecerem postos de trabalho (UEBEL, 2015). E nos anos de 2013, 2014, uma das formas de inserção pelo trabalho dos migrantes era através de organizações que trabalhavam com o atendimento a essa população e mediavam os contatos, como destaca a nossa entrevistada 24, que atende migrantes:

Lá no início, as empresas iam até o Acre para buscar os imigrantes para trabalhar aqui. Na época do grande frisson, do boom, (2013, 2014) assim, nossa, toda semana tinha uma empresa que vinha aqui (no CAM) fazer seleção, os imigrantes escolhiam onde queriam trabalhar, né, podiam barganhar a questão do salário. Agora, não, praticamente, a gente trabalha com as vagas que saem no jornal. Uma e outra empresa que aparecem, e tem aí aparecido algumas empresas de safra, assim, de colheita de fruto, que a gente tem muuuito receio. Até essa semana, veio um lá de Santa Catarina, o que o cara veio fazer láá de Santa Catarina para arrecadar cara daqui? Não tem desempregado lá? Daí a gente viu, assim, era um cara que ele é contratado por agricultores pra fazer como é que chama? Recrutamento. Ele ganha em cima de quantidade de pessoas que a empresa contrata. Então, é um gato moderno, eu diria assim. Então, ao mesmo tempo que a gente observa que tem essa dificuldade, também precarizou muito assim, o tipo de vaga que tá sendo ofertada. São vagas muito mais precárias, assim, ou é em serviços que pagam pouco, em cozinha, em limpeza, ou é mesmo esse setor safrista assim. Tem muita gente que migrou para o trabalho informal. (E24, Coordenadora CAM)

E como também é identificado na fala de um dos senegaleses entrevistados:

Quando eu tava em Caxias, no CAM, fiquei só três dias. Através do CAM e da Irmã Maria do Carmo, consegui um trabalho logo na empresa X³⁶ em Viamão. É bem normal representantes de empresas irem lá e oferecer trabalho para os imigrantes. Por exemplo, em 2013, o pessoal da minha empresa foi lá e disse que tinha duas vagas de trabalho, então chamaram eu e outra pessoa. Eu não falava nada de português, a Irmã que me ajudou a traduzir tudo, conversar. (E6, senegalês)

Com o tempo e com as mudanças econômicas e políticas no país, essas ofertas de trabalho diminuiriam e os imigrantes passaram a buscar trabalho por

³⁶ O nome da empresa foi preservado a pedido do entrevistado.

conta própria, através de amigos (principalmente outros imigrantes já estabelecidos há mais tempo), de redes de contatos, pelo SINE³⁷ ou por organizações, como eles relataram nas entrevistas realizadas. As ocupações em que os haitianos e senegaleses entrevistados estão atualmente ou que já tiveram em suas trajetórias no Brasil são nas seguintes áreas:

- Comércio ambulante;
- Cozinha – restaurantes, padarias;
- Construção civil;
- Indústrias – auxiliar de produção, almoxarifado, estoque;
- Limpeza – lojas, supermercados, escolas;
- Fiscalizador de abate Halal em frigoríficos;
- Técnico em manutenções;
- Eletricista;
- Frentista;
- Aulas particulares – francês;
- Segurança/portaria;
- Secretário na prefeitura de POA.

A maioria das ocupações laborais dos senegaleses e haitianos entrevistados corresponde com a movimentação dos trabalhadores imigrantes informada pelo Relatório do Observatório das Migrações, como apontam as tabelas elaboradas por Cavalcanti, Brasil e Dutra (2016):

Tabela 1: Principais atividades econômicas dos trabalhadores estrangeiros no mercado formal no Brasil em 2015:

³⁷ Site Nacional de Emprego de Porto Alegre: <http://www.portoalegre.rs.gov.br/sinepoa/> (acessado em julho de 2017)

Movimentação de trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho formal, segundo principais atividades econômicas, Brasil - 2015			
Principais atividades econômicas	Total		
	Admitidos	Demitidos	Saldo
Total	54.086	48.039	6.047
Abate de aves	4.470	2.715	1.755
Construção de edifícios	4.030	4.022	8
Restaurantes e similares	3.485	2.901	584
Frigorífico - abate de suínos	1.775	830	945
Hotéis	1.323	1.271	52
Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares	1.148	965	183
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - supermercados	1.133	989	144
Limpeza em prédios e em domicílios	897	695	202
Confecção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas e as confeccionadas sob medida	781	854	-73
Incorporação de empreendimentos imobiliários	697	584	113
Outros	34.347	32.213	2.134

Fonte: CAGED/CTPS - Ministério do Trabalho

Fonte: Relatório do Observatório das Migrações (OBMigra, 2016, p.81)

Tabela 2: Principais ocupações dos trabalhadores estrangeiros no mercado formal no Brasil em 2015:

Movimentação de trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho formal, segundo principais ocupações, Brasil - 2015			
Principais ocupações	Total		
	Admitidos	Demitidos	Saldo
Total	54.086	48.039	6.047
Servente de Obras	5.570	4.719	851
Alimentador de Linha de Produção	5.011	3.896	1.115
Faxineiro	2.751	1.939	812
Abatedor	2.455	1.336	1.119
Magarefe	2.258	1.312	946
Pedreiro	1.721	1.737	-16
Cozinheiro Geral	1.614	1.395	219
Auxiliar nos Serviços de Alimentação	1.084	785	299
Vendedor de Comércio Varejista	945	893	52
Atendente de Lanchonete	861	724	137
Outros	29.816	29.303	513

Fonte: CAGED/CTPS - Ministério do Trabalho

Fonte: Relatório do Observatório das Migrações (OBMigra, 2016, p.83)

A partir destas ocupações e áreas em que os imigrantes costumam trabalhar no Brasil, podemos ter ideia da média salarial que eles recebem. De acordo com os relatos dos senegaleses e haitianos no mercado formal, o salário recebido – pela grande maioria entrevistada – é de aproximadamente

1.000 reais por mês, um pouco mais de um salário mínimo nacional. Este salário aumentava quando o imigrante dizia estar em mais de um trabalho com CTPS. Este valor médio salarial encontrado nas entrevistas também vai ao encontro com os números elencados pelo Relatório do OBMigra (2016), que mostra que a mediana salarial dos trabalhadores imigrantes na cidade de Porto Alegre no ano de 2015 foi de 1.060 reais no momento de admissão conforme o Ministério do Trabalho (CAVALCANTI, BRASIL, DUTRA, 2016, p. 85). O salário também pode variar se o imigrante está no trabalho informal, como descreveremos adiante, como o caso de um senegalês receber 1.500 mensais trabalhando no comércio ambulante.

3.2.1 Trabalho formal versus trabalho informal

Os imigrantes apresentam diferentes estratégias de trabalho, podendo ser informal, formal e neste caso alguns têm um trabalho complementar. No Brasil, a Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) foi decretada em 1932 e se mostra obrigatória a todas as pessoas que exerçam alguma atividade profissional no país, de acordo com o seu decreto (nº 21.175). Com a CTPS, os trabalhadores têm o acesso aos direitos básicos, como seguro-desemprego, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e Programa de Interação Social (PIS). E quem emite a CTPS é o Ministério do Trabalho, as gerências, algumas prefeituras e também alguns sindicatos³⁸.

Dessa forma, a CTPS representa uma segurança para quem trabalha no Brasil, e também um direito para os imigrantes, solicitantes de refúgio e refugiados. Na pesquisa empírica, os haitianos e senegaleses mostraram que possuíam conhecimento sobre a carteira de trabalho desde o seu ingresso no país. De acordo com os relatos dos entrevistados, quem informava sobre os direitos trabalhistas e, especificamente, sobre a CTPS eram os agentes da Polícia Federal, as organizações responsáveis pelo atendimento à população migrante e os amigos e demais membros das redes de contatos dos haitianos e senegaleses. Assim, se demonstra na fala abaixo:

³⁸ Fonte: <http://www.brasil.gov.br> (acessado em julho de 2017).

Meu amigo me mostrou e lá na polícia federal pra fazer o CPF, eles falam, da carteira, do décimo terceiro e tal, dos nossos direitos. Mas da carteira também meu amigo que falou. (E21, haitiano)

Sabendo de seus direitos trabalhistas e outros benefícios com a CTPS, os imigrantes valorizam o trabalho com carteira assinada, como ilustram os seguintes trechos:

A primeira coisa que procuro é carteira de trabalho. Não dá pra trabalhar sem. Se acontecer algum acidente, tem que ter carteira de trabalho. (E22, haitiano)

Sim, prefiro com carteira assinada. Quando a pessoa trabalha com carteira assinada, tem mais segurança, né. Embora eu não conheça muita coisa do Brasil agora, segundo umas pesquisas que eu fiz, tenho quase certeza que é melhor com carteira assinada, pelo que ouvi. Se acontecer alguma coisa, sabe, se não tem carteira assinada, vai ficar difícil pra você. (E23, haitiano)

O que também foi visto é que quem trabalha informalmente, também tem preferência para um emprego com carteira assinada, como mostra o exemplo abaixo:

A carteira assinada tem uma vantagem. A vantagem que quando chega o final do ano, tem o décimo e isso é bom. Porque eu sou estrangeiro, mas sou que nem brasileiro e tenho direito a isso. (E21, haitiano)

Eu quero salário bom e carteira assinada. Aqui não tem trabalho sem carteira, só vendas. O trabalho tem mais segurança que pra vender, é melhor trabalho. Trabalho é melhor sim, se me oferecessem um, eu iria pra qualquer um. (E12, senegalês e vendedor ambulante)

Embora os entrevistados afirmem preferir empregos formais, com a CTPS assinada, alguns dos imigrantes entrevistados trabalham informalmente. Neste aspecto, o que constatamos é que os haitianos afirmam que a maioria daqueles de sua nacionalidade trabalham informalmente apenas de forma provisória, até encontrar um emprego com carteira assinada, como se pode ver nos seguintes relatos:

A maioria dos haitianos trabalha com carteira assinada. Só se não encontra nada. Mas quem trabalha sem carteira é por um tempo, até encontrar outra coisa. (E19, haitiano)

Conheço alguns haitianos que trabalham sem carteira. Não é bom quase, mas não tem jeito, né. Se não encontrar outra coisa, se não tem nada pra fazer, é isso. Mas eles sempre procuram algo com carteira, se um haitiano tá trabalhando sem carteira, é provisório, até arrumar algo.

A gente sempre procura ficar com carteira, mais segurança. (E23, haitiano)

Meu primeiro trabalho foi num restaurante. Eu trabalhava como auxiliar de cozinha. No restaurante não tinha carteira assinada, só tinha carteira depois, na construção. Eu trabalhei lá dois meses. Eu saí do restaurante porque não queriam assinar a minha carteira. Daí, eu saí e fui trabalhar na obra, que assinavam. (E21, haitiano)

Com as falas acima, constatamos uma forte resistência dos haitianos em aceitarem um trabalho informal, um trabalho sem a CTPS e sem as garantias que eles desejam de forma mais duradoura. Esta característica não foi encontrada na nacionalidade senegalesa, como mostraremos adiante e de forma mais analítica no capítulo 4 deste trabalho.

Dos 23 imigrantes entrevistados, cinco senegaleses trabalham no comércio ambulante, sendo, assim, o comércio ambulante é a única ocupação informal atual encontrada nas entrevistas. Como já mencionado em outro capítulo desta dissertação, o comércio ambulante desenvolvido pelos senegaleses não foi uma surpresa, uma vez que é bastante comum este trabalho nos países para onde estes sujeitos migram. No entanto, os motivos que impulsionam os senegaleses a venderem nas ruas não são sempre os mesmos, como podemos analisar em suas falas:

Eu gosto de carteira assinada, mais garantido. Eu tinha carteira assinada, tava tudo certo no meu trabalho, mas com o salário, não sobrava nada. Então, fui pras vendas, porque meu primo me falava que ganhava mais. Meu primo me dizia sempre: vender ganha mais. E tô ganhando mais mesmo, consigo ganhar uns 1500, depende do mês, também; tem mês que é mais fraco. Consigo mandar todo mês dinheiro pra minha família, eu mando 500 reais pra eles. Eu trabalho todos os dias, sábado e domingo também, no mesmo lugar. Eu queria outro trabalho com carteira assinada, porque é mais garantido. Eu cheguei a procurar outro trabalho, mas é difícil. Agora tá mais difícil ainda que o ano passado. Tem muito amigo que vende porque não tá achando um trabalho, porque tá fraco. (E11, senegalês e vendedor ambulante)

Sim, tem mais senegaleses vendendo ultimamente. No Brasil agora tá complicado de sobreviver, por isso tem muitos senegaleses vendendo na rua. Procuraram emprego, mas não conseguiram. Não dá pra ficar pagando coisas. Então, eles saíram pra vender e conseguir se sustentar. (E20, senegalês e vendedor ambulante)

Os senegaleses entrevistados que trabalham no mercado informal, ou seja, são vendedores ambulantes, os conhecidos camelôs, expõem suas mercadorias em diferentes locais de Porto Alegre, como na avenida Osvaldo Aranha, Assis Brasil e Borges de Medeiros. Os acessórios que vendem são,

sobretudo, acessórios para celulares, eletrônicos, relógios e roupas e o salário costuma variar conforme o movimento e o mês, porém há relatos de que podem ganhar até 1.500 reais mensais.

Diferentemente do que afirma Uebel (2015, p. 182), que as mercadorias vendidas pelos senegaleses seriam oriundas do Senegal ou do trajeto percorrido pelos imigrantes em países como Bolívia e Paraguai, nas nossas entrevistas não obtivemos as mesmas respostas. De acordo com todos os nossos entrevistados que se dedicam ao comércio ambulante, as mercadorias são compradas em São Paulo (onde costumam ir uma vez ao mês), especialmente na 25 de março, e revendidas aqui. Em nenhum dos casos, os imigrantes trouxeram os objetos a ser vendidos de seu trajeto anterior ou do Senegal.

Ademais de o trabalho informal ser apenas uma situação provisória para alguns imigrantes, principalmente para haitianos, verificamos que alguns dos entrevistados aceitariam trabalhar informalmente se o salário que recebesse fosse mais alto que o que costumam pagar nos trabalhos atuais.

Pra fazer um trabalho sem carteira assinada, só se eu ganhasse mais de quatro mil. Por exemplo, se acontecesse um acidente, ia tá mais seguro. Mas só assim. Se eu ganhar menos sem carteira assinada, eu não trabalho. (E19, haitiano)

Com os relatos acima, observamos como a CTPS tem um papel importante na inserção pelo trabalho dos haitianos e senegaleses. Estes imigrantes, ao tomarem conhecimento das futuras garantias com a carteira assinada, buscam empregos em que terão estes direitos preservados, principalmente caso algum acidente aconteça – como afirmado nas entrevistas. No entanto, por alguns motivos como a falta de oportunidades ou pelas más condições de trabalho que enfrentam, optam pelo mercado informal, como mostraremos a seguir.

3.2.2 As condições de trabalho

De acordo com os autores usados como referência elencados no outro capítulo desta dissertação, os imigrantes, sobretudo pobres e negros, tendem a

ocupar as vagas menos qualificadas do mercado de trabalho e estão sujeitos a um trabalho mais precarizado. Nas entrevistas, ressaltamos as seguintes falas de haitianos e senegaleses sobre as condições de trabalho que já possuíram em algum momento no Brasil:

Eu gosto do meu trabalho. Por enquanto, por enquanto.. Porque minha situação é um pouco complicada, mas eu gostaria de me preparar melhor para conseguir um melhor trabalho, entende? Porque ainda é um trabalho pesado. Não me acostumo a fazer coisa pesada. Fazer tantas coisas pesadas.. Carregar materiais de até 50 kg, 50kg!! Quanto eu peso?! Eu peso 60kg! Mas eu tenho que fazer, para sobreviver! Tem um monte de pessoas, brasileiro mesmo, que gostaria de estar em meu setor, em meu trabalho. Então, se estou aqui, é uma graça! Então, não posso ver coisa pesada, essas coisas. Por exemplo, em minha situação, eu tenho que gostar. (E1, haitiano)

Meu primeiro serviço foi numa loja de tapetes com carteira, fiquei um mês e meio. Eu carregava tapetes e descarregava. Era um pouco pesado. Agora tô trabalhando no posto e tá melhor. Eu não gosto de trabalho pesado, porque no Senegal eu também não trabalho pesado, então não queria aqui. No Senegal eu sou informático e eletricitista, então, não é pesado e não quero isso aqui. (E9, senegalês).

Na empresa de materiais de construção eu cortava madeira. Não gostava, era muito difícil e muito perigoso. Tinha madeira muito alta e todo dia eu cortava. Era muito perigoso. Eu trabalhei lá porque tinha um amigo que trabalhava lá e me falou da vaga. Eu fui demitido de lá, por causa da crise. (E12, senegalês)

No trabalho de construção era muito, muito pesado. Tinha coisa que tinha que levantar com a mão, era muito, muito pesado. Éramos nove imigrantes trabalhando lá. Eu faço todo tipo de trabalho, mas a gente merece respeito, só isso, a gente merece respeito. Tudo que aparecer, eu faço, porque não aparece serviço, então vou lá e faço. Mas a gente tem que ter respeito³⁹. (E19, haitiano)

Fiquei seis meses trabalhando na construção, tinha carteira assinada. O trabalho era pesado, mas era bom, tenho coragem pra trabalhar nessas coisas. Mas fui mandado embora. Trabalho pesado, com certeza, pesado. Porque leva tijolo, faz a massa, leva cerâmica, carrega o saco de cimento.. Tem coisas muito pesadas, era pesado trabalhar assim, na construção. E eu sou magrinho, eu nunca tinha trabalho pesado. (E20, senegalês)

Também, o entrevistado 15⁴⁰ afirmou ter pedido demissão da Indústria de produção de cimento em que trabalhava, pois dizia que as funções pelas quais era responsável eram muito pesadas, ele tinha que carregar muitos materiais todos os dias e, ainda, no local de trabalho havia muito barulho, que o

³⁹ O entrevistado 19 não quis detalhar sobre a falta de respeito que houve em seu trabalho, mas se mostrou bastante incomodado com a situação.

⁴⁰ O entrevistado 15 não permitiu o uso do gravador durante a coleta de dados.

incomodava bastante. O que o entrevistado 15 explicou é que pediu demissão do seu trabalho devido a esta situação de cansaço e insatisfação com as circunstâncias descritas acima.

Assim, observamos as queixas dos imigrantes com relação às condições de trabalho, principalmente no que se refere ao trabalho pesado que é destinado a eles. Pelos relatos, se percebe um sentimento de revolta, mas também de conformismo, uma vez que levam em consideração que embora as condições de trabalho sejam ruins, eles ainda estão empregados, possuem uma renda salarial e há pessoas interessadas nestas vagas, caso eles não queiram. E os imigrantes que decidem sair do emprego devido às más condições de trabalho, necessitam buscar outras estratégias de renda, como outras vagas no mercado formal ou vão para atividades informais, como o caso dos senegaleses que começaram a trabalhar no comércio ambulante.

Entretanto, ouvimos comentários de senegaleses relatando as más condições de trabalho no mercado informal também, isto é, nas ruas onde costumam vender suas mercadorias. A maioria das lamentações desta área é sobre o clima e sobre a fiscalização da SMIC⁴¹, como ilustram as falas seguintes:

Se a SMIC pega as coisas, o vendedor fica sem nada, tem muitos riscos. Tem muita gente que tá parado, que não vende nada, que a polícia pegou o material e fica sem nada. Também, ninguém sabe onde pega autorização pra vender na rua, a associação também não sabe. Tem muito problema sempre. Tem cara que vende todo o dia e ganha 10, 15 reais, não tem como viver assim. Então, por isso, muita gente tá voltando. Tem pessoal que vende porque não tem serviço, precisa vender. Não é uma questão de querer, também, é porque precisa pagar o aluguel, mandar dinheiro pra família, daí o pessoal vende. (E9, senegalês, frentista)

Trabalhando com vendas, tenho medo da SMIC de ficar sem nada. (E11, senegalês, vendedor ambulante)

Nas vendas tem a chuva também. Eu prefiro um trabalho porque assim não tem chuva, quando tem chuva, não consigo vender. Trabalho é melhor sim, se me oferecessem um, eu iria pra qualquer um. (E12, senegalês, vendedor ambulante)

O lado ruim é a fiscalização. Aqui em Porto Alegre é bem ruim. Mas em outros lugares é melhor, mais calmo, Cachoeirinha, Gravataí. Aqui eles

⁴¹ Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio. Disponível em <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smic/> (acessado em julho de 2017)

recolhem, vários já recolheram. Semana passada teve um vídeo⁴², né? (E20, senegalês, vendedor ambulante)

A fiscalização da Prefeitura, como já mostrava Uebel (2015), se mostrou o principal lado negativo deste trabalho informal desenvolvido pelos senegaleses em Porto Alegre. Através desta fiscalização, a Prefeitura e a Brigada alegam impedir o comércio de produtos piratas e sem procedência comprovada. Além disso, os imigrantes que vendem nas ruas também podem passar por situações de agressão e ameaça, como destaca o Presidente da Associação dos Senegaleses e como ilustra a matéria⁴³ do Sul21, publicada em janeiro de 2017. Conforme a matéria, os senegaleses que possuem as mercadorias apreendidas necessitam arcar com os custos, os quais geralmente representam dois a três meses de trabalho. A forte fiscalização com as vendas ambulantes dos trabalhadores senegaleses também é observada em outras cidades do Rio Grande do Sul, como Santa Maria (MOCELLIN, 2017), e também no Rio de Janeiro (HEIL, 2017).

Ainda, pelos relatos, observamos que as más condições do comércio ambulante também não estimulam os senegaleses a continuarem aqui, uma vez que a apreensão tira toda a renda que o imigrante poderia ter e seu dinheiro investido para as compras das mercadorias. Constatando isso, além da falta de oportunidades no mercado formal, alguns senegaleses optam por voltar ao seu país ou migrarem para outro local. Outro aspecto que também podemos relacionar com as más condições de trabalho enfrentadas é o do preconceito, que no caso dos haitianos e senegaleses se manifesta através do racismo e da xenofobia, que mostraremos a seguir a partir dos dados coletados no campo.

3.2.3 O preconceito

⁴² O vídeo que o entrevistado 20 se refere é um vídeo amplamente divulgado pelas redes sociais em que mostra um policial prendendo um imigrante senegalês e recolhendo suas mercadorias, no momento em que trabalhava no centro de Porto Alegre, no final do ano de 2016. O link do vídeo não foi encontrado.

⁴³ Disponível em <https://www.sul21.com.br/jornal/sem-emprego-senegaleses-no-mercado-informal-vivem-rotina-de-apreensoes-e-agressoes/> (acessado em julho de 2017).

Em sua pesquisa com haitianos e senegaleses no Rio Grande do Sul, Uebel (2015) também aborda a questão do racismo e da xenofobia, que se mostraram presentes em inúmeros relatos com estes coletivos de imigrantes. O autor explica que, em sua investigação, os haitianos e senegaleses disseram sofrer preconceito com relação à “nacionalidade, à etnia, à raça, à religião”, sendo considerados pela população local como “invasores” (Uebel, 2015, p. 189). Relatos semelhantes foram escutados em nossas entrevistas:

Mas o que incomoda é que no Brasil tem muito racismo, sabe né? O racismo é uma coisa.. é cultura aqui no Brasil, vou te dizer, é uma cultura. Vai ser difícil de tirar isso da cabeça da gente.. Já tem lei contra racismo, que é crime né aqui. Mas persiste, persiste bastante. É uma coisa que incomoda, né? Também, a desinformação incomoda bastante. O brasileiro, que nunca saiu do Brasil, não tem essa abertura, acha que a África é um país só.. primeiro, um país.. mas um país pobre, muito pobre, que tem marginais, violência. (E2, senegalês)

Quando eu trabalhava no restaurante, eu sofri muito no fim. O filho do meu chefe me chamou de macaco no trabalho. Eu sei, é uma criança, mas foi difícil, foi difícil. A mãe dele tava junto e não falou nada. Daí, eu fui falar com meu chefe, que eu fiquei chateado, sabe. Ele era legal comigo, mas não gostou, daí eu fui mandado embora. Eu sei que podia reclamar, mas não quero mais, foi bem difícil. (E8, haitiano)

No supermercado eu não gostei do trabalho. Eu trabalhava lá com duas outras pessoas do Senegal e mais brasileiro. Mas tem muita diferença. O dono, todo trabalho pesado, dava pro Senegal, Senegal, Senegal. Todo mundo, meus amigos, também, ninguém gostou do supermercado, do chefe. Daí, todo mundo se demitiu. Fiquei seis meses lá. Daí procurei outro serviço e comecei na padaria. (E7, senegalês)

Sim, tava claro (que os colegas de trabalho não gostavam dele por ser imigrante e ter um cargo superior a eles). Tu pode imaginar, se eu to lá há pouco tempo e sou chamado pra ser promovido, e sou imigrante, haitiano, eles não entendem que uma pessoa é promovida assim. Eles não entendem aqui que uma pessoa não é promovida por tempo, e sim por conhecimento. Se eu fui chamado, era porque tinha capacidade de fazer, mas as pessoas não viam isso. Eu tenho capacidade de analisar algumas coisas. Nós, que somos jornalistas, temos quatro olhos, sabemos olhar bem, temos que olhar, observar, analisar. (E16, haitiano)

Eles diziam que gostavam de trabalhar com haitiano porque o haitiano trabalhava rápido, tinham vários imigrantes lá. [...] quando eu fui reclamar meus direitos, pedir meu salário, fui lá no chefe e ele me mostrou uma arma, mostrou pra mim e pro meu amigo. Daí, por isso, eu saí do trabalho e nem quis mais entrar com processo, fiquei com muito medo de que ele fizesse algo com a arma. Depois o chefe ainda ofereceu trabalho em outra cidade, disse que lá ia me pagar, mas eu não quis, eu tava com medo. (E17, haitiano)

Olha, o que a gente sempre repara que enquanto imigrante e negro, é impossível não notar diferença no trabalho, na empresa na hora de

contratar. Isso tá marcado na vida do imigrante. A gente sofre por ser imigrante e negro, mas a gente acha que tem mais problema por ser negro, porque o Brasil sempre teve imigrante e tava tudo bem. E nós somos negros. (E18, senegalês)

Tem um haitiano que foi morto, né. Disseram que ele tava metido em drogas, mas não, nem conheciam ele. Não gostavam dele porque era haitiano. Os brasileiros não gostam, às vezes, do haitiano. No trabalho, os brasileiros não gostam que os haitianos ganham mais, por exemplo. Tem isso. (E22, haitiano)

Com os trechos elencados acima, percebemos como os haitianos e senegaleses sentem e se expressam com atos de racismo e xenofobia, principalmente no mercado de trabalho. E este preconceito relatado é por parte dos colegas de trabalho, pelos chefes e pela população em geral. Também, na tentativa destes migrantes reivindicarem seus direitos para seus superiores, por exemplo, ao se sentirem discriminados, recebem retaliações e até demissões de seus postos de trabalho. Ademais, é possível percebermos que as contratações de imigrantes podem ter o fim da exploração por parte dos donos das empresas, os quais reproduzem os discursos preconceituosos, como “haitiano trabalha mais rápido; senegalês pode ficar com o trabalho mais pesado”, frases que foram relatadas pelos entrevistados. E isto pode também influenciar a buscar outras estratégias de trabalho, como vemos claramente na entrevista abaixo destacada:

Sim, tem bastante senegalês vendendo. Cada um tem seu jeito. Mas eu penso que pode ser por muito preconceito no serviço, preconceito racial. Aqui tem muito e pode acontecer no serviço. Como nós somos imigrantes, nós somos de fora, não pode brigar, não pode reclamar, não pode fazer nada, pra não se incomodar, então é melhor sair fora (do serviço). Então é melhor arrumar outra coisa. Se quiser dormir, se quiser trabalhar uma semana, eu cuido daí do meu emprego. Acho que é melhor pra mim, ele faz melhor. Porque no trabalho em Caxias do Sul, aconteceu isso, e eles não te dão respeito, acham que você é burro, complicado. É por isso que eu não queria mais esse trabalho. (E20, senegalês, vendedor ambulante)

O trecho acima é do entrevistado E20, que se mostrou bastante indignado com o preconceito racial (não quis explicar detalhadamente o que aconteceu) que sentiu no trabalho formal que tinha antes de vender nas ruas. Devido à discriminação no mercado de trabalho, E20 optou por outra estratégia de renda e decidiu trabalhar no comércio ambulante.

3.3 O mercado de trabalho brasileiro e as relações com o país de origem

Durante as entrevistas, o que também observamos são as diferenças relatadas pelos haitianos e senegaleses com relação ao mercado de trabalho do país de origem, principalmente no que se refere à formalidade, no caso, especificamente quanto à CTPS, e a visão dos imigrantes é a seguinte:

No Senegal não tem carteira de trabalho, mas tem contrato, tudo igual, né?! Mas o sistema senegalês é copiado da França, tipo, é igual, os franceses que deixaram esse sistema senegalês, administrativo, senegalês. Mas eu acho que deve ser revisado, é tudo mal organizado. Tipo, aqui todos os empresários têm que pagar imposto, sabe, têm camisa pra identificar seus trabalhadores, sabe?! É organizado. Lá ainda não tá, é muito informal o trabalho. Como aqui no Brasil, com somente com Ensino Médio, tu já pode conseguir um serviço legal aqui, com a carteira assinada. Lá não é assim, o mundo do trabalho não é organizado como aqui no Brasil, isso eu falo. (E2, senegalês)

No Haiti não tem carteira de trabalho como aqui. Tem gente que trabalha no hospital e recebe por mês. Agora tem gente que trabalha na construção e recebe por semana o salário. Então, aqui tem mais segurança porque tem carteira assinada. Se não tem carteira, o patrão pode não pagar, daí é complicado. (E8, haitiano)

Com relação ao trabalho tem diferença. Lá não tem fundo de garantia e carteira de trabalho. Lá se manda embora, não vai receber nada. Aqui não tem isso, tá tudo certo. Lá uma empresa pode não pagar, tem muita coisa errada lá. (E9, senegalês)

No Haiti tem carteira, mas só depois de ficar três meses na empresa. Pra ser contratado, tu vai assinar. Dai, tu fica três meses e se você passou, dai tem uma abertura de uma conta, que vai ser uma carteira no Ministério, que não é igual ao Ministério do Trabalho; vai ser que nem aquele do INSS que vai ser descontado do trabalho. Que vai ser descontado do seu salário uns 10% e pode pedir se tá com alguma dificuldade. É uma garantia que você vai ter depois. Mas tem muita gente que não sabe, também. O último presidente reorganizou os ministérios, pra dar um serviço melhor para o povo, no que diz de respeito, direitos, no que diz a lei, mas não é aplicado direitinho. (E16, haitiano)

No Senegal não tem carteira, mas tem contrato de trabalho. Não é muito respeitado, mas tem. Tem leis trabalhistas, mas é muito pouco respeitado. A maioria dos senegaleses nem sabem que tem lei trabalhista. Não tem como comparar Brasil e Senegal, aqui tem muito mais leis. (E18, senegalês)

Ademais, encontramos diferenças não só com relação ao país de origem, mas também a outros países que os imigrantes já tinham se

estabelecido, no caso, de haitianos que foram à República Dominicana, como a fala do entrevistado 4:

Acho que não tem carteira de trabalho na República Dominicana, acho que não, porque eu não cheguei a trabalhar assim, com carteira assinada. Porque eu não trabalhava em todos os lugares lá em Santo Domingo.. Porque os lugares que eu sempre trabalhei, era como interior, assim, eram mais temporários. Daí, não cheguei a ver se tinha carteira assinada, entendeu? (E4, haitiano).

A partir destas falas, vimos que os imigrantes percebem uma nítida diferença no mercado de trabalho brasileiro com o de seu país. A diferença fundamental observada é com relação à organização do mercado de trabalho e com os tipos de contrato. O que percebemos é também uma falta de informação de alguns dos entrevistados que, por diversos motivos, desconhecem a própria legislação trabalhista do país. Talvez, uma das explicações possíveis é que os imigrantes 2, 16 e 18, por exemplo, demonstraram saber mais sobre os tipos de contrato do Haiti e do Senegal, pois têm uma formação superior a dos outros entrevistados.

Como era o esperado, uma vez que acontece em demais países que costumam receber imigrantes, como Estados Unidos e países da Europa, os imigrantes – especialmente negros e pobres – costumam ocupar vagas menos qualificadas que as que tinham no seu país de origem. Essa mudança no *status* também se mostra fundamental em como o haitiano ou o senegalês se relaciona com o trabalho e como influencia em suas estratégias. Podemos pensar sobre isso a partir dos seguintes trechos:

Eu fiquei meio chocado, porque, pensa, eu era jornalista e professor (no Haiti), e quando cheguei aqui, fiquei três meses trabalhando dentro de um banheiro. Foi uma coisa bem complicada pra mim, fiquei muito chateado. Mas graças a Deus eu tinha pessoas que me ajudavam, como minha esposa. Daí o que percebi, que aqui no Brasil, o trabalho na área de limpeza é o nível mais baixo do Brasil, diferente do Haiti e dos EUA, que lá precisam saber mais pra trabalhar nessa área. Aqui não, aqui a área de limpeza é a mais baixa. Também, eu fiquei 16 meses na frente do forno desde o primeiro dia, assando qualquer tipo de pão. Depois de oito meses, ganhei a carteira profissional de padeiro. (E16, haitiano, que quando chegou trabalhou na limpeza e na padaria de um *Shopping*, e no momento está desempregado)

Eu tinha um trabalho, mas não era minha área, eu gosto de serviços de gráfica. Só que eu não conseguia porque tinha que ter português, não conseguia. Daí eu trabalhei em um frigorífico porque lá não tinha que

falar, só cortar frango. Eu saí do frigorífico quando percebi que já falava português e podia conseguir outra coisa. (E10, senegalês, atualmente dono de uma gráfica)

Ademais, podemos observar tentativas de haitianos e senegaleses se inserirem em vagas de trabalho que tinham no país de origem, mas devido a diversos fatores, como falta de vagas de trabalho, preconceito, falta de conhecimento sobre questões burocráticas, como revalidação de diplomas, entre outros, eles não conseguem. Abaixo, algumas das tentativas mostradas pelos entrevistados:

No início eu procurei bastante coisa como chapeador de carro, que era o que eu fazia na minha oficina, mas eu não consegui. Agora eu desisti de procurar e tô gostando do meu trabalho (E6, senegalês, técnico em manutenções em parque aquático)

Eu tenho diploma de agrônomo né, do Haiti. Daí, eu tentei trabalho nessa área, mas não consegui. Primeiro trabalho foi em São Leopoldo, fiquei lá um ano e quatro meses trabalhando numa fábrica de construção. (E19, haitiano, auxiliar de limpeza em escola)

No Senegal eu tinha diploma do curso de Informática, mas tive que fazer outro curso aqui. Daí eu fiz um curso de Informática de três meses aqui também, ali perto da Farrapos, porque eu gostaria de trabalhar na minha área. O curso durou só três meses porque eu já sabia informática, já tinha feito tudo no Senegal, mas tive que fazer aqui de novo. Também, tô fazendo um curso técnico de instalação de ar condicionado. Mas por enquanto sou só frentista. (E9, senegalês, frentista)

Eu queria outro trabalho, com carteira assinada, pra ter mais segurança, queria um salário maior também. Eu também queria revalidar minha carteira de motorista aqui, pra tentar um trabalho pra dirigir. Porque no Senegal eu era taxista um tempo, e queria algo parecido aqui. (E14, senegalês, camelô)

Estes relatos sobre suas vivências anteriores mostram que não há uma homogeneização de perfil destes novos imigrantes para o Brasil. Como mostram Zamberlam et al (2014) – em sua pesquisa com imigrantes no Rio Grande do Sul – os novos grupos de imigrantes também apresentam bom níveis educacionais e profissionais, abandonando o senso comum preconceituoso de que haitianos e senegaleses não têm boa formação ou que são analfabetos.

Ademais, outro elemento do mercado de trabalho brasileiro que tem vínculo com o país de origem é o envio de dinheiro para suas famílias, as conhecidas remessas transnacionais. Constatamos que alguns grupos de

ambas as nacionalidades migraram para o Brasil por estratégia de seus familiares, que buscam uma forma de ascensão social através da mobilidade de algum familiar, como já afirmado no capítulo anterior sobre o contexto da emigração do Haiti e Senegal, e como pode ser visto neste trecho:

Eu vim pro Brasil pra viver melhor, pra ajudar minha família. Eu me preparei uns dois anos pra vir pra cá, pra juntar tudo o que eu precisava. Eu não vim pra morar aqui, só pra ficar um tempo. Toda a minha família tá lá, esposa, filha, eu não posso morar aqui. Eu mando dinheiro pra filha, esposa, pai, mãe, pra todo mundo, todo mundo mora junto lá. Eu pensei em ficar aqui mais ou menos dois anos. (E11, senegalês)

E as famílias também impulsionam a permanência dos haitianos e senegaleses no Brasil, como podemos ver:

Daí, falei pro meu pai que queria ir embora, que eu não gostava daqui. Dai meu pai não deixou, disse pra eu ficar aqui, pra eu arrumar trabalho, que eu ia ganhar dinheiro igual. Então, é isso, senegaleses escutam muito os pais. Se meu pai falasse pra eu voltar pro Senegal, eu voltaria amanhã. (E9, senegalês)

Ainda, sobre o envio das remessas para o país de origem, observamos a dificuldade dos nossos entrevistados em enviar certa quantia para a sua família que continua lá:

Eu ganho 1000 reais, pra mandar lá pra minha família, uns 100 dólares, eu preciso uns 400 reais. Pra pagar aluguel eu preciso de 400 reais, então não sobra nada. Para o haitiano mandar dinheiro pro Haiti, precisa ganhar muito. (E17, haitiano)

Eu tinha que fazer dois serviços pra trazer minha família, porque o salário mínimo aqui é baixo, 1000 reais não dá pra nada. Daí tem os gastos, aluguel, luz. E tinha que mandar 600 ou 700 reais pra minha família. Então, eu era obrigado a fazer dois serviços. Em um ganhava uns 1000 reais e em outro uns 800. Dai juntava os dois salários pra separar os gastos. Pros meus pais eu mando de vez em quando, mas pra minha esposa e filhos, eu tenho que mandar todo mês (E16, haitiano)

Ou seja, o vínculo familiar, as redes de parentesco influenciam nos tipos de trabalho e também nas estratégias de trabalho que os haitianos e senegaleses vão ter no Brasil. Por exemplo, o entrevistado 16 teve que trabalhar em dois lugares distintos para que sua renda fosse guardada para reunião familiar – processo chamado quando o migrante quer trazer filho(s) e acompanhante para sua residência atual. A reunião familiar, como ressalta a

coordenadora do CAM (E24) e como acompanhado nas reuniões⁴⁴ com a sociedade civil e com os servidores públicos, é uma das principais demandas dos haitianos no Rio Grande do Sul nos últimos anos, como relatam os representantes da DPU⁴⁵, onde os imigrantes costumam solicitar este tipo de processo.

Além das remessas para as famílias, os imigrantes podem ter outros custos durante o processo migratório quando ingressam pelas fronteiras terrestres, como dívidas com os conhecidos coioetes. O entrevistado 17 relatou de maneira um pouco confusa (demonstrando certo nervosismo), mas compreensiva, que teve que pagar muitas pessoas para entrar no Brasil e, assim, a sua migração foi essencialmente cara para ele e sua família e, por isso, afirmou que necessita trabalhar bastante aqui para recuperar todos estes gastos. As dívidas que os haitianos contraem variam entre 2 e 6 mil dólares, o que significa vários meses de trabalho (ZAMBERLAM et al, 2014, p. 62). Conforme matéria⁴⁶ divulgada em maio de 2015, o Relatório da Abin⁴⁷ aponta que rede de coioetes já recebeu mais de 60 milhões de dólares, facilitando o ingresso de haitianos no Brasil ao cruzarem as fronteiras.

3.4 O momento atual

Devemos levar em consideração que o momento de chegada da maioria destes grupos migrantes foi no período entre 2013 e 2014, em uma circunstância completamente distinta do final de 2015 em diante, em que se desdobra uma crise econômica no Brasil, juntamente com uma instabilidade política. Desde então, casos como demissões, diminuição de ofertas de trabalho, alta do dólar, desvalorização do real, entre outros, começam a

⁴⁴ Como já dito anteriormente, as reuniões que participo são através de meu trabalho no GAIRE e da articulação entre as diversas organizações e representantes públicos.

⁴⁵ Defensoria Pública da União - <http://www.dpu.def.br> (acessado em julho de 2017).

⁴⁶ Fonte: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/05/relatorio-aponta-que-rede-de-coioetes-ja-recebeu-us-60-mi-com-haitianos-4767300.html#showNoticia=cW1wdWlul3gzOTI1NTM1NDU5MDg1NjQ3ODcyLlI6NTA0ODcyNzI2ODgyOTQwMTE4NjQslzcxODcyNjE0NDE4OTQ3NzY4MzI4IWFVJS4xL0BuLWloXVN8M2g=> (acessada em julho de 2017).

⁴⁷ Agência Brasileira de Inteligência – Gabinete de Segurança Institucional - <http://www.abin.gov.br/> (acessado em julho de 2017).

caracterizar o novo momento econômico do país. Esta situação reflete diretamente nesta nova onda migratória para o país, como sintetizada pelo entrevistado 18⁴⁸ e pela coordenadora do CAM:

Tem muita diferença quando cheguei e agora. Quando a gente chegava tinha serviço logo, a mão de obra faltava. Agora aqui na secretaria tem mais de 50 currículos de haitianos e senegaleses. (E18, Presidente da Associação dos Senegaleses em POA e secretário da prefeitura)

O desejo de sair do Brasil começou quando começaram a perder o trabalho. Começou essa coisa, assim, tem muitos que perderam o trabalho. Porque aqui a região aqui é muito forte na questão metal-mecânica, Metalurgia, né. Daí o que aconteceu, as metalúrgicas encolheram, assim, e dispensaram muita gente. Os frigoríficos continuavam, mas não são os que mais empregavam aqui. E aí tem essa questão da crise, e eles dizem assim: “bom, eu não tenho mais como pagar o aluguel, acabou o seguro-desemprego, o que eu vou fazer?” E não se consegue trabalho rápido, às vezes, nem se consegue, tem gente esperando seis meses um trabalho. Não tem vaga, sabe? É bem restrito. Isso motiva as pessoas a buscarem outra alternativa, né?! Final do ano passado (2015) que a gente começou a observar. Daí, claro, teve um tempo de.. aquele tempo que o cara perdeu o trabalho, mas tá no seguro-desemprego, tem seis meses ainda. Mas aí acaba o seguro-desemprego e começa a pedir dinheiro para a família. Daí a família diz assim: “bom, não tenho mais como te ajudar”. Aí a pessoa tem que dar.. aí consegue o trabalho ou vai embora, porque não tem como permanecer. (E24, coordenadora do CAM)

Este momento de crise e de aumento de desemprego certamente não era o ideal esperado pelos haitianos e senegaleses, que migraram na expectativa de muitas oportunidades de trabalho. Dessa forma, os entrevistados são afetados de forma direta, e relatam:

Na empresa de materiais de construção eu cortava madeira. Não gostava, muito difícil e muito perigoso. Tinha madeira muito alta e todo dia eu cortava. Era muito perigoso. Eu trabalhei lá porque tinha um amigo que trabalhava lá e me falou da vaga. Eu fui demitido de lá, por causa da crise. (E12, senegalês)

Eu era operador de máquina de construção. Depois a empresa começou a falhar, começou a crise em 2014, 2015, a empresa começou a falhar, e começou a mandar gente embora. Daí eu fui mandado embora. Eu morava numa casa com meu irmão, e ele se casou, então tive que me mudar. Como eu tinha um amigo em Porto alegre, ele me disse pra vir aqui, dai por isso que vim pra Porto Alegre. (E19, haitiano)

⁴⁸ O entrevistado 18, que já era conhecido por seu trabalho na presidência da Associação dos Senegaleses em Porto Alegre, afirmou ter sido contratado pelo prefeito para trabalhar na Secretaria de Direitos Humanos e auxiliar especificamente no atendimento a imigrantes na cidade.

[...] eu fui demitido porque eles falaram que não tinha dinheiro pra nos pagar. Com a crise, disseram que teriam que nos demitir. (E21, haitiano)

Também, o entrevistado 14 (senegalês), que não permitiu a gravação da entrevista, relatou que teve a demissão de seu último emprego com carteira assinada com a justificativa de crise econômica, alegada por seu supervisor. Depois disso, E14 tentou outras vagas no trabalho formal, porém não encontrou e começou a trabalhar no comércio ambulante. De acordo com as falas, o momento atual de crise ganha papel fundamental no ambiente de trabalho destes sujeitos, que interfere nas trajetórias de trabalho no país como também no destino migratório, como mostram as seguintes declarações:

Agora que tô sem emprego, tá bem difícil. E o dólar também, tá ruim. Antes eu juntava uns 100 dólares pra enviar pra minha família, agora só consigo enviar uns 70. E a minha ideia era trazer minha família pra cá, minha esposa e meus filhos, mas não consigo. Tá muito caro e tô sem trabalho. Mas ainda tá melhor que lá. (E4, haitiano)

Tenho vários conhecidos que voltaram pro Senegal. Porque acharam que aqui ia tá bom, mas na verdade eles ganham mais lá. Alguns também tão indo pra outros países aqui, como Argentina, Estados Unidos ou voltam pro Senegal. (E10, senegalês)

Sim, agora a situação tá bem difícil pra todo mundo. Tem muita gente que tá indo pra outros lugares, tipo Estados Unidos, que eu tô sabendo. Mas lá é difícil entrar, né. Então, por enquanto, vou ficar aqui. (E11, senegalês)

Eu acho que agora aqui não tem mais oportunidade, não. Já foi isso. Eu não vou dizer mais pra ninguém vir. Aqui não tem mais coisas, tá difícil, não é fácil viver aqui. Tem poucos senegaleses voltando pro Senegal, tem uns que estão indo pra outros lugares, outros que tão ficando. Agora em Porto Alegre tão chegando senegaleses que tavam em outros estados, mas não tão vindo mais senegaleses do Senegal, só os que tavam em outras cidades. (E18, Presidente da Associação dos Senegaleses em POA)

Antigamente, os haitianos buscavam serviço no SINE, era mais fácil. Hoje não é assim, o pessoal tá indo nas empresas buscar vaga, porque está difícil. Eu acho que tem haitiano que tá em casa por causa da língua, também. Sei disso porque vejo lá no culto haitiano que vou, que tem muitos imigrantes que não tão trabalhando porque não falam português. (E16, haitiano, no momento desempregado)

Com os trechos acima, por um lado, vimos relatos de que alguns imigrantes estão indo para outros lugares ou voltando para seu país de origem devido à situação incerta no Brasil no que se refere a oportunidades laborais. Por outro lado, há um sentimento de que o contexto de crise econômica atual

aqui ainda é melhor que as circunstâncias encontradas no Haiti e Senegal. Também, o que escutamos nos relatos é que o momento de crise atual é ainda mais difícil para os imigrantes do que para os nacionais, devido a obstáculos como a não fluência no idioma local, como destaca o entrevistado 16, no trecho acima selecionado.

Ademais, a atual crise econômica também interfere nas dinâmicas de residência no Brasil, fazendo com que os haitianos e senegaleses migram para outras cidades, deixando o interior do estado ou cidades com o mercado saturado (na opinião deles) e indo para a capital gaúcha, onde acreditam existir mais oportunidades laborais. No quadro abaixo, podemos ver os entrevistados que possuem uma diversificação de cidades do Brasil em sua trajetória:

Entrevistado	Cidades anteriores de residência
1	Caxias do Sul – RS
2	Carazinho – RS
6	Caxias do Sul – RS
10	Uberaba – SP Carambeí – PR Nova Araçá – RS
11	São Paulo – SP Tapejara – RS
12	Tramandaí – RS
13	Chapecó – RS
14	Garibaldi – RS Nova Petrópolis – RS
15	São Paulo – SP Caxias do Sul – RS
18	Interior de SP Interior de Santa Catarina
19	São Leopoldo – RS
20	Caxias do Sul – RS
22	Goiânia – GO Curitiba – PR

Os entrevistados acima afirmaram que mudaram de cidade, pois não encontravam mais oportunidades de trabalho no local em que estavam e, por indicação de amigos, contatos de familiares, entre outros, escolheram Porto

Alegre por ser um lugar economicamente atrativo. O entrevistado 13⁴⁹ afirmou que se mudou para Caxias do Sul por sugestão de amigos, que o avisaram que neste local teria mais oportunidades que Chapecó, onde anteriormente trabalhava. Em Caxias, não conseguiu um trabalho com carteira assinada e começou a vender nas ruas, e devido às poucas vendas e por não gostar da cidade, se mudou para Porto Alegre, onde continua no comércio ambulante até o momento. O mesmo ocorreu com o E14⁵⁰, o qual trabalhava em uma Indústria de Móveis em Nova Petrópolis e foi demitido com justificativa de crise e falta de dinheiro para pagar os funcionários e, assim, se mudou para Porto Alegre, onde pensava ter mais vagas de emprego. Na capital, E14 disse também não ter conseguido um emprego formal e optou pelo comércio ambulante como fonte de renda.

Como mencionado no início deste capítulo, a ida dos haitianos e senegaleses para a capital gaúcha também está inserida no contexto das oportunidades laborais da cidade e região. De acordo com as estatísticas do Relatório do OBMigra, Porto Alegre ocupa o quarto lugar do ranking nacional das cidades que mais contratam trabalhadores imigrantes, em que admitiu 2.109 estrangeiros no ano de 2015, em que a máxima contratação de estrangeiros por cidade foi de 4.975 na cidade de São Paulo (CAVALCANTI, BRASIL, DUTRA, 2016, p. 80).

Ademais, outro aspecto relacionado com o momento de crise econômica é a situação atual dos haitianos e senegaleses. Dos 23 entrevistados, cinco estavam desempregados no momento da pesquisa empírica e não desenvolviam outro trabalho como fonte de renda, além do seguro-desemprego que recebiam, uma vez que o trabalho anterior era com a carteira assinada. E estes cinco desempregados eram haitianos.

O que descrevemos neste capítulo 3 é que os haitianos e senegaleses apresentam trajetórias de trabalho e emprego similares no Brasil e Rio Grande do Sul. Entretanto, podemos identificar algumas particularidades entre os imigrantes haitianos e senegaleses: a questão do comércio ambulante bastante presente entre os senegaleses e seu ingresso no mercado informal; e uma forma de resistência dos haitianos com o trabalho informal. E estes tópicos

⁴⁹ O entrevistado 13 não permitiu a gravação da entrevista.

⁵⁰ O entrevistado 14 também não autorizou a gravação da entrevista.

diferenciais de estratégias de trabalho destes grupos de imigrantes analisaremos no capítulo seguinte.

4. ASPECTOS DIFERENCIAIS NAS ESTRATÉGIAS DE TRABALHO DE HAITIANOS E SENEGALESES EM PORTO ALEGRE – RS

Até o momento, descrevemos, sobretudo, condições similares que os imigrantes haitianos e senegaleses apresentaram em suas trajetórias no mercado de trabalho no Brasil. No entanto, no que se refere às estratégias de trabalho, eles também podem manifestar diferenças. Dessa forma, este capítulo visa abordar os principais aspectos diferenciais que os haitianos e senegaleses apresentaram e que podem influenciar para as estratégias trabalho no Brasil – especificamente em Porto Alegre – sendo os seguintes: a rede de contatos dos senegaleses e a questão da legalidade apresentada pelos haitianos.

4.1 A rede de contatos dos senegaleses

Um dos aspectos diferenciais entre os haitianos e senegaleses observado na coleta de dados é a rede de contatos que os entrevistados africanos evidenciam e ausente para os oriundos do Haiti. Esta rede de contatos se mostra uma característica de destaque na nacionalidade senegalesa para as estratégias de trabalho no Brasil, e também em outros locais que são destinos migratórios destes indivíduos (JABARDO; 1993; KLEIDERMACHER, 2013).

Assim, a principal estrutura que representa este vínculo entre os senegaleses é a Associação, que é criada por eles em diferentes cidades do mundo, como também aqui em Porto Alegre e em outras regiões do Brasil. O presidente da capital gaúcha, o E18, relata a sua fundação da seguinte maneira:

Sou presidente da Associação desde que foi fundada, há dois anos. A ideia, em 2014, era que tava chegando muitos imigrantes do Acre, sem condição nenhuma. Daí, nós, que já tava aqui, a gente sentou e vimos o que podia fazer para os imigrantes que tavam chegando aqui. Claro, a sociedade civil ajuda bastante, mas nada melhor que o próprio imigrante para ajudar o outro. A gente pode falar no próprio idioma. A associação, daí, foi além disso, criou também mais vínculo entre os imigrantes e os brasileiros. Hoje a associação diariamente ajuda, agora saí há pouco do hospital, e o que acontece, vou no hospital, polícia, pra

gente auxiliar. A gente consegue ajudar a conseguir trabalho, através aqui da Secretaria de direitos humanos, do SINE. Até, às vezes, o próprio empresário vem aqui oferecer serviço, não tem tantas vagas, mas ainda vem oferecer. A associação conta com uns 700 membros em POA. Tem associação em SC, SP, RJ e no nordeste, só não sei os nomes das cidades. (E18, senegalês, presidente da Associação)

Reforçando a participação expressiva dos senegaleses na Associação e como ela facilita a inserção laboral e também social dos senegaleses, o entrevistado 9 diz:

Eu também faço parte da Associação de senegaleses. Com a associação, todos os senegaleses se conhecem. A associação ajuda muito os senegaleses. Em Porto Alegre, tem uns 800 senegaleses e 522 tem carteira da associação, são sócios. Na associação, a gente sabe todo mundo se tem trabalho ou não. No nosso grupo, a gente pergunta se alguém tem trabalho ou não, daí perguntamos. Também, se sabemos de uma vaga, perguntamos: tem algum cozinheiro? Tem algum costureiro? E, daí, ajudamos a todo mundo ter trabalho. Tem muita coisa que eu faço pra ajudar, às vezes, vou 00h pra rodoviária, ou vou pra um hospital ajudar um senegalês, sempre tem coisa assim, que chega pra nós. Também, alguém avisa: o dólar hoje tá mais baixo e tal. Tem muitos senegaleses que não entendem as coisas daqui, e vou lá e explico. A gente se ajuda muito. (E9, senegalês)

Com a fala do entrevistado 9, vimos que os próprios senegaleses reconhecem o auxílio prestado aos outros imigrantes, principalmente aos recém-chegados à nova sociedade. E este auxílio se dá nas diversas circunstâncias do imigrante, no âmbito da saúde, do trabalho, do social, do econômico, etc. Notadamente no caso da esfera do mercado de trabalho, especificamente no caso da inserção no comércio ambulante, a coordenadora do CAM ressalta o papel da rede para este tipo de estratégia de renda:

Porque tu imagina, um vendedor, ele tem que ter uma certa mobilidade, tem que buscar mercadoria, tem que trazer, ele tem que ter uma rede que o apoie. Este é um aspecto muito importante da questão da venda dos senegaleses, que eles têm uma rede de vendedores, eles têm isso dentro deles. E os haitianos não. Os haitianos não têm estas conexões, eu acho, que possibilitassem a eles serem fluídos na arte da venda, digamos assim. Então, ficam ligados mais ao trabalho informal, mesmo. (E24, Coordenadora do CAM)

O que a nossa entrevista 24 quer dizer é que se os haitianos tivessem essa rede como os senegaleses, eles também poderiam apresentar esta estratégia de renda em suas trajetórias no Brasil. De acordo com os nossos entrevistados que trabalham no comércio ambulante, as mercadorias são

compradas em São Paulo para serem revendidas aqui, como explicado anteriormente. O que eles explicaram é que entre um grupo de contatos, apenas um senegalês viaja a São Paulo para trazer os produtos e aqui distribui com sua rede de amigos que também vendem e na vez seguinte há um revezamento entre eles para decidirem quem vai comprar e quem fica. O entrevistado 20 também disse que ele nunca vai a São Paulo comprar as mercadorias, porque ele não gosta. Assim, ele declara que compra os acessórios para celulares, eletrônicos e relógios aqui em Porto Alegre de outro senegalês, que revende por um preço um pouco mais alto que pagou na capital paulista, conforme a sua explicação: “eles trazem aqui e botam um real ou dois reais a mais e aí compro deles” (E20). A partir disso, podemos ver como o comércio ambulante, este trabalho informal conhecido dos senegaleses, exige um dinamismo entre os “participantes”.

Sobre a dinâmica da Associação, os entrevistados declaram que há reuniões presenciais que acontecem frequentemente, porém utilizam as redes sociais (como o aplicativo WhatsApp) como forma de contato para quem não tem tempo de participar e, assim, trocar experiências. Os comentários expostos retratam a diversidade e a amplitude da Associação:

A associação é muito importante. A associação, por exemplo, traz o embaixador do Senegal para Porto Alegre para facilitar a documentação dos imigrantes aqui, e assim a gente não precisa ir pra Brasília. (E6, senegalês)

Todos os lugares que tem senegaleses, os senegaleses são sempre bem unidos. Um visita o outro, a gente liga, conversa, tem a associação, tem a reunião dos Mourides; porque a associação não tem religião. (E10, senegalês)

Sim, conheço vários senegaleses que vendem nas ruas. A gente se conhece. Cada um que tem dificuldade a gente ajuda. E eu sou vice-presidente da Associação dos Senegaleses, a gente conhece todo mundo daí. (E20, senegalês)

Me reúno com outros senegaleses na Daira, que é mais religiosa, muçulmana. E na Associação tem grupo no WhatsApp que ajuda muito, tem muita informação. Mas eu não vou nas reuniões porque eu trabalho muito, não tenho folga, então só participo pelo WhatsApp. Não tenho tempo de reunião. (E7, senegalês)

Como sou muçulmano, também participo das reuniões da DAIRA uma vez por mês. Acho que de 800 e poucos (da associação), cinco são católicos. A associação é laica, não pode falar de muçulmanos, católicos, ela não tem religião, todos da mesma família. O que importa pra entrar na associação é ser senegalês e ajudar o senegalês. (E9, senegalês)

Ademais, a Associação também serve como um intermediário de contato dos imigrantes com os governantes públicos, uma vez que a sua visibilidade aumenta e a concretização do diálogo se torna mais fácil. Exemplos destes casos podem ser vistos na matéria⁵¹ de 2015, em que o prefeito de Porto Alegre participou de uma celebração da Associação junto aos senegaleses ou em uma notícia⁵² de 2016, que mostra os senegaleses dialogando com secretários do governo do Rio Grande do Sul.

Conforme os relatos anteriores, os senegaleses – apesar de serem majoritariamente muçulmanos – afirmam que a Associação não tem religião, uma forma de atrair ainda mais os imigrantes. Assim, os senegaleses da religião islâmica também possuem uma rede de contatos através de uma de suas confrarias, a Mouride, e se reúnem em encontros conhecidos como Dairas. Todos os entrevistados afirmaram ser muçulmanos e também desta confraria Mouride, correspondente às referências mencionadas no capítulo 2 desta dissertação.

Eu acho que a gente tem uma rede muito forte por causa da religião e nada mais. É a religião que faz isso. Claro, que tem gente de outra religião, mas é isso que acontece. Tem o Cheick Amadou Bamba, que é nosso exemplar, que nos ensinou a ser humilde e sempre ajudar o outro. Então, a gente se criou assim no Senegal. Isso sempre impressiona os outros, até os países vizinhos do Senegal. Os outros africanos sempre falam que respeitam os senegaleses porque são assim. Na Espanha, na França, tu vai ver que é igual. O meu pai é presidente da Associação em Barcelona. (E18, senegalês, presidente da Associação)

Tem, tem. É a comunidade né? Que temos.. No Brasil, na França.. Em quase todos os lugares do mundo.. Qualquer lugar onde tem mais de 10 senegaleses, vão formar uma Daira. Sabe o que é Daira? É uma associação religiosa que tem aqui. A cada domingo a gente se reúne aqui na Baltazar. Porque a maioria também são Mouride. A maioria dos senegaleses que estão aqui são do Mouridismo. O Mouridismo é uma entidade, e quem é do Mouridismo se chama Mouride. Agora tem brasileiros que estão virando Mouride também (risos). Já tenho dois, três amigos que são Mouride. E a sede da confraria é essa casa aí mesmo que te falei na Baltazar. A gente tem uma autorização, a gente junta dinheiro para pagar. Esse apartamento é 1000 reais por mês, a gente paga só para se reunir aí. Daí é a sede né?! (E2, senegalês)

⁵¹ Fonte:

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smdh/default.php?p_noticia=182933&PREFEITO+PARTICIP+A+DE+CELEBRACAO+DA+ASSOCIACAO+DOS+SENEGALESSES (acessado em julho de 2017).

⁵² Fonte: <http://www.rs.gov.br/lista/4204/associacao-senegaleses-poa> (acessado em julho de 2017).

Segundo os entrevistados, o fator que mais contribui para a rede de contatos entre os senegaleses é a própria religião Islâmica, mais especificamente, a confraria Mouride. De acordo com Lacomba (2001), as irmandades muçulmanas têm o poder de criar vínculos entre as pessoas, e realizam sessões de terapia em grupo. Isto pode ser visto em outros países, como Jabardo (1993; 2006; 2011) mostra em seus estudos com senegaleses na Espanha, em que o Mouridismo impulsionou uma identidade comunitária com os imigrantes recém-chegados ao país.

Dessa forma, o Mouridismo fortalece o caráter identitário e influencia na diáspora Mouride, uma vez que “en la actualidad hay daharias en todos los lugares de la geografía española donde se han instalado los inmigrantes senegaleses” (JABARDO, 2011, p. 96). O que a pesquisadora ressalta é que uma das grandes influências da Confraria Mouride para os senegaleses é a valorização do grupo, do coletivo da nacionalidade.

Sobre a integração de senegaleses em Caxias do Sul – RS, Gonçalves e Koakoski (2015) também apontam que a Daira configura o principal “elo de coesão social da comunidade imigrante em um ambiente cultural adverso” (p. 259). Ademais, as Dairas recebem os Marabus (sujeitos importantes que vêm do Senegal com o propósito de visitarem as Dairas), e estas visitas dão aos senegaleses um tipo de reconhecimento e distinção perante à confraria de Touba, além de manter relações com o país de origem (GONÇALVES; KOAKOSKI, 2015, p. 255).

Jabardo (2011) evidencia os estudos de Bava (2003), que mostram que os laços espirituais e materiais que os discípulos possuem com o guia da confraria fundamentam a própria existência da confraria e como os fundos de ajuda internacional se transformam em estratégias das Dairas, cujo centro está na cidade de Touba, no Senegal. Na década de 1990, os senegaleses que estavam em mobilidade na França já enviavam muitas quantias de dinheiro para as Dairas no país.

Sobre a relação do Mouridismo com o trabalho, César e Zanini (2017, p. 258) analisam este vínculo a partir da racionalidade de Max Weber. De acordo com os autores, o que Weber defende é que a ação racional é influenciada pela crença e pelos valores que o indivíduo possui e, a partir disso,

podemos pensar como o trabalho ganha um papel importante dentro da ética do Mouridismo. Sabemos que a religião é desenvolvida por fatores externos, mas principalmente pelas ações motivadas dos sujeitos, que buscam seus ideais, e na religião Mouride, os senegaleses que são condicionados à submissão a Deus, trabalham também em busca de enviar remessas ao seu povo e assim serem bem sucedidos na vida. Em síntese, o trabalho possui um “aspecto religioso” além de ser uma maneira de auxílio econômico e se transforma em uma obrigação moral para ter sucesso na vida (CÉSARO E ZANINI, 2017, p. 261).

O que se constata é que as principais ocupações de trabalho dos Mourides se concentram no comércio, desde os pequenos vendedores até os grandes empresários, e esta característica contribui para a integração do imigrante na nova sociedade, visto que o sujeito já tem contatos que o ajudam conseguir um trabalho, moradia e tudo o que necessita (KLEIDERMACHER, 2013). Isto é, aspectos culturais estão por trás do comércio ambulante desenvolvido pelos senegaleses, como também podemos ver no campo da nossa pesquisa:

Acho que tá muito, assim, na questão.. é uma questão muito complexa, até tava lendo um autor sobre o trabalho dos senegaleses na Europa. É uma coisa muito complexa, que envolve questão cultural, envolve até mesmo a acolhida ou não do país de origem, a expectativa ao sair na hora de imigrar. E o próprio país do Senegal, em que 90% do trabalho é informal, então, às vezes, as pessoas desistem de estudar, porque se estudarem, não vão conseguir se colocar, né. Então, a informalidade, essa questão do comércio, é muito forte pra eles como cultura de trabalho, assim. E aí eles vêm pra cá e na primeira, eles não conseguem.. É difícil tu convencer um senegalês de que sobreviver não seja, às vezes, vendendo, vendendo. Muitos querem, sim, trabalhar formalmente. Acho que a maioria dos que agora estão vendendo lá, se tu passar lá na Júlio, tu vai ver, tu vai perguntar: bom, tenho um trabalho pra ti! Tô indo agora! Tem alguns que usam a venda como um complemento, que tão trabalhando, mas como tem pouca produção, não conseguem fazer hora extra na empresa, então, vai vender na rua. E os haitianos têm um outro perfil, eles não têm esse traquejo, assim, da venda. (E24, Coordenadora CAM)

Dito isso, a venda ambulante, então, é um dos principais trabalhos destes sujeitos em mobilidade, como podemos ver desde o início da década de 1990 em um dos principais destinos destes fluxos, que é a Espanha (JABARDO, 1993; 2011). Como correspondente aos nossos entrevistados, os ambulantes deste período na Espanha também vendiam acessórios e

pequenos eletrônicos, e realizavam seu trabalho em algum ponto fixo de algum mercado ou de forma itinerante (JABARDO, 1993, p. 40). Ainda, em sua pesquisa, a autora afirma que esta tendência deste tipo de trabalho dos senegaleses estava relacionada com as poucas ofertas de trabalho no mercado formal espanhol e devido às baixas qualificações dos imigrantes senegaleses.

Ademais, no início da década de 90, os senegaleses – muitos vendedores ambulantes como demonstrado acima – já estavam lutando por seus direitos trabalhistas, como podemos ver no estudo de Jabardo, abaixo:

No tiene sentido la dureza de la ordenanza que reglamenta la venta ambulante porque, de una parte, es un oficio integrante de la tradición comercial española (los gitanos, los maragatos, los mercheros) y, de otra, por su nivel económico, la gran mayoría del pueblo necesita la venta ambulante porque viene estupendo comprarnos una malla a 1.500 pesetas que pagar el mismo producto a 4.500 en el Corte Inglés. (Babacar NDOYE, en WAGATI, 1993:19 apud JABARDO, 2011, p. 94)

A partir disso, nesta época na Espanha, nos damos conta que também já se falava da rede de contatos entre os senegaleses e como a rede contribuía para a inserção no mercado de trabalho e influenciavam em suas estratégias de renda. Em 1991, também já temos conhecimento de uma Associação dos Senegaleses em Valência⁵³, que foi criada justamente por dificuldades dos imigrantes no âmbito do trabalho, que não estavam recebendo as cotas da Seguridade Social. Mais recentemente, a partir dos anos 2000, a Associação tem como principais demandas as questões consulares, auxílio a saúde, repatriação funerária e o custeio do material para os vendedores ambulantes (JABARDO, 2011, p. 76).

Sobre o funcionamento específico da rede de contatos dentro do comércio ambulante, também podemos compreendê-lo através dos estudos de Rocha (2017) com senegaleses em Córdoba, na Argentina, onde se estimam quase 5 mil senegaleses no país:

En primer lugar, existen puntos de venta callejera “fijos”. En estos puntos de venta se emplazan los migrantes pioneros que “ganaron” esos espacios estratégicos en algunas calles, avenidas y plazoletas. Los migrantes pioneros, con mayor experiencia, suelen ser los “jefes”. Organizan las relaciones comerciales de otros integrantes de la comunidad, que no hablan español con fluidez. Por ejemplo, entregan mercadería a préstamo a los recién llegados, que será devuelta al

⁵³ Cidade espanhola que se localiza na costa do Mediterrâneo

tiempo. Son también quienes deciden los tiempos que estarán en uno u otro punto de venta, y son quienes llevan a cabo las transacciones con las fuerzas del orden que controlan el espacio público. Si bien algunos de estos “jefes” establecen relaciones comerciales con los bazaristas chinos [...]

En segundo lugar, existen puntos de venta “móviles”. Éstos, están personificados por migrantes con menor experiencia. Circulan por diversas zonas comerciales de la ciudad. Estos circuitos no son aleatorios, sino que están determinados diariamente por los vendedores ambulantes. Al igual que aquellos incorporados a los puntos de puesta fijos, estos comerciantes se agrupan en grupos de dos o más. Así se protegen mutuamente de los controles policiales y de posibles robos. En base a la información relevada, la mayoría de los comerciantes ambulantes senegaleses radicados en Córdoba se han incorporado a esta modalidad de venta. (ROCHA, 2017, p. 226 – 227)

O autor destaca como a rede dos senegaleses funciona no cotidiano das vendas nas ruas. Por um lado, os senegaleses recém-chegados recebem este tipo de suporte dos imigrantes já instalados no país de destino e, por outro lado, estão subordinados aos migrantes pioneiros, e estes aos comerciantes chineses, de quem realizam empréstimos das mercadorias. Nas nossas entrevistas não identificamos este tipo de rede com outros imigrantes para as relações de comércio, apenas entre os senegaleses, como descrito no capítulo anterior. Uma das justificativas para este fato na Argentina pode ser devido aos fluxos migratórios do Senegal para a Argentina já existirem há 20 anos e, dessa forma, as lógicas do comércio ambulante estarem mais articuladas.

Portanto, o principal conceito que temos de aspecto diferencial nas estratégias de trabalho dos senegaleses é o de redes. No âmbito das teorias migratórias, o termo rede, que também é conhecido como cadeia, pode ser definido da seguinte maneira: “complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade” (MASSEY, 1988, p. 396). Também, a rede pode ser definida como um conjunto de indivíduos que frequentemente trocam contatos através de seus vínculos, como familiares, ocupacionais, afetivos, entre outros, em que “canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos” (KELLY, 1995, p. 219 apud TRUZZI, 2008).

Ao longo dos anos, as teorias explicativas sobre os fluxos migratórios internacionais começaram a utilizar mais o termo rede como uma forma de representação das “redes migratórias”. Tanto o conceito de rede como o de

cadeia geralmente configuram as perspectivas de que as pessoas migram a partir de informações enunciadas dos imigrantes antecessores. Estes relatam sobre as oportunidades no país de destino, sobre as ofertas de emprego e de certa forma também podem oferecer recursos como hospedagem inicial e outros auxílios. Com base nestas circunstâncias, chamamos a atenção em como os imigrantes recém-chegados são influenciados pelos sujeitos que migraram primeiramente, em que estes motivam as ações daqueles (TRUZZI, 2008).

Na esfera do mercado de trabalho para os imigrantes, podemos analisar a importância das redes nos anos 1960, quando o conceito de cadeia foi fundamentado da seguinte forma:

O movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes anteriores. (MACDONALD e MACDONALD, 1964, p. 82 apud TRUZZI, 2008, p. 202)

Assim, observamos o papel fundamental que as cadeias desempenham nos deslocamentos econômicos. O autor salienta que este movimento de rede, de contatos, esteve presente principalmente em imigrantes homens, solteiros, trabalhadores, e os que também saem de seu país através de agentes mediadores.

O que chamamos a atenção é que quando os imigrantes possuem redes sociais consolidadas, todos os âmbitos envolvidos no deslocamento podem ser transformados e, dessa forma, podem apresentar vantagens se compararmos com outros sujeitos que não têm,

[...] a informação sobre as condições de trabalho, remuneração, estilo de vida, moradia, clima e cultura, dentre outros aspectos, circulam pela rede social do potencial migrante, afetando sua propensão para migrar. As redes sociais provêm informações que reduzem o risco da migração e que atraem os migrantes, sendo uma forma de capital “intangível” (capital social) que os indivíduos possuem (TAYLOR, 1986). Conforme destacado, o fato dos indivíduos estarem próximos favorece enormemente as condições de difusão da informação. (CAMPOS, 2015, p. 21)

A autora aponta como as redes sociais possuem uma importância fundamental nas migrações, no entanto, não quer dizer que todos os processos

de mobilidade apresentam esta característica, há imigrantes que se deslocam sem nenhum vínculo. A partir disso, a autora traz o conceito de capital social, que dentro das teorias migratórias tem o mesmo sentido que o significado defendido por Pierre Bourdieu (1986) e por Coleman (1988), que ressaltam os benefícios dos indivíduos quando fazem parte de determinados grupos sociais, como também mostrado por Portes (1998).

Analisando o capital social para os fenômenos migratórios, Campos (2015) vai ao encontro dos significados referenciados anteriormente sobre redes e cadeias. Segundo a pesquisadora, com o capital social, o imigrante tem acesso a mais informações, tem menor probabilidade de riscos e, principalmente, possuem vantagens nas estratégias e agenciamentos de emprego (CAMPOS, 2015, p. 16).

Com estes argumentos, constatamos que a Associação dos senegaleses e sua confraria Mouride representam a principal rede que os imigrantes senegaleses possuem aqui em Porto Alegre e região. E este capital social influencia este grupo a apresentar estratégias distintas de trabalho se compararmos aos haitianos, como a inserção no comércio ambulante, devido aos fatores expostos anteriormente. No entanto, os caribenhos apresentam outro aspecto diferencial como estratégia de trabalho, como descreveremos a seguir.

4.2 A legalidade dos haitianos

Com relação aos haitianos, não identificamos uma rede consolidada entre eles, alguns dizem frequentar a Igreja evangélica na cidade, como os relatos abaixo demonstram

Os senegaleses têm perfil mais assim, normalmente, são homens, são jovens, dividem, né, têm um outro sistema de organização já interna, se articulam muito bem. Agora os haitianos são um pouco mais dispersos. Às vezes, o que agrega eles é a igreja, às vezes, a questão do parentesco, da família. (E24, coordenadora do CAM)

Eu fico em um país estrangeiro, muito sozinho, longe da minha família. só trabalho, depois que trabalha, só ficar em casa, e vou à igreja evangélica de vez em quando. (E1, haitiano)

Eu mantenho religião aqui. Sou evangélico e vou às vezes na igreja, no centro. Vou com alguns de meus amigos haitianos, às vezes. (E19, haitiano)

Como mencionado na introdução deste trabalho, os haitianos costumam se inserir em religiões pentecostais e neopentecostais no Brasil, além de praticarem o vodu haitiano, como destacam Gonçalves e Koakoski (2015). O estigma com relação ao vodu existe desde o século XIX, quando a religião era vinculada ao canibalismo e, a partir disso, o Haiti apresentava uma “selvageria”. Posteriormente, com a ocupação dos EUA, o vodu foi reconhecido como algo diabólico e desumano. Mais recentemente, com o terremoto de 2010, o país sofreu com declarações de que a catástrofe estava vinculada às práticas do vodu e que “o terremoto aconteceu devido à herança africana que amaldiçoou o país” (HANDERSON, 2015, p. 87). Com esse preconceito demonstrado com essa religião, os haitianos têm receio e não costumam afirmar as suas práticas com o vodu, como relatado pelos interlocutores da tese do pesquisador. Nas nossas entrevistas, nenhum haitiano afirmou ser praticante do vodu, que também pode ser devido a esse estigma existente.

Em síntese, no Brasil, os imigrantes haitianos demonstram uma diversidade no âmbito religioso, uma vez que praticam o vodu, possuem objetos considerados cristãos e costumam frequentar igrejas evangélicas e também católicas (HANDERSON, 2015; DUTRA, 2016). Porém, destacamos que a maioria dos haitianos se insere em igrejas evangélicas, como a Assembleia de Deus (DUTRA, 2016).

Sobre o associativismo haitiano, Handerson (2015) afirma que há associações de haitianos no Brasil, e uma das primeiras AIHB⁵⁴ foi fundada em Tabatinga (Amazonas) em 2012, com o objetivo de atender as demandas comuns e uma forma de garantir os direitos dos haitianos. Ainda, o pesquisador expõe a existência de associações de haitianos em estados como Santa Catarina, São Paulo e Paraná.

No Rio Grande do Sul, de acordo com matéria⁵⁵ divulgada em junho de 2017, existe uma Associação dos Haitianos no Rio Grande do Sul desde 2014.

⁵⁴ Associação dos Imigrantes Haitianos no Brasil (AIHB).

⁵⁵ Fonte: <https://www.sul21.com.br/jornal/ja-e-hora-de-deixarmos-de-ser-invisiveis-dia-da-integracao-haitiana-promove-contato-entre-imigrantes-e-gauchos/> (acessado em julho de 2017).

No entanto, os nossos entrevistados haitianos mostraram desconhecimento de associação haitiana em Porto Alegre ou não fizeram nenhuma manifestação de articulação entre eles, tanto que o entrevistado 16 disse que “gostaria de criar uma associação para os haitianos”. A partir disso, notamos falta de informação e de engajamento dos entrevistados.

Ainda, sobre os estudos de redes dos haitianos, Nieto (2014) demonstra que a principal rede entre esses imigrantes é de caráter familiar. De acordo com o pesquisador, a migração haitiana tem estratégias familiares, em que a mobilidade significa um reconhecimento social para a família, em um contexto chamado por cadeia mundial do cuidado. Neste sentido, as famílias haitianas são transnacionais, em que um ou mais integrantes saem do país e enviam remessas de dinheiro para os familiares que ficaram no Haiti, como já afirmado anteriormente nesta dissertação. Nesta cadeia mundial do cuidado defendida por Nieto (2014), cada membro da família tem uma função distinta, um migra para outro país, outro é responsável por cuidar dos filhos de quem migra, outro financia a viagem, entre outras tarefas diversas para as famílias transnacionais.

As outras redes existentes entre os haitianos se referem ao processo de migração e à acolhida no país de destino. Nieto (2014) explica que as redes relacionadas aos fluxos migratórios são as redes comerciais, em que agências de viagens atuam no Haiti e na República Dominicana e oferecem pacotes de viagens que incluem passagens aéreas até o Equador e, de lá, contato com coiotes para o ingresso no Brasil.

Sobre as redes de acolhimento no Brasil, Nieto (2014) constata, em sua pesquisa com haitianos em Brasileia (Acre), que metade de seus interlocutores não tinha nenhum contato no país antes de chegar. E, dos que tinham um contato no Brasil, 30% não sabiam como se comunicar com o conhecido. Dessa forma, o autor conclui que esta rede de conhecidos, amigos e parentes não representa de fato uma rede de apoio entre os haitianos no Brasil, ou seja, esses imigrantes não contam com uma rede que facilite a sua inserção laboral e social na nova sociedade.

A partir disso, Nieto (2014) argumenta que com a ausência de capital social entre a nacionalidade haitiana, “las redes de inserción laboral de los haitianos están constituídas fundamentalmente por las estructuras puestas a disposición por la Iglesia Católica y los diferentes niveles de gobierno de Brasil”

(p. 60). O pesquisador explica que em 2010, no início dos fluxos haitianos para o Brasil, entidades como a Pastoral do Imigrante, Irmãos Scalabrianos, Assembleia de Deus e Igreja Adventista foram as responsáveis por acolher os caribenhos. A partir de 2012, a situação muda e o governo estadual passa a ser o responsável pelo acolhimento dos haitianos e, deste então, o papel da Igreja nessa integração vem diminuindo.

Diante disso, mesmo que os haitianos possuam uma cadeia entre eles, através de vínculos familiares, religiosos ou outros, a sua rede não é tão forte como a dos senegaleses e também não tão influente para estratégias de trabalho específicas como as de origem africana. Nas nossas entrevistas, o que observamos de diferença – comparando aos senegaleses – nas estratégias de trabalho é que os haitianos dão bastante importância à legalidade no que se refere à inserção no mercado. Isto é, os haitianos apresentaram uma forte resistência a ocupações informais, especialmente em não trabalharem no comércio ambulante, diferentemente dos imigrantes senegaleses. Ao questionarmos por que quase não há haitianos trabalhando no comércio ambulante como imigrantes de outras nacionalidades, a frase mais escutada durante a coleta dos dados foi “haitiano não vende na rua”, como ilustram os extratos abaixo:

Não, na nossa cultura essa coisa, vender na rua, é proibido. Você pode encontrar um haitiano que pode ficar ali, vendendo na casa dele, que vai deixar bem na frente da casa dele. Mas pegando as coisas pra ficar em locais diferentes, eu diria que tu não vai encontrar haitiano assim. Só se o haitiano morar com um africano, daí talvez, mas ainda é muito difícil, tu não vai ver haitiano fazendo isso. Mas isso não é coisa nossa. É difícil encontrar um haitiano nisso. Pode ter haitiano que vai ficar sem trabalho durante seis, sete meses, e podiam fazer que nem os senegaleses tão fazendo, mas prefere ficar em casa procurando serviço do que pegar as coisas e vender, porque isso não faz parte da nossa cultura. Sim, no Haiti se vende na rua sim. Mas não é todo lugar na rua que eles fazem aqui. Tem um mercado lá, o mercado público e tem um espaço. Dai eles vão lá e pagam um espaço e registram. Tem gente que não tem dinheiro pra pagar o espaço ou não tem espaço suficiente, mas vão lá e ficam beem pertinho, ao lado do espaço do mercado, mas fazer que nem os senegaleses fazem aqui, de ficar em qualquer parte, eles não fazem, porque a prefeitura do Haiti não vai gostar. Lá tem um espaço reservado pra isso, por exemplo, mercado e terminal de ônibus. Mas ficar em todo lugar, acho que não, é muito difícil encontrar haitiano. (E16, haitiano)

Eu não gosto de trabalhar na rua, acho ruim. Não tem haitianos vendendo nas ruas, são só senegaleses. Lá no Haiti tem bastantes vendas, mas na cidade. Os haitianos geralmente trabalham, vem aqui só pra trabalhar, não para vender. Lá falta muito emprego. Aqui tem

muita regra, que é difícil para haitiano. No Haiti nunca trabalhei com carteira assinada. Aqui é regra do país, então, a gente tem que se acostumar às regras de cada país. (E17, haitiano)

Não, os haitianos não vendem. Só costumamos trabalhar. Eu não vendo, porque não gosto. Se eu tenho uma loja, dai sim, eu vendo. Mas que nem eles fazem, de vender na rua, eu não faço. Sim, haitiano vende na rua no Haiti, e também vende na rua na República Dominicana. Aqui eu nunca vi um haitiano vendendo na rua. Não sei nos outros estados, mas aqui tu não vai ver haitiano vendendo na rua. São só senegaleses. Acho que sim, acho que virou um hábito. Mas na República dominicana tem haitiano vendendo. Não sei porque. Tem muita polícia na rua, pode ser por isso que haitiano não vende na rua (E19, haitiano)

Eu prefiro trabalho com carteira assinada, porque é lei. (E22, haitiano)

Com os trechos das falas dos haitianos selecionados acima e com os já expostos no capítulo anterior, vimos que os haitianos confessam que trabalham com o comércio ambulante no Haiti e na República Dominicana, país onde também costumam migrar para fins de trabalho e de estudo. No entanto, no Brasil, especificamente aqui no Rio Grande do Sul, há um consenso que não há haitianos vendendo mercadorias nas ruas, como analisado nas entrevistas. O que os haitianos alegam é que o comércio ambulante no Haiti é distinto, uma vez que lá há espaços determinados para este tipo de trabalho e no Brasil há outro tipo de legislação, na opinião deles, e eles precisam se acostumar a estas novas regras e, assim, não podem trabalhar no comércio ambulante.

Dessa forma, o que podemos analisar é que existe uma postura de legalidade nas estratégias de emprego e renda para os haitianos no Brasil, e isto se mostra um aspecto diferenciado se compararmos com as estratégias dos migrantes senegaleses. O entrevistado 16 chega a mencionar que na “cultura” dos haitianos é proibido vender na rua, com exceção do Haiti, onde lá há uma demarcação existente que regularia as vendas nas ruas. Já no Brasil, existem mais leis, porém que vão em sentido contrário ao comércio informal, na percepção dos caribenhos entrevistados.

Esta legalidade como preceito da nacionalidade haitiana para se inserirem no mercado de trabalho brasileiro também pode explicar a situação de que cinco haitianos estavam desempregados no momento das entrevistas. No caso dos senegaleses, nenhum dizia estar sem algum tipo de renda, ou estavam no trabalho formal ou trabalhavam no comércio ambulante.

E esta legalidade percebida nas nossas entrevistas também foi observada em pesquisa com imigrantes haitianos no Chile, como mostram Jeldes et al (2014). Os autores investigaram a inserção laboral de imigrantes haitianos, dominicanos e colombianos na cidade de Santiago e constataram que o trabalho informal foi encontrado apenas nos imigrantes de nacionalidade dominicana e colombiana, enquanto que os haitianos

[...] los haitianos, como se pudo comprobar a través de las entrevistas, tienen una preocupación especial por mantenerse apegados a la norma migratoria y buscan por todos los medios ajustarse a los requerimientos legales que se le exige al trabajador inmigrante. (Jeldes et al, 2014, p. 111)

O perfil destes imigrantes no Chile é similar ao dos entrevistados nesta dissertação. No mercado de trabalho chileno, se inserem em vagas de baixa qualificação, trabalham com contrato, não realizam outro tipo de atividade para renda complementar e recebem salário⁵⁶ entre 800 e 1.500 reais mensais (JELDES ET AL, 2014). Ainda, o trabalho informal apenas como trabalho provisório de haitianos – como mostramos no capítulo 2 desta dissertação – também foi percebido pelos pesquisadores chilenos a partir da fala abaixo destacada:

Todos cuando llegan, todos saben que tienen que hacer los papeles entonces se preocupan pa' hacer su documentación por eso no todos se meten al trabajo informal, si lo hacen lo hacen por unos días no más pero se enfocan en tener sus papeles (Hombre haitiano, 26 años). (Jeldes et al, 2014, p. 111)

Com este relato, salientamos a legalidade e a importância dos documentos para os imigrantes haitianos. Ademais, os pesquisadores chilenos trouxeram a questão do momento de entrada do imigrante no país de destino, através da entrevista com uma mulher haitiana:

Uno cuando llega acá tiene que tener contrato sí o sí pa' poder trabajar y también te tienen que dar un permiso en extranjería pa' llegar y trabajar, no es tampoco llegar y trabajar..." (Mujer, haitiana, 29 años) (JELDES ET AL, 2014, p. 108)

Assim, o que queremos ressaltar é que, por um lado, a forma de entrada dos haitianos no Brasil pode ser um dos fatores que influenciam à

⁵⁶ Os valores de pesos chilenos para reais foram convertidos pela base de conversão do dia 07/08/2017.

característica da legalidade nas estratégias de trabalho no país. Ao questionarmos a coordenadora do CAM sobre a resistência dos haitianos para o trabalho informal, ela responde da seguinte forma:

É, talvez seja até o perfil de pessoa, né. Talvez, provavelmente, quem trabalha na informalidade lá (no Haiti), não são pessoas que têm condições de fazer uma migração internacional assim, né. Talvez tenham migrado aqueles.. Tem gente aqui que tinha o próprio negócio, tem gente que trabalhava na construção civil, tem gente, né. E como talvez associou um pouco também essa questão de: “Ah, uma das condições de permanência aqui é estar trabalhando formalmente”, Então, às vezes, tem um pouco essa pressão, assim. E a estabilidade.. (E24, Coordenadora CAM)

Conforme vimos no capítulo 3, os haitianos afirmaram que tinham conhecimento sobre a CTPS, seus benefícios e garantias, muitas vezes, no momento que solicitavam o CPF e outros documentos com a própria Polícia Federal. Como também já mostramos no início deste trabalho, os haitianos ou recebem o Visto Humanitário na embaixada do Brasil em Porto Príncipe, ou entram pelas fronteiras terrestres e aqui solicitam o mesmo Visto. Já os senegaleses não têm direito ao Visto Humanitário e, em sua maioria, ingressa, pelas fronteiras do Acre – mesmo trajeto que demais imigrantes – e solicitam refúgio para se regularizarem. Com isso, haitianos e senegaleses já começam a apresentar situações distintas e, assim, também passam a ter demandas específicas no Brasil, como fala a Coordenadora:

No boom imigratório (2013, 2014) teve mudanças de perfil bem significativas. Porque talvez a população haitiana, pela questão da documentação, eles ficaram muito tempo, não procuravam o CAM. Porque tinham trabalho, a documentação tava ok, já tinham um fluxo certo para eles. Agora os senegaleses, os senegaleses, do ponto de vista da documentação, têm muito mais dificuldades, né. Porque não há um caminho claro, depende muito da questão da decisão política, de quem tá no CONARE, de quem tá no CNIG, enfim, depende muito disso. (E24, Coordenadora CAM)

Mesmo que os senegaleses solicitem refúgio e, assim, passam a ter os mesmos direitos que os refugiados, como o de obter a carteira de trabalho, a condição migratória é distinta da haitiana, com o visto humanitário, ainda mais que regularmente os senegaleses não sejam de fato refugiados e seu protocolo pode ser deferido ou negado, dependendo do momento político dos órgãos responsáveis, como salienta a Coordenadora do CAM no trecho acima. Outra

(2016, p. 247) aponta o visto humanitário como um “novo instrumento legal migratório” que facilita a inserção laboral dos haitianos, embora ainda enfrentem dificuldades em outros âmbitos de políticas públicas. Podemos observar também a partir das constatações de Nieto (2014):

[...] la ciudad de Brasileia se ha convertido en la plataforma de distribución de los migrantes haitianos. Las empresas interesadas en contratar haitianos, toman contacto con el responsable del campamento quien trabaja para la Secretaría de Derechos Humanos de Estado de Río Branco. En algunos casos, los empresarios viajan a Brasileia para explicar las condiciones de trabajo, salarios, condiciones de vida, etcétera. (NIETO, 2014, p. 62)

O autor evidencia que, em 2012, quando o visto humanitário para os haitianos foi criado, o governo passou a desempenhar funções na acolhida aos imigrantes desta nacionalidade e também com relação ao trabalho. Segundo Nieto (2014), o Estado Brasileiro cuidava da seguridade dos trabalhadores haitianos e obrigava as empresas que contratavam os imigrantes a assinarem formulários, além de fiscalizar as empresas para que não houvesse exploração dos trabalhadores imigrantes.

Assim, por um lado, podemos levantar a hipótese de que, a partir desses fatores, os haitianos consideram os empregos formais como formas de garantias de seus direitos. Um dos tópicos que mais surgiram nas entrevistas foi a questão do acidente de trabalho, em que os imigrantes relataram que precisariam da CTPS caso acontecesse qualquer coisa com eles, isto é, apresentaram uma forte resistência ao mercado informal.

Por outro lado, também podemos levantar a hipótese que os haitianos, por já enfrentarem más condições sociais e econômicas em seu país de origem, e por terem uma norma regulamentada de tipo de entrada para o Brasil, preferem esta mesma legalidade para a inserção profissional. Devemos lembrar que o Haiti já apresentava ser um Estado frágil antes do terremoto de 2010 e, depois disso, se transformou em um “Estado fantasma”, como argumenta Feldmann (2013, p.32). Segundo o autor, o país, que apresenta um dos IDH mais baixos do mundo, não se mostra capaz de oferecer as políticas públicas básicas, nem garantir a justiça e a infraestrutura necessária para a sua população. Neste sentido,

El Estado es incapaz de recaudar impuestos y carece de un sistema burocrático en funcionamiento. La mayoría de la población trabaja en sectores en los que se opera en negro. El país también padece una grave degradación ambiental y un agotamiento de recursos asociado al vertiginoso crecimiento de la población. (FELDMANN, 2013, p.32)

E esta característica disfuncional do Estado é consequência de um longo processo histórico, desde antes da Revolução de 1804 e, em seguida, quando a população enfrentou uma crise agrária que acarretou transformações no padrão urbanístico. Neste contexto, o terremoto de 2010 aumentou ainda mais a vulnerabilidade do país caribenho, que teve um elevado grau de destruição (FELDMANN, 2013).

O pesquisador ainda aponta que uma das relações da disfuncionalidade do Estado com a emigração foi a incapacidade do Estado após o terremoto de 2010. Com a catástrofe e as destruições, o governo não foi capaz de liderar as operações de resgate e de busca, não apresentou assistência médica e os sobreviventes tiveram que agir sem forças unificadas do país. Diante dessa fragilidade do Estado e do contexto de crise humanitária, temos deslocamentos massivos de haitianos para outros locais (FELDMANN, 2013).

Sendo assim, neste capítulo destacamos que os senegaleses possuem uma rede de contatos entre eles consolidada e se dispõem ao trabalho informal, enquanto os haitianos não possuem uma rede específica entre eles e se apegam à legalidade do trabalho. Devemos lembrar que há diversos fatores envolvidos nas trajetórias e estratégias de trabalho dos imigrantes, no entanto, as características acima mencionadas foram as principais tendências encontradas nesta pesquisa. E a seguir mostraremos algumas hipóteses explicativas que podem justificar estes fatores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de Mestrado teve como principal objetivo descrever as trajetórias e estratégias de trabalho que os imigrantes haitianos e senegaleses apresentaram em Porto Alegre, entre os anos de 2010 e 2016. As migrações haitiana e senegalesa – principais nacionalidades estrangeiras no estado gaúcho na atualidade (UEBEL, 2015) – representam a nova onda imigratória para o Brasil, que passou a atrair, principalmente, africanos e caribenhos, tendo o seu *boom* nos anos de 2013 e 2014. Estes novos fluxos mostram uma diversificação no perfil dos imigrantes que o Brasil costumava receber ao longo da história, como apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho.

Sobre o contexto do Haiti, ressaltamos as más condições socioeconômicas do país, o terremoto catastrófico de 2010 e, a partir disso, a emigração como característica desta população, cuja população costuma migrar, especialmente, para países como Estados Unidos e República Dominicana. A partir de estimativas levantadas de que quase metade da população está fora do país, podemos chamar de uma diáspora haitiana, como defende Handerson (2015).

A vinda dos haitianos para o Brasil também pode ser explicada pelas relações existentes entre os dois países: desde 2004, o Brasil lidera a MINUSTAH e contribui com tropas militares na ilha caribenha, o que incentivou o contato dos haitianos com o nosso país. A partir do aumento do ingresso dos haitianos no Brasil, foi criado o Visto Humanitário, em 2012, com o propósito de regularizar estes imigrantes que não se enquadravam nas solicitações regulares de refúgio.

O Senegal apresenta similaridades com o país caribenho, como a emigração de sua população e as estratégias familiares em busca de ascensão social com o investimento da mobilidade de um membro e, depois, o envio das remessas por ele aos familiares que permaneceram no país de origem. Os principais destinos do deslocamento dos senegaleses, historicamente, são países como Espanha, Itália e Estados Unidos (JABARDO, 2011). Diferentemente do Haiti, o Senegal tem a religião islâmica predominante em

seu perfil e, com isso, tradições e valores culturais e, ainda, relações específicas com o mercado de trabalho.

A partir das entrevistas realizadas, percebemos que as trajetórias de trabalho no mercado formal que os haitianos e senegaleses apresentaram em Porto Alegre e, anteriormente, em outras cidades do Rio Grande do Sul e Brasil foram semelhantes. As principais atividades econômicas desenvolvidas pelos imigrantes se concentram na construção civil, na linha de produção e limpeza, no abate de aves, em restaurantes, como já eram indicadas pelo relatório da OBMigra de 2016 no âmbito nacional e também estadual (UEBEL, 2015). Sobre as condições de trabalho no mercado formal, tanto os haitianos quanto os senegaleses enfrentaram situações de racismo e xenofobia, trabalho pesado, além de demissões e falta de oportunidades devido à crise econômica no contexto da pesquisa.

De acordo com as trajetórias de trabalho dos entrevistados, salientamos que não há uma tendência única para haitianos e outra para os senegaleses. Como descrevemos, existem diversas variáveis que estão em jogo e a dissertação não foi capaz de dar conta de todas. Sobre as distintas estratégias de trabalho dos imigrantes haitianos e senegaleses em Porto Alegre, a maior tendência encontrada nesta pesquisa é que os senegaleses se associam e se dispõem a ir ao comércio ambulante, ao trabalho informal; e os haitianos não têm esse poder de associação e se apegam à legalidade do trabalho, do emprego. Porém, isso é apenas uma tendência, uma vez que não temos uma amostra estatisticamente significativa e nem todos os entrevistados apontam para o mesmo.

A nacionalidade senegalesa apresenta um capital social representado pela criação da associação e pela formação da Daira, uma confraria muçulmana na cidade de Porto Alegre. E essa rede de contatos entre os senegaleses, com seus valores culturais e religiosos trazidos de seu país de origem, juntamente com a articulação em cadeia entre esses imigrantes no Brasil, influencia a inserção no trabalho informal dos senegaleses, especificamente no comércio ambulante. Ademais, este capital social e as práticas de vendedores ambulantes de acessórios e eletrônicos entre os senegaleses são constatados em outros países que são destino de sua mobilidade, como Espanha (JABARDO, 1993; 2011) e Argentina

(KLEIDERMACHER, 2013). E como Truzzi (2008) salienta, o capital social existente entre os imigrantes desempenha um papel importante para a inserção laboral e social dos sujeitos em mobilidade, e não é visto em todos os fluxos migratórios internacionais.

Sobre o comércio ambulante, uma característica bastante interessante que surgiu nas entrevistas, tanto por parte dos haitianos quanto dos senegaleses, é que “vender não é trabalho” ou “não achei trabalho, tive que ir vender”. Com estes relatos, podemos observar que também há uma contradição, na medida em que nem todos os senegaleses vendem nas ruas a ponto de ser uma característica. A partir disso, levantamos a hipótese de que talvez o desejo de ter uma carteira assinada levasse os senegaleses a mencionarem a venda como não sendo um trabalho, porque não é um emprego formal. Neste sentido, muitos almejam um emprego formal, mas por uma série de motivos, acabam no comércio ambulante. Nesta situação, alguns senegaleses relatam que estão bem neste tipo de atividade econômica, no entanto, outros demonstram ter problemas com isso, pelo fato de não possuírem um emprego formal.

Já na nacionalidade haitiana, não foi constatada uma rede específica e consolidada entre estes imigrantes em Porto Alegre, como já apontava Nieto (2014) em sua pesquisa sobre haitianos no Norte do Brasil. Como o pesquisador evidencia, o acolhimento dos caribenhos no país vem sendo realizado por setores públicos e organizações, como as Igrejas Católica e Pentecostal. Diante disso, podemos levantar a hipótese de que a inserção dos haitianos em igrejas nacionais enfraquece a formação de uma cadeia específica entre eles, além do vodu (principal prática religiosa no Haiti) não ser professado publicamente pelo estigma existente na sociedade, como aponta Handerson (2015). Dessa forma, isso não contribuiria para uma congregação mais fechada entre os haitianos, como acontece com as confrarias muçulmanas senegalesas.

Outro aspecto que podemos levar em conta para a análise é que o número de haitianos que ingressa no Brasil é muito maior que o de senegaleses. Gonçalves e Koakoski (2015) destacam que a formação de associações e de confrarias religiosas dos senegaleses no Rio Grande do Sul e em outros locais seria uma maneira de reconhecimento social de sua

nacionalidade. Já a integração dos haitianos em igrejas nacionais ainda necessita de estudos, como os próprios autores também argumentam.

Mesmo que os haitianos apresentem o trabalho informal e o comércio ambulante em sua economia de origem, eles afirmam que no Brasil há mais regras e não há espaços delimitados para este tipo de trabalho como existe no Haiti – como ilustramos com os extratos das entrevistas. Assim, uma tendência na nacionalidade haitiana como estratégia de trabalho em Porto Alegre é o apego à legalidade do emprego, que se observa pela ausência dos entrevistados haitianos no mercado informal.

Diante desta característica da legalidade, outra hipótese que podemos levantar é que no Haiti não há uma institucionalidade e pode ser um dos objetivos da vinda ao Brasil, como menciona Feldmann (2013), que mostra que as migrações haitianas são impulsionadas pela disfuncionalidade e fragilidade do Estado. A partir disso, o deslocamento para o Brasil seria motivado pelo mercado de trabalho, pela carteira de trabalho, por seus benefícios e isso representaria um ganho para eles. No entanto, sobre o Brasil apresentar melhores condições que o Haiti, não há um consenso, há haitianos que pensam que o Brasil, mesmo com a crise, está melhor que na ilha caribenha e outros que sentem vontade de voltar a suas origens porque não estão satisfeitos com o que têm no momento.

Outra hipótese que elencamos é que a procura da legalidade no trabalho pelos haitianos pode estar relacionada ao tipo de estratégia familiar, em que muitos haitianos desejam a reunificação familiar no Brasil e, assim, preferem a segurança e a estabilidade do emprego. E a migração senegalesa teria uma característica mais individual (UEBEL, 2015), isto é, os senegaleses, em sua maioria, migram sozinhos para o país e, dessa forma, a legalidade do emprego não seria uma preocupação.

Além disso, podem-se considerar as diferenças no tipo de documentação de entrada no país dos haitianos e senegaleses como influências na inserção laboral. Os haitianos, por terem direito ao visto humanitário, apresentam vantagens em sua regularização e, por ter um tipo de acolhimento e de integração mais institucional por parte dos setores do Estado após a criação deste visto (em 2012), podem desenvolver estratégias de

trabalho mais formais devido às questões envolvidas na tramitação deste documento.

O que consideramos acima são hipóteses explicativas que levantamos a partir dos dados empíricos e de pesquisas referenciadas, e refletem uma tendência, uma vez que não temos uma amostra estatisticamente significativa. Como são apenas hipóteses, elas necessitam de pesquisas futuras para serem demonstradas. As variáveis expostas foram encontradas, porém ainda não conseguimos explicá-las devido às relações complexas envolvidas nesta temática.

É importante salientar que também percebemos que a imigração dos haitianos e senegaleses não pode ser simplesmente enquadrada como “deslocamento essencialmente econômico”. Apesar das circunstâncias favoráveis para a migração no Brasil – como explicadas nesta Dissertação – os imigrantes não buscam apenas um trabalho no novo destino.

As entrevistas nos mostraram que nem todos os imigrantes são pobres ou fogem da miséria de seu país. Os haitianos e senegaleses também procuram melhores condições de vida, que podem ser impulsionadas por estratégias familiares, em que a migração já é uma característica de outras gerações. Assim, a migração, em alguns casos, representa um sonho familiar, em que há todo um investimento coletivo baseado no cuidado transnacional em que o indivíduo migrante é o protagonista deste sonho, deste projeto de vida para toda uma cadeia familiar.

Ademais, alguns dos haitianos e senegaleses podem não ter a migração como um sonho familiar, apenas um acontecimento impulsionado por questões midiáticas ou sociais. Muitos deles são jovens e, neste sentido, “tentar a vida”, descobrir novas oportunidades - educacionais, laborais, afetivas – em diferentes lugares, faz parte de uma fase, que é característica de jovens do mundo inteiro.

O que percebemos é que, mesmo que os sujeitos não migrem apenas para fins laborais, o trabalho acaba se tornando um ponto crucial para a permanência dos haitianos e senegaleses no Brasil. Além da renda, o trabalho desenvolve um tipo de acolhimento, integração e percepção da nova sociedade.

Como descritos na introdução desta dissertação, ambos os processos migratórios para o Brasil são recentes e as suas dinâmicas ainda estão em fase de construção. No entanto, a partir da pesquisa empírica local realizada, podemos problematizar os vínculos familiares, sociais e laborais dos imigrantes, que acabam refletindo os processos transnacionais destes deslocamentos. Não podemos considerar que os haitianos e senegaleses não possuem agência, pois apesar de suas características estruturais semelhantes, os imigrantes apresentaram especificidades, como nos motivos da migração, na integração local, na inserção pelo trabalho, entre outros aspectos que circundam o processo migratório para o Brasil.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. Trabalho. In: Antonio David Cattani; Lorena Holzmann (Orgs.), **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre. Editora Zouk. 2011.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBERO, Iker. **Ciudadanía y nuevos orientalismos**. La legitimación de los regímenes de inmigración. Simposio Internacional Justicia, Migraciones y Exilios, Madrid, 2011.

BAVA, Sophie. De la “baraka aux affaires”: ethos económico-religieux et transnationalité chez les migrants sénégalais mourides. In: **Revue européenne des migrations internationales**, v. 19, n. 2, 2003.

BORJAS, George. J. The economics of immigration. **Journal of Economic Literature**, 32 (4):1667-1717. 1994.

BOURDIEU, Pierre. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.) **Escritos de Educação**, 3ª ed, Petrópolis, Vozes, 1986.

CAMPOS, Marden Barbosa. **Dimensão espacial das redes migratórias**. Redes, Santa Cruz do Sul, Online, v. 20, n. 3, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 1999.

CAVALCANTI, Leonardo; BRASIL, Emmanuel; DUTRA, Delia. A Movimentação dos imigrantes no mercado de trabalho formal: admissões e demissões. In: Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Araujo, D. (Orgs.). **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Relatório Anual 2016. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2016.

CAVALCANTI, Leonardo. **Imigração e Mercado de Trabalho no Brasil**. In: Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Araujo, D. (Orgs.). A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2016. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2016.

CESARO, Filipe Seefeldt de; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Migração senegalesa e mouridismo: um breve exercício interpretativo**. In: A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares. TEDESCO, J. C; KLEIDERMACHER, Gisele (Orgs). Porto Alegre, EST Edições, p.255 – 274, 2017.

COGO, Paulo Sérgio Fernandes. Trajetórias profissionais. In: Antonio David Cattani; Lorena Holzmann (orgs.). **Dicionário de Trabalho e tecnologia**. 2 ed. rev. ampl. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, v. 94, p. 95 – 120, 1988.

COSTA, Pedro Conzatti; VARGAS, Breno Hermes Gonçalves. Trabalho e Migração no Brasil: perspectivas atuais do contexto migratório-laboral. In: **Múltiplos Olhares: migração e refúgio a partir da extensão universitária**. Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados (Orgs). 2016.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios**. Dissertação de Mestrado. Porto Velho, 2014.

DELGADO, Manuel Ruiz. Quién puede ser inmigrante en la ciudad? In: **Exclusión Social y Diversidad cultural**. Donostia. Tercera prensa, p. 9 – 24. 2003.

DOMENECH, Eduardo. **Migraciones internacionales y Estado nacional en la Argentina reciente**. De la retórica de la exclusión a la retórica de la inclusión. III Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, ALAP, Córdoba, Argentina, septiembre de 2008.

DUTRA, Cristiane Feldmann. **Além do Haiti: uma análise da imigração haitiana para o Brasil**. Lumen Juris, Rio de Janeiro, 2016.

FELDMANN, Andreas E. El “Estado fantasma” de Haití. **Migraciones forzadas revista**. Estados de fragilidade, n. 43. Julio de 2013

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Consolação. **Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e diálogo bilateral**. Belo Horizonte, 2014.

FERRACINI, Kelly. **Fluxos Migratórios, Território, Institucionalidades, Contornos de um Debate na Cidade de São Paulo**. XVII Enanpur, São Paulo, 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa**: um guia para iniciantes. Penso, Porto Alegre, 2013.

GOLDBERG, Alejandro; SOW, Papa. Migrantes senegaleses en Argentina: contexto sociopolítico-laboral y vulneración de derechos. In: **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares**. TEDESCO, J. C; KLEIDERMACHER, Gisele (Orgs). Porto Alegre, EST Edições, p. 117 – 134, 2017.

GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos; KOAKOSKI, Yan Cássio. “Salaam Aleikum”: o aspecto religioso na dinâmica migratória dos senegaleses para

Caxias do Sul, RS. In: **Migrações internacionais: o caso de senegaleses no Sul do Brasil**, Quatrilho, Caxias do Sul, Brasil, 2015.

GUILHERME, A.J; PAULA; L.C; DUTRA, L. C. M. Perspectivas dos “novos” fluxos migratórios no Brasil: o caso de haitianos(as) residentes da Zona Norte de Porto Alegre. In: **Múltiplos Olhares: migração e refúgio a partir da extensão universitária**. Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados (Orgs). 2016.

GUILHERME, A. J; PAULA, L. C. **Perspectivas da Inserção de Imigrantes Haitianos em Porto Alegre**. In: 7º Seminário Nacional Sociologia e Política: Instituições e Democracia na América Latina, 2016, Curitiba. Anais VII Seminário Nacional de Sociologia & Política, 2016.

HANDERSON, Joseph. **Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

JABARDO, Mercedes Velasco. Las lógicas de la inmigración senegalesa en España. **Revista de Derecho Migratório y Extranjería**, 2011.

_____. **Senegaleses em Espanha. Conexiones entre origen y destino**. Madrid, Espanha, 2006.

_____. **Inmigrantes marroquies y senegaleses en Alicante y Castellon**. Características demográficas, sócio-económicas, culturales y de habitat. Alicante: Universidad, 1993.

JELDES, Patricia Valenzuela et al. Integración laboral de los inmigrantes haitianos, dominicanos y colombianos em Santiago de Chile. **Revista Antropologías del Sur**, n. 2, p. 101 – 120, 2014.

KLEIDERMACHER, Gisele. Entre confradías y venta ambulante: una caracterización de la inmigración senegalesa en Buenos Aires. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 38, 2013.

LACOMBA, Joan. Inmigrantes senegaleses, Islam y confradías. **Revista Internacional de Sociología**, 29. CSIC, mayo-agosto, 2001.

MASSEY, Douglas. **Economic development and international migration in comparative perspective**. Population and Development Review, 14, p. 383 – 413, 1988.

MASSEY, Douglas et al. **Theories of International Migration: A Review and Appraisal**. Population Council, 1993.

MAESTRO, Susana Moreno. La Confradía Mouride en la Emigración Senegalesa: Agente de Desarrollo? In: Palenzuela, P. Gimeno, J. C (coords). **Culturas y desarrollo en el marco de la globalización capitalista**. Sevilla, 2006.

MELLO, Luciana Garcia de. **A luta do rochedo contra o mar: integração e racialização nos mercados de trabalho brasileiro e francês.** Tese (Doutorado em Sociologia), UFRGS, 2010.

MOCELLIN, Maria Clara. Senegaleses na região central do Rio Grande do Sul: deslocamentos, trabalho, redes familiares e religiosas. In: **Migrações internacionais: o caso de senegaleses no Sul do Brasil**, Quatrilho, Caxias do Sul, Brasil, 2015.

_____, Deslocamentos e trabalho ambulante entre jovens senegaleses no Rio Grande do Sul. : In: **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares.** TEDESCO, J. C.; KLEIDERMACHER, G. (Orgs). Porto Alegre, EST Edições, p. 339 – 358, 2017.

NIETO, Carlos. **Migración haitiana a Brasil: redes migratorias y espacio social transnacional.** 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2014.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. A inserção dos estrangeiros no mercado de trabalho formal: o que nos diz a RAIS? In: Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Araujo, D. (Orgs.). **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro.** Relatório Anual 2016. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2016.

OLIVEIRA, Vanessa Batista; LINS, Mateus Rodrigues; COLARES, Thiago Pessoa. **A Relação de Trabalho do Imigrante Ilegal:** uma análise constitucional da proteção aos direitos fundamentais e do acesso à justiça trabalhista. R. Defensoria Públ. União, Brasília, 2016.

PORTES, A.; BACH, R. **Latin journey:** cuban and mexican immigrants in the United States. Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 1985.

PORTES, Alejandro. **Capital social:** origens e aplicações na sociologia contemporânea. Sociologia, Problemas e Práticas, v. 33, p. 133 – 158, 2000.

PATARRA, Neide Lopes. **Migrações internacionais:** teorias, políticas e movimentos sociais. Estud. Av., v. 20, n. 57. São Paulo, 2006.

PUCCI, Fabio Martinez Serrano. **Bolivianos em São Paulo:** redes, territórios e a produção da alteridade. Red de bibliotecas virtuales de Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), Buenos Aires, 2013.

REDIN, Giuliana. MINCHOLA, Luís A. Bittencourt. Imigrantes senegaleses no Brasil: tratamento jurídico e desafios para a garantia de direitos. In: **Migrações internacionais: o caso de senegaleses no Sul do Brasil**, Quatrilho, Caxias do Sul, Brasil, 2015.

RIBAS, Natália M. **Una invitación a la sociología de las migraciones**. Ed. Bellaterra, 2004.

ROTH, W. D. **Race migrations: latinos and the cultural transformation of race**. Redwood, CA, Stanford University Press, 2012.

ROCHA, Eduardo Rodríguez. **Práticas econômicas de migrantes chinos y senegaleses en la ciudad de Córdoba**. REHMU, v. 25, n. 49, Brasília, 2017. p. 215 - 231

SAKHO, P; DIOP, R. A; MBOUP, B. DIADIOU, D. A Emigração internacional senegalesa: das casas no campo às cidades litorâneas. In: Vânia Beatriz Merlotti Herédia (org.) **Migrações internacionais: o caso de senegaleses no Sul do Brasil**, Quatrilho, Caxias do Sul, Brasil, 2015.

SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas. 2014.

SUÁREZ - NAVAZ, Liliana. **Estrategias de pertenencia y marcos de exclusión: colectivos sociales y estados en un mundo transnacional**. Standford University, California, EEUU, 1996.

_____ Un nuevo actor migratório: jóvenes, rutas y ritos juveniles transnacionales. In: OLMOS, F. C; OLMOS, J. C.; GARRIDO, A. A. (Ed) **Menores tras la fronter: outra migración que aguarda**. Icaria: Antrazyt, p. 17 – 50. 2006

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Teorias das migrações internacionais**. XII Encontro Nacional da ABEP, GT de Migração, Caxambu, outubro de 2000.

TEDESCO, J.C.; GRZYBOVSKI, D. **Dinâmica migratória dos senegaleses no norte do Rio Grande do Sul**. R. Bras. Rio de Janeiro, v. 30, n. 1; p. 317 - 324, jan - jun, 2013.

THOMAZ, Diana Z. **Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas**. Primeiros Estudos, São Paulo, 2013.

TIENDA, M.; LII, D.T. **Minority concentration and earnings inequality: blacks, hispanics, and asians compared**. American Journal of Sociology, 93 (1): p. 141-165, 1987.

TRUZZI, Oswaldo. **Redes em processos migratórios**. Tempo Social Revista de Sociologia, v. 20, n. 1, 199 – 218, 2008.

UEBEL, Roberto. **Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o RS no início do século XXI: redes, atores e cenários**

da imigração haitiana e senegalesa. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFRGS, 2015.

VILELA, Elaine Meire; COLLARES, Ana Cristina Murta; NORONHA, Cláudia Lima Ayer de. **Migrações e Trabalho no Brasil**: fatores étnico-nacionais e raciais. RBCS, vol. 30, n. 87, 2015.

VILELA, Elaine Meire. **Desigualdade e discriminação de imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro**. Dados – Revista de Ciências Sociais, 54 (1): 89 - 129, 2011.

ZAMBERLAM, Jurandir et al. **Os novos rostos da imigração no Brasil**. Porto Alegre, Solidus, 2014.

7. APÊNDICE

7.1 Roteiro de entrevista com imigrantes haitianos e senegaleses

1. Identificação

- Idade
- Local de origem
- Escolaridade

2. País de origem

- O que você fazia antes?
- Deixou família lá?
- Por que e como escolheu o Brasil?
- O que veio buscar?
- Quanto tempo levou o planejamento da viagem?
- A sua família ajudou?
- O que você esperava antes de vir ao Brasil?
- Já conhecia alguém aqui?

3. Trajeto

- Você veio direto de avião ou passou por outros locais até chegar aqui?
- Como está a sua documentação?
- Foi para outro país antes? - Ficou muito tempo lá?

4. Brasil

- Quando chegou ao Brasil?
- Porto Alegre foi a sua primeira cidade?
- Você está trabalhando? Em quê?
- Como conseguiu o trabalho?
- E quais outros lugares você trabalhou?
- Você gosta de seu trabalho?
- Acha o salário bom?

- Tem algo de diferente com relação ao trabalho aqui com o seu país?
- Você prefere trabalho com CTPS?
- Trabalharia sem carteira?
- No seu país você tinha CTPS? Como é lá?
- Tentou trabalhar na sua área?
- Consegue juntar algum dinheiro?
- Você manda algum dinheiro para a família?

5. Percepções sobre o Brasil/Futuro:

- O que achou do Brasil?
- Teve dificuldades aqui?
- E favoráveis? O que teve de bom?
- O Brasil está sendo como você esperava?
- Se não, você pensa em voltar? Por que prefere ficar aqui?
- O que você espera daqui pra frente?
- Tem planos de voltar para seu país?
- Quer trazer a família?
- O que é uma boa vida para você?
- Alguns jornais mostram que mostram que muitos imigrantes estão indo embora ou voltando para o seu país, o que você acha disso? Você tem conhecidos que estão voltando?

7.2 Roteiro de entrevista com a coordenadora do Centro de Atendimento ao Migrante

1. Trabalho no CAM:

- Há quanto tempo você trabalha no CAM? Como é o trabalho no CAM?
- Poderia contar um pouco de suas experiências com os imigrantes?

2. Haitianos e senegaleses

- Quais as principais demandas dos haitianos e senegaleses no CAM?

- Com relação à inserção pelo trabalho destes imigrantes, o que você percebeu? Tem diferenças com relação à nacionalidade?
- Quais similaridades e diferenças entre haitianos e senegaleses?

3. Momento atual

- Percebe uma diminuição no número de imigrantes este ano com relação a 2013 e 2014?
- Você percebeu algum arrependimento dos imigrantes em virem para o Brasil?
- Por que você acha que aqueles que não estão bem aqui não voltam para o país de origem?
- Realmente existem muitas oportunidades de emprego para eles no RS?
- Você acha que eles estão “se dando bem”?